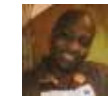




"Ninguém visita" "Eu tinha filhos que gostavam de mim, acredito que, se fossem vivos, nós não passaríamos pela triste situação que enfrentamos

actualmente. Eu e o meu marido não podemos ir ao hospital por falta de transporte ou de alguém que nos acompanhe, não temos quem cuide de nós durante a noite, a senhora que nos tem prestado alguma assistência só vem no período da manhã, faz a limpeza, serve...Ver mais

Ontem às 9:22 • 9 pessoas gostam disto.

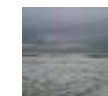


Osvaldo Auziane é triste por filhos no mundo cuidar deles até serem o k são e no final ser abandonado... Ontem às

9:24



Miguel De Sá Sotomaior É! ... A chamada 'civilização' (seja lá isso o que for!) tem destas coisas. Pena que Moçambique esteja perdendo, a bem de um suposto 'desenvolvimento' social, um dos seus melhores costumes, a união familiar e o respeito pelos mais velhos que ancestralmente fizeram com que os filhos sempre cuidassem dos pais, sem necessidade dos locais deprimentes do Mundo Ocidental, dito evoluído, como Lares de Terceira Idade e Centros de Dia ... É triste! Por favor não deixem perder o que a sociedade moçambicana sempre teve de bom. Ontem às 9:39



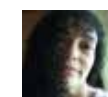
Maria Joao Fernandes é triste. Ontem às 9:42



Wanda Eulave Nunes É trist... Ontem às 9:49



Orcia Armando Sao os ditos curandeiros k mentiram para os familiares desses idosos acredito k disseram k sao feiteiros. No entanto os familiares tem medo. As pessoas pensam muito mal quer dizer k uma pessoa quando torna se velho vira feiteiro? Que mundo é esse onde se abandona idosos os tais familiares nao iram ficar velhos que pena mas Deus é k sabe. Ontem às 9:56



Glória Vilbro Li esta reportagem. Triste demais! Como é possível ter pessoas perto de nós, tão tristes, tão sozinhas, e não fazer nada para ajudar? Ontem às 10:06



Rui Malunga A essencia do dito desenvolvimento tende a tornar as pessoas "umbiguistas" ou seja eu e somente sou a razão meio e fim de mim mesmo este malfadado pensar mata a fraternidade e descarta a caridade, é tempo de reaver a solidariedade Ontem às 10:47



Adécia Mariza Arlindo **Manjate** Este País nem parece d pexoas k rezam a Deus... É mto triste, eu nem consigo imaginar a dor deles... ms Deus les vai ajudar Ontem às 11:02



Mucipo Dos Santos Com razao.como devemos dar o nosso contributo Ontem às 11:02



Tomas Rodrigues Rodrigues nao ha como dar Ontem às 14:06



Carlos Timbana E' sempre assim quando pequenos eles cuidavam de nos, e agora temos que cuidar deles... Meus irmaos vamos cuidar de quem se preocupou conosco nos primeiros dias da nossa vida, nao deixemos eles desamparados, porque um dia nossos filhos farao o mesmo conosco... Ontem às 14:44



Yuran Jacinau São nesses momentos que descobrimos, quem são os nossos verdadeiros amigos! há 22 horas

Quando a farda significa permissão para roubar...

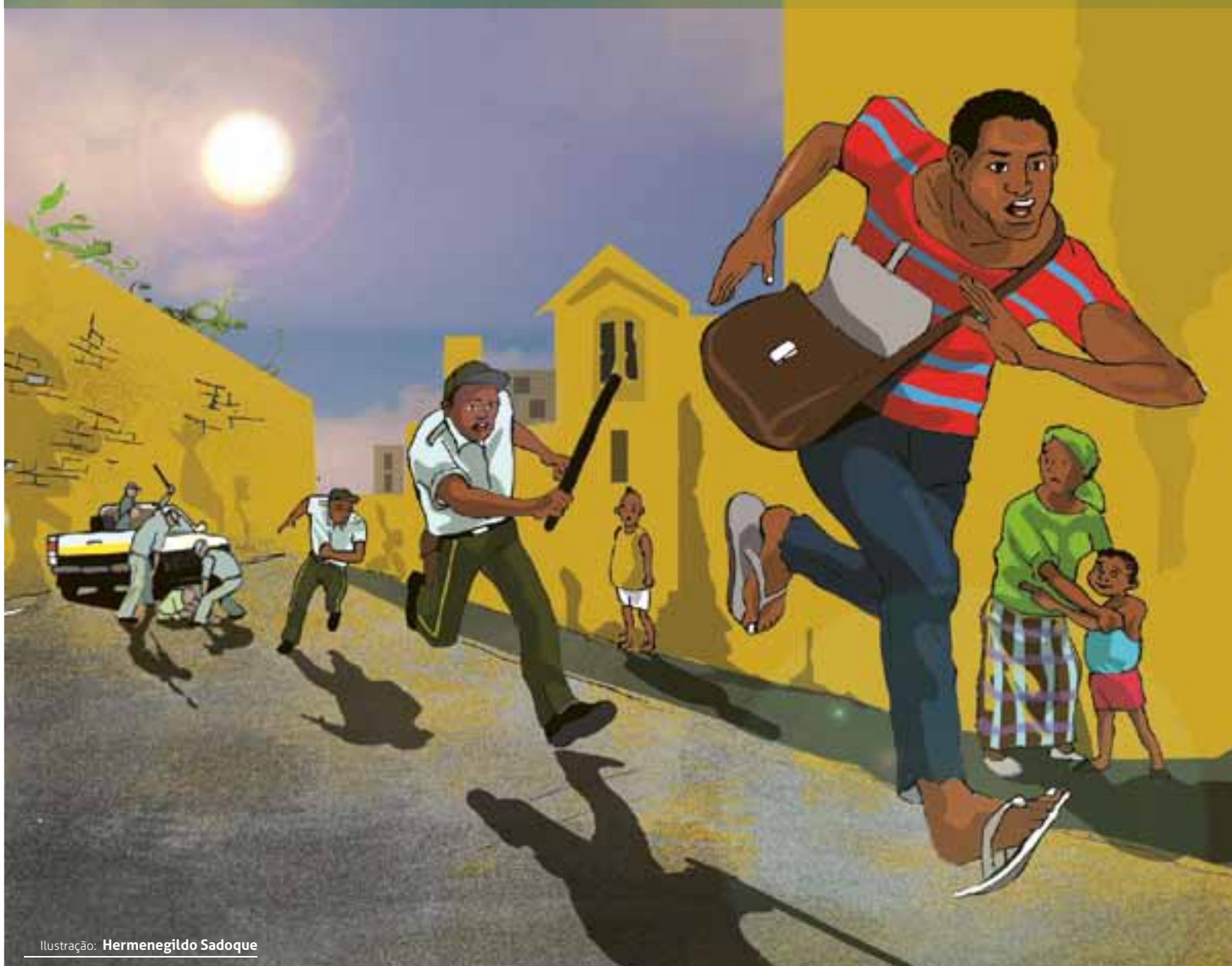


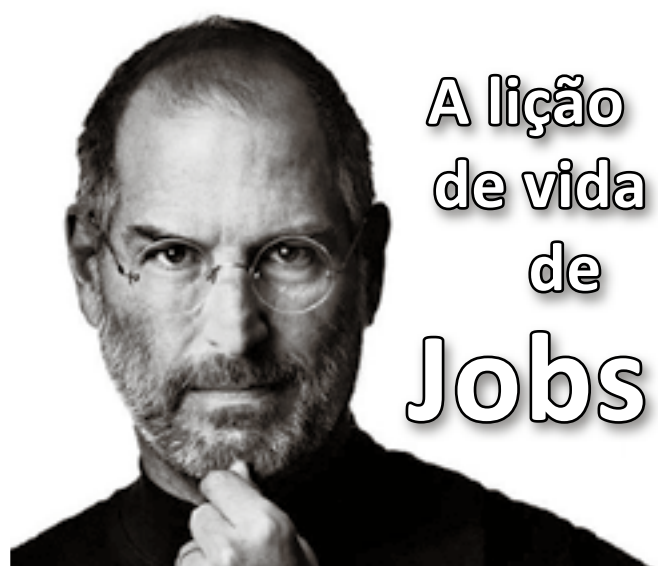
Ilustração: Hermenegildo Sadoque

DESTAQUE 16/17

Será que o hóquei agora é prioritário?



DESPORTO 20



A lição de vida de Jobs

TECNOLOGIAS 24

Um poeta urbano

PLATEIA 27

Maputo	Sexta 14	Sábado 14	Domingo 16	Segunda 17	Terça 18
					
	Máxima 28°C Mínima 20°C	Máxima 34°C Mínima 19°C	Máxima 27°C Mínima 20°C	Máxima 24 °C Mínima 18°C	Máxima 28°C Mínima 18°C

Inhagóia: um bairro esquecido



Texto: Hélio Norberto • Foto: Miguel Mangueze

A história deste bairro começou bem antes da independência e, em tempos idos, era conhecido como “receptáculo” dos recém-chegados da província de Inhambane. Porém, o tempo passou e os bitongas e os chopes já não constituem a maioria da população. Não obstante, até os dias de hoje Inhagóia é considerado o bairro daqueles grupos étnicos.

Os vestígios da passagem dos “bitongas” por Inhagóia são inúmeros e os enormes coqueiros são disso um exemplo, enquanto dos “chopes”, as mafureiras que sobressaem aos olhos de quem por lá passa vincam a passagem desta etnia pelo bairro.

Os nomes Nhagoiene e Ka Nhagóia são uma marca indelével da passagem dos bitongas e dos chopes”. Para os primeiros, o bairro chama-se “Nhagoiene” e, para os segundos, é nada mais, nada menos que “Ka Nhagóia”.

À semelhança de muitos outros bairros da cidade de Maputo, Inhagóia debate-se com sérios problemas de saneamento e distribuição da rede eléctrica, fruto de um crescimento desordenado. A ausência de parcelamento tem provocado o êxodo. Alguns moradores queixam-se da construção desordenada de casas que a cada dia que passa vai engolindo as ruas impedindo a circulação de veículos automóveis.

Porquê “Inhagóia”?

O secretário do bairro, Felisberto Soquição, conta que o nome Inhagóia, vem da palavra “góia”. A história remonta ao período colonial, quando um cidadão português, de nome Lima, foi expulso da zona onde residia no centro da cidade, concretamente na zona em que hoje está erguida a Assembleia da República.

Lima foi, depois da referida expulsão, instalar-se na zona da ROMOS (Av. do Trabalho, em Maputo), onde hoje está instalada a empresa Toyota de Moçambique. Para seu azar, Lima foi mais uma vez expulso e, já cansado dessas idas e vindas, decide ocupar o espaço que

hoje é tido por Inhagóia.

Com a sua chegada, os nativos, tendo tomado conhecimento da sua triste jornada, atribuíram-lhe o nome de “góia”. Na língua Ronga, “goia” é o nome atribuído a um gato sem lar, que vagava de casa em casa.

Daí, as pessoas que se dirigissem ao que hoje se chama de Inhagóia, sempre que o fizesse diziam “Hiya ka mwa Góia” (Ronga), o que traduzido para na língua portuguesa quer dizer “vamos à Goia”. Os portugueses, que na altura colonizavam Moçambique, sintetizaram o “Hiya ka mwa Goia” usado pelos Rongas. Desta forma surgiu o nome do bairro e até hoje prevalece, com ou sem “góias”.

Hoje o bairro está dividido em duas partes, nomeadamente “A” com 38 quarteirões e a “B” com 28.

Pântanos que perigam a saúde pública

A zona baixa do bairro, que é limitada pelo Vale do Infulene, é o maior local de concentração de mosquitos. Constituída por terras argilosas, o mais agravante é o facto de existir capim, com altura desmedida, cujo crescimento parece impossível de se parar devido à humidade.

A zona pantanosa parece um ponto a que o desenvolvimento não chegou. As construções precárias com chapas de zinco a reivindicarem substituição são o melhor que se pode encontrar em termos de habitação. Porém, há também residências de caniço, de lona, papelão e de esteiras que surgem todos os dias.

Além das deploráveis condições físicas da zona, há vários outros factores que parecem contribuir para o iminente perigo à saúde pública, como é o caso da partilha de latrinas sem as mínimas condições de higiene. Em alguns casos mais de 20 pessoas servem-se da mesma retrete.

O mais grave é que a profundidade das covas que são usadas como latrinas é quase que nula, visto que, ao cavar-se os primeiros 50 centímetros, a água

proveniente do lençol freático emerge impossibilitando a progressão das escavações.

Alguns moradores afirmam que dificilmente se faz uma latrina com mais de um metro de profundidade. Teoricamente, estamos a falar de um bairro da cidade de Maputo onde defecar a céu aberto é normal.

Há relatos de que Inhagóia nem sempre foi assim. Apontam-se as cheias de 2000 como o mo-

“Queremos uma escola secundária”

Com uma população de 16.408 habitantes, o bairro de Inhagóia conta com apenas duas escolas do nível primário. Para os níveis restantes, os residentes socorrem-se da EPC Unidade 2, que para além do ensino primário lecciona também o nível básico e secundário. Outra opção para quem quer continuar com os estudos para além do nível primário é a Escola Secundária Zedequias Manganhela, localizada no bairro 25 de Junho. Quando se perguntou ao secretário do bairro sobre o que se tem estado a fazer para colmatar esta situação, este referiu que, até agora, nada está projectado ao nível do bairro, e não tem conhecimento de qualquer projecto a nível do Governo central, que visa solucionar o problema.

tor da desgraça que o bairro é hoje. Segundo os populares, a renitência de algumas pessoas face às mudanças, associada à procura de habitação própria, é um dos principais obstáculos ao desenvolvimento do bairro.

Na sequência das cheias, algumas pessoas foram retiradas daquela zona para outros bairros, com destaque para Magoanine “C” (Matendene), porém, grande parte regressou à antiga casa. Há também indivíduos que, vivendo em casas alugadas, viram, na saída das vítimas das cheias, uma oportunidade de usufruir dos mesmos “privilegios” destinados aos afectados pelas inundações.

Neste momento, segundo nos deu a conhecer o secretário do bairro, vinte das setenta famílias que ocupam a zona de risco, estão a ser retiradas para o bairro de Albazine. Das vinte contempladas pelo projecto,

Localizado a sul do distrito municipal Ka Mubukwana, Inhagóia carrega ainda problemas que, para a maioria dos bairros periféricos da cidade de Maputo, parecem minimizados. Crescimento desordenado, fecalismo a céu aberto, miséria, falta de transporte e desemprego fazem da zona um lugar que todo o mundo quer deixar para trás.

cinco serão retiradas ainda esta semana.

“Espera-se que, num futuro próximo, as restantes famílias sejam abrangidas pelo processo, porque o espaço que ocupam é propenso à ocorrência de cheias, bem como de doenças”, disse Soquição.

Drama de morar num bairro intermédio

Olhando para a localização do bairro, parece inconcebível falar de problemas de transporte. Diz o ditado que nem todos os vizinhos da padaria comem pão todos os dias, o mesmo aplica-se à situação do transporte público.

Apesar de o bairro estar localizado à beira da Estrada Nacional número 1 (EN1), os moradores, à semelhança de outros municípios de Maputo, clamam por transporte. Alguns residentes sugerem ao Governo que crie condições para que alguns autocarros tenham como destino a paragem daquele bairro. Efectivamente, o facto de viverem numa zona intermédia faz com que os autocarros passem sempre cheios e que os residentes cheguem frequentemente atrasados aos seus compromissos.

to, apenas roga ao Governo que potencie o centro de saúde, de modo que este possa prestar melhores serviços. Podiam até transformar o nosso posto num autêntico centro de saúde”, diz.

Mercado informal, formalizado

Diz o ditado que quando não se tem cão caça-se com gato. Inhagóia não dispõe de um mercado, diga-se formal, apenas de um conjunto de bancas que se foram aglomerando num único ponto, até que a administração do bairro concluisse que se estava diante de um mercado.

De acordo com o secretário, Felisberto Soquição, as condições em que funciona o único mercado de Inhagóia são extremamente deploráveis. “O nosso mercado é péssimo”, disse Soquição.

No referido mercado, por sinal, o principal, apenas se vêem montões de areia, nos quais as “mamanas” colocam os seus produtos. É nestes montões que se vende um pouco de tudo, desde o tomate até a própria areia.

Benvinda Machaca, vendedeira deste mercado há mais de cinco anos, disse que o mercado surgiu com a comercialização de petróleo avulso, cujos vendedores durante a noite se concentravam naquele lugar para transaccionar o seu produto. Depois destes, a zona começou a ser invadida por comerciantes de hortícolas colhidas nas machambas do vale do Infulene.

“Dali em diante, as pessoas começaram a trazer produtos para vender aqui e o mercado foi crescendo”, acrescentou.

Iluminados, mas sem água

A rede de distribuição de água, de acordo com Soquição, é totalmente deficitária. A falta de parcelamento, diz, é a principal causa do infortúnio porque impede que sejam feitas canalizações.

Associado a esta situação, a degradação do material de canalização, dado que este remonta ao período colonial, tornam ainda mais precária rede de distribuição do líquido precioso.

Nos becos do bairro podem-se ver tubos cortados e contadores destruídos.

Uma equipa do FIPAG tem estado a trabalhar no bairro com vista a melhorar a situação, segundo nos deu a conhecer Soquição.

O mesmo não se pode dizer em relação à rede eléctrica que cobre neste momento 90% da população do bairro. Contrariamente à situação da água, a expansão da rede eléctrica é feita ligando-se as baixadas de uma casa para outra. Em alguns becos estão colocados postes de transporte de cabos, o que permite que haja disponibilidade

de de corrente eléctrica.

De acordo com o secretário Soquição, estima-se que até no final do próximo ano a rede cubra 99% da população.

Embora a cobertura seja satisfatória, Soquição lamenta a recorrência de oscilações que acabam por destruir os electrodomésticos. São reportados três a quatro cortes diários no fornecimento de energia.

Bola e copos no fim-de-semana

O quotidiano de Inhagóia é difícil de decifrar. Há nele, uma mistura de coisas. Durante o dia, o maior destaque nesta parcela de Maputo é o futebol. Crianças jovens e velhos, de ambos os sexos concentram-se no único campo ali existente para assistirem a uma partida do desporto-rei.

Ali no coração de Inhagóia (na zona do círculo do bairro), o desporto é o “prato forte”. Não há motivos para duvidar de que foi ali onde a estrela do futebol moçambicano, Domingues, evoluiu.

Ainda no mesmo local, os amantes do basquetebol vibram com a modalidade, num campo onde as tabelas foram consumidas pelo tempo.

Quando cai a noite, a vida muda. Os bares ficam superlotados. As cervejas são o que mais se pode ver. Estas sempre apimentadas com música diversa e muita descontração.

As barracas do mercado fazem, nestes dias, o seu maior lucro, segundo nos deu a conhecer Matias Mathe, proprietário de uma delas. “O fim-de-semana é mesmo para fazer dinheiro”.

Um pouco distante das barracas, ouve-se o som de “xigubo”. Sem sombra de dúvida, percebe-se que estamos diante de um culto religioso perpetrado pela igreja Zione, no seu estilo característico.

Segurança e tranquilidade públicas

A situação de segurança neste bairro não se distingue de outros da cidade de Maputo. De acordo com os moradores, não se tem registado situações extremas no que concerne a criminalidade. Fala-se de agressões físicas que surgem como resultado das bebedeiras do fim-de-semana. De quando em vez, também há roubos. Em suma: a população local fala de tranquilidade.

Por seu turno, Soquição reitera o dado avançado pela população indicando que o bairro vive um clima de tranquilidade.

Tentámos ouvir o chefe do único posto policial ali existente, mas este remeteu-nos ao comando da PRM da cidade de Maputo porque não estava autorizado a falar à Informação.



Goste d'@Verdade todos os dias lendo e comentando as notícias no **facebook.com/JornalVerdade**

O Gabinete Central de Combate à Corrupção, uma unidade da Procuradoria-Geral da República, apresentou semana passada, em Maputo, o seu Plano Estratégico 2011-2014, no qual aponta estar a braços com a falta de investigadores especializados em matérias de corrupção e de participação económica ilícita.

Lançado o processo de revisão da Constituição

A Assembleia da República procedeu, na última quarta-feira, 12 de Outubro, ao lançamento formal e oficial do processo de revisão da Constituição da República e à apresentação dos membros que irão compor a comissão Ad-Hoc criada para o efeito.

Texto: Víctor Bulande • Foto: Miguel Manguenze

Segundo o cronograma, o processo de revisão da Lei Mãe decorrerá ao longo do período compreendido entre 2011 e 2013, sendo que a entrega das propostas – por parte dos interessados – deverá ser feita entre os meses de Outubro e Dezembro deste ano. As mesmas podem ser depositadas no secretariado da Comissão Ad-Hoc para a Revisão da Constituição e nas delegações provinciais da Assembleia da República.

Após a recepção das propostas, a comissão Ad-Hoc encarregar-se-á de produzir, em quatro meses, o anteprojecto de Lei de Revisão e submetê-la a debate público a ser realizado durante cinco meses em todas as províncias, incluindo alguns distritos. O debate contará com o envolvimento da comunicação social e será feito através de seminários, mesas-redondas e outras formas.

Nos oito meses subsequentes ao debate público, será elaborado o projecto de Lei de Revisão, cujo depósito está previsto para o primeiro semestre de 2013.

Intervindo na cerimónia, o presidente da comissão Ad-Hoc, Eduardo Mulémbwè, revelou que a revisão tem como objectivo o aprimoramento da actual Constituição e a consagração das conquistas políticas, sociais, económicas e culturais que o país alcançou e tem vindo a alcançar nos últimos tempos.

Em relação ao custo deste pro-



cesso, Mulémbwè disse que a proposta de orçamento ainda não foi apresentada mas fez saber que as actividades previstas para este ano irão absorver cerca de seis milhões de metical dos cofres do Estado.

Durante o processo, a comissão irá efectuar visitas à África do Sul e à Tanzânia com o objectivo de colher experiências destes dois países que já passaram – e com êxito – por processos idênticos.

A futura Constituição, segundo Eduardo Mulémbwè, irá entrar em vigor após o mandato de 2014, estando, por isso, descar-

tada a possibilidade de o actual chefe de Estado, Armando Guebuza, concorrer a um terceiro mandato.

Renamo distancia-se do processo

A comissão Ad-Hoc é composta por 17 membros, nomeadamente Eduardo Mulémbwè (presidente), Manuel Tomé (presidente substituto), Mário Sevene (relator), Eneas Comiche, Teodoro Whate, Edson Macuácu, Mateus Kathupa, Francisco Mucanheia, Alfredo Gamito, Telmina Pereira, Ana Rita Sithole, Conceita Sortane, Eduardo Elias, José Chichava,

Carlos Jorge, Francisca Domingas e Abel Safrão. Destes, 16 são provenientes da bancada parlamentar da Frelimo e um da bancada do MDM.

A referida comissão devia ser composta por 21 membros, quatro dos quais provenientes da Renamo mas, à semelhança do que fez em relação às eleições intercalares nos municípios de Quelimane, Pemba e Cuamba, o partido liderado por Afonso Dhlakama pautou pela auto-exclusão.

“A nossa proposta será apresentada oportunamente” – Margarida Talapa

A chefe da bancada parlamentar da Frelimo, Margarida Talapa, disse, no fim da cerimónia, que a revisão da proposta pretende “retirar as incongruências verificadas na actual Constituição e consolidar o seu conteúdo”.

Questionada sobre o conteúdo da proposta a ser apresentada pelo seu partido, esta preferiu “perpetuar” o suspense a que submeteu a sociedade, limitando-se apenas a dizer que “o mesmo será tornado público oportunamente”.

“Pretendemos uma separação e independência dos poderes”

Por seu turno, o líder da bancada parlamentar do MDM, Lutero Simango, referiu que a proposta do seu partido irá surgir durante o período previsto para

a entrega – entre Outubro e Dezembro – mas adiantou que a mesma será pela “separação e independência efectivas dos poderes e pelo rompimento com o actual sistema, em que, por exemplo, todos são indicados para ocupar cargos com base na confiança política”.

“Por exemplo, os juizes dos tribunais Supremo e Administrativo e o procurador-geral da República são indicados pelo Presidente da República. O que nós pretendemos é que estas e outras figuras sejam indicadas pela Assembleia da República”, disse.

Relativamente à ausência da Renamo, este considera que “este assunto cabe à própria Renamo” e que a participação do MDM neste processo vem confirmar o seu desejo e compromisso de ser agente activo da construção e consolidação da democracia no país.

Sobre a possibilidade de o MDM estar disponível para “colaborar” caso a Frelimo pretenda manter Armando Guebuza por mais um mandato, Simango referiu que a mesma “está fora de questão” porque o MDM é pela manutenção do actual limite de (dois) mandatos.



Insegurança alimentar afecta mais 130 mil moçambicanos

A insegurança alimentar, em Moçambique está a afectar, entre Fevereiro e Setembro de 2011, pouco mais de 350 mil pessoas, número correspondente a uma subida estimada em cerca de 130 mil casos face a igual período de 2010.



Esta situação deve-se ao agravamento da estiagem na região norte da província de Gaza, principalmente, segundo Marcela Libombo, coordenadora nacional do Secretariado Técnico de Segurança Alimentar e Nutricional (SETSAN), apontando os distritos de Chigubo, Massangena e Chicualacua-

la como regiões mais críticas no que respeita à seca.

Estas informações constam num documento do SETSAN espelhando resultados preliminares de um inquérito

sobre a situação actual nutricional de Moçambique, num trabalho acabado de ser desenvolvido no país abrangendo cerca de 3750 agregados familiares.

Os resultados finais deverão ser divulgados até finais do presente mês de Outubro, segundo ainda Libombo, garantindo, por outro lado, que a situação de insegurança alimentar e nutricional tende a reduzir devido à precipitação pluviométrica registada nos últimos dias nas regiões afectadas.

Marcela Libombo falava esta segunda-feira, em Maputo, à margem da 10ª Conferência da Sociedade Africana de Ciências Agronómicas, a decorrer até quinta-feira, dia 13 de

Outubro, juntando cerca de 500 especialistas africanos para a troca de experiências, de informação e inovação na área de produção agrícola, promoção da investigação e criação de novas oportunidades para os produtores africanos melhorarem os seus meios de sustento e garantirem a segurança alimentar no continente negro.

Durante o encontro serão debatidos temas sobre fisiologia e sistemas de cultivo, protecção vegetal, horticultura e fruticultura, bem como relacionados com o melhoramento de culturas e genética, manuseamento pós-colheita e tecnologia de alimentos, entre outros assuntos ligados ao sector da agronomia. /AIM

Detidos 59 imigrantes ilegais em Moçambique

A polícia moçambicana (PRM) deteve um total de 59 imigrantes encontrados em situação ilegal em diferentes províncias do país.

Destes indivíduos, constam os que haviam fugido do Centro de Refugiados de Maretane, província de Nampula, norte do país, segundo indica o relatório do Comando-geral da PRM sobre a situação da criminalidade no país que foi recebido, terça-feira, pela AIM.

“No distrito de Nicoadala, província da Zambézia, a PRM deteve seis imigrantes de nacionalidade etíope, que se faziam transportar numa viatura pertencente à empresa “Maningue-Nice”, refere o relatório da polícia, acrescentando que decorrem procedimentos destinados à recondução destes cidadãos ao Centro de Maretane.

Além destes, as autoridades detiveram, em Nampula, um total de 12 imigrantes ilegais, sendo nove de nacionalidade paquistanesa e

três bengalis.

Na altura da sua detenção, os indivíduos em causa faziam-se transportar numa viatura cujo motorista fugiu, quando se apercebeu da aproximação da polícia.

Refira-se que Moçambique tornou-se um destino ou país de trânsito preferencial para imigrantes ilegais provenientes de quase todas as partes do mundo, com destaque para a região do Corno de África e Ásia.

Na sua maioria, estes imigrantes usam as províncias nortenhas de Cabo Delgado e Nampula onde entram através das fronteiras terrestres, marítima e até mesmo aéreas, em operações que envolvem actos de corrupção por parte dos oficiais dos Serviços de Migração e agentes da polícia. /AIM



esteja em cima de todos os acontecimentos seguindo-nos em twitter.com/verdademz

	Sexta 14	Sábado 15	Domingo 16	Segunda 17	Terça 18
Beira	 Máxima 27°C Mínima 20°C	 Máxima 30°C Mínima 21°C	 Máxima 31°C Mínima 22°C	 Máxima 30°C Mínima 23°C	 Máxima 32°C Mínima 23°C

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Carta que não sai há dois anos

Obrigado por editarem este texto no vosso espaço dedicado às reclamações neste nobre e rico jornal jovem e feito por jovens. Sou funcionário do Ministério da Saúde, no HCM e estudante universitário, cursando licenciatura em saúde pública, no 3º ano.

As minhas saudações estendem-se ao INAV que muito tem feito para minimizar os acidentes neste nosso vasto Moçambique, mas a minha inquietação centra-se nesta instituição, que é referente à minha carta de condução para veículo pesado e motociclo que não sai há 2 anos.

A história desenrola-se quando estive a trabalhar na província de Sofala, no distrito de Búzi, na sede do hospital rural, onde pela necessidade e demanda, o governo do distrito concedeu uma oportunidade aos funcionários e ao público em geral que tinham o transporte como meio de serviço mas que não tinham a carta de condução, e a Escola de Condução Mucaranga sediada na Beira respondeu positivamente para a formação dos interessados onde eu fui um dos formandos e terminei com sucesso em Outubro de 2008. Após 2 meses foi-nos prometido levantar a carta de condução provisória e na realidade foi-nos entregue, mas a questão do fundo começa quando, passados 6 meses após a carta provisória, não sai a carta definitiva (especificamente para o meu caso), e porque tinha outros assuntos pessoais a resolver em Maputo cidade onde sou natural, houve necessidade de pedir a transferência para Maputo. Informei a delegação provincial de viação, INAV-Beira, e disseram que podia deixar a responsabilidade de alguém que conhecesse para ficar a levantar e depois a pessoa me enviaria, caso não saísse teria que seguir o caso na sede em Maputo, no INAV-SEDE, e de lá até agora, nem água vem, nem água vai, a carta recusa imprimir (segundo eles), procurei saber com o Sr. Adérito do IVAN-SEDE que pacientemente tem seguido o meu caso. No princípio dizia-se a carta só podia ser levantada no local onde foi emitida e que já estava na Beira no lote nº 508 mas lá não estava.

Sempre vou para tentar levantar mas apenas me entregam a carta provisória e em Dezembro deste ano completarei 3 anos neste vaivém. A "última solução" que tive foi de que tinha que me ser atribuído outro número da carta porque o anterior o sis-

tema recusava-se a imprimir e para tal teria que fazer a substituição do meu bilhete de identificação para o actual biométrico como forma de trocar o número da carta, agora estou neste processo, não sei se resultará. As minhas perguntas são:

- Porque é que a carta não sai? Afinal, o que é que se passa?

- Se o objectivo é desburocratizar o sistema, porque é que sou obrigado a ir à Beira para levantar a carta de condução?

- Tendo o INAV se apercebido de que se tratava de um caso insólito, porque é que não há um seguimento específico para procurar as causas?

- Quanto tempo leva um cidadão para levantar a carta definitiva após ser entregue a carta de condução temporária?

Peço a quem de direito para que resolva este caso.

Detalhes da carta de condução temporária

Classe da carta de condução

A - Motociclo - com mais de 125cc

C - Veículo pesado – acima de 1600kg (PB)

Recibo

Operação: Duplicar TDL

Valor total: 500,00mt

Data de emissão: 05-12-2008

Número do recibo: 145939

Referência de pagamento: N/A

Entidade emissora: DPV de Sofala

Oficial emissor: L Muchanga

Número de certificado: 289415

Número do ficheiro: BEI-DL-8341

Obrigado!

Alexandre Enoque Muhlenga

Resposta

Para responder às inquietações do lesado @Verdade entrou em contacto com o INAV, na pessoa do porta-voz, Filipe Mapangane, que prontamente admitiu haver alguma anomalia no processo de obtenção da carta do senhor Alexandre, porque, de acordo com as normas estabelecidas pela instituição que representa (INAV), o cursado só pode usar a carta provisória por um período de 90 dias (três meses). Em casos excepcionais, pode até chegar aos 120 dias (quatro meses), mas nunca a um período maior do que este.

No que diz respeito aos problemas de impressão da carta, o porta-voz do INAV levanta a possibilidade de não haver harmonia ou ainda insuficiência de dados do reclamante, porque quando a situação é esta, a carta não é impressa.

Quanto à questão do levantamento da carta, o INAV tem um sistema on-line que permite que alguém que tenha feito o curso de condução em qualquer província levante a sua carta na sede da instituição em Maputo.

Porém, não se admite que o cursado levante a sua carta numa outra delegação provincial, a não ser na província onde cursou ou na sede nacional, na cidade de Maputo.

Nota da Redacção: o INAV prontifica-se a dar seguimento directo ao caso, bastando para isso que o reclamante entre em contacto com o porta-voz desta instituição, o senhor Filipe Mapangane.

Entretanto, o @Verdade convida o senhor Alexandre a contactar o INAV, por via do nosso jornal, para que possamos saber do desfecho do caso de modo que, com a sua experiência, possamos ajudar outros indivíduos que tenham o mesmo problema, através dos seguintes contactos:

843998624 – Recepção do jornal @Verdade

averdademz@gmail.com – Correio electrónico do Jornal @Verdade

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.

Envie: **por carta** – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; **por Email** – averdademz@gmail.com; **por mensagem de texto SMS** – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Assembleia da República elege provedor de Justiça

Finalmente, Moçambique poderá ter um provedor de Justiça eleito pela primeira vez na história do país, num acto a registar-se ao longo da quarta sessão ordinária da Assembleia da República (AR) a iniciar os seus trabalhos no próximo dia 24 de Outubro de 2011, no Maputo.

Esta figura está institucionalizada na Constituição da República aprovada pelo Parlamento em 2004 e a sua indicação vem sendo protelada sucessivamente ao longo dos últimos dois mandatos do Parlamento moçambicano por falta de apresentação de candidatos ao cargo pelas bancadas da Frelimo e Renamo.

Ouvidos, entretanto, esta terça-feira, pelo Correio da manhã, para se saber se será desta vez que o

Parlamento irá proceder à eleição do provedor de Justiça, Damião José, porta-voz da Bancada da Frelimo, e Saimon Macuiana, presidente do Gabinete Parlamentar de Prevenção e Combate Contra o HIV/SIDA e deputado pela Bancada da Renamo, mostraram-se entusiasmados pelo arrolamento pela Comissão Permanente da AR do ponto sobre o Projecto de Resolução atinente à eleição do provedor de Justiça.

"Esperamos que seja desta vez que iremos proceder à eleição do provedor de Justiça, após adiamentos registados nos mandatos anteriores da Assembleia da República", venceu Damião José, da Frelimo, ponto também saudado por Macuiana que falou ao jornal devido ao impedimento de se ouvir sobre o mesmo assunto o porta-voz da Bancada da Renamo, Arnaldo Chalaua.

Também não foi possível colher a

opinião do porta-voz da Bancada Parlamentar do MDM por dificuldades de comunicação. Quanto aos candidatos para o cargo de provedor de Justiça, José e Macuiana disseram que as suas bancadas irão apresentá-los no momento oportuno.

De referir, entretanto, que a IV Sessão Ordinária da Assembleia da República vai debater e sancionar, entre outros pontos, a Proposta do Plano Económico e Social para

2012 e a lei que aprova o Orçamento do Estado para o mesmo período, bem como o Projecto de Resolução atinente à eleição do provedor de Justiça.

As perguntas e informações do Governo ao Parlamento e a Informação Anual do Chefe do Estado sobre a Situação Geral do país constam também do rol de pontos de agenda daquele encontro, cujo arranque está marcado para 24 de Outubro de 2011, no Maputo. /AIM



Não tem preço.

Todos os dias www.verdade.co.mz



NIASSA Abatidos 24 elefantes na reserva do Niassa

24 elefantes foram abatidos por caçadores furtivos, na Reserva do Niassa, localizada entre as províncias de Cabo Delgado e Niassa, no norte de Moçambique, durante o primeiro semestre deste ano.

Deputados da Assembleia da República (AR) pela bancada da Frelimo no Niassa dizem-se preocupados com o aumento do número de casos de caça furtiva naquela reserva. Esta preocupação foi manifestada pelo deputado Augusto Chalamanga, que chefiou a missão dos deputados pelo círculo eleitoral do Niassa. Segundo Chalamanga, citado pela Rádio

Moçambique, estação pública, a Polícia da República de Moçambique (PRM) no Niassa vai, brevemente, afectar um contingente naquela região para pôr cobro à situação.

“As autoridades da Reserva do Niassa informaram-nos que, no primeiro semestre deste ano, foram mortos 24 elefantes por caçadores furtivos. Este número é alarmante e estamos preocupados. Mas a PRM, cá no Niassa, garantiu-nos que será enviado um contingente à região, para fazer a devida fiscalização e proteger os animais”, referiu. **/O País**



TETE Elefantes e leões alvos preferenciais de furtivos

Caçadores furtivos, na sua maioria estrangeiros, com maior destaque para zimbabueanos e zambianos, que actuam ao longo da faixa fronteiriça com a província de Tete, estão a dizimar as espécies de elefantes e leões nos distritos de Mágoè, Zumbu, Chifunde e Marávia, à procura de objectos de adorno.

O director provincial do Turismo, em Tete, Rafael Fonzano, disse ao nosso Jornal que os furtivos penetram naqueles distritos na calada da noite à procura de elefantes e leões de que, depois de abatidos, extraem os marfins, no caso dos paquidermes, e peles e unhas nos leões, objectos que são,

posteriormente, vendidos a altos preços no mercado internacional.

“Sempre que temos encontros com a população nas áreas conservadas pelo programa Tchuma Tchatu, recebemos queixas de invasão por caçadores furtivos provenientes dos países irmãos da Zâmbia e Zimbábue que, em convivência com alguns cidadãos nacionais, praticam a caça de algumas espécies animais, com maior destaque para leões e elefantes. A população aponta que, quase em todos meses, é frequente encontrar, no meio de machambas, carcaças de elefantes e leões já em estado de putrefacção”, disse Fonzano. **/Notícias**



MANICA Nas zonas rurais mais de 200 mil pessoas sem acesso a água potável

Pelo menos 208 mil e quatrocentas pessoas não têm acesso a água potável nas zonas rurais da província de Manica. O director provincial das Obras Públicas e Habitação de Manica, Agostinho Raiva, que revelou o facto, disse que esta cifra representa um défice de 30 por cento, uma vez que naquela província, a cobertura de água potável nas zonas rurais atinge 70 por cento dos mais de 1.6 milhão de habitantes.

Na província de Manica, de acordo com Raiva, dados disponíveis indicam a existência de 1.638 furos e 1.789 sistemas de abastecimento de água potável operacionais.

Contudo, a água potável continua deficitária em algumas regiões da província, o que leva a que as pessoas recorram a fontes alternativas de abaste-

cimento, muitas delas sem as necessárias condições de conservação.

A governadora daquela província, Ana Comoane, apelou para que se faça uma avaliação exaustiva quanto aos níveis de abastecimento evitando que as fontes de água estejam concentradas em determinadas zonas, em detrimento das realmente necessitadas, facto que muitas vezes é agravado pela dispersão da população.

Para a governante, é necessário que os números relativos às estatísticas de abastecimento de água sejam interpretados com base em situações reais, referindo haver vezes que os números iludem e podem caracterizar uma situação que difere da realidade do terreno. **/Notícias.**



MAPUTO Município fiscaliza “txopela”

Decorre desde a semana passada, no Maputo, uma campanha de fiscalização dos moto-táxis, popularmente designados por “txopela”. A operação está a ser levada a cabo pela Polícia Municipal e, segundo o porta-voz da corporação, David Manhica, pretende-se apurar se os operadores de “txopela” estão

licenciados para exercer a actividade.

“A Assembleia Municipal aprovou uma postura que regula o funcionamento dos moto-táxis para acabar com a anarquia que actualmente caracteriza esta actividade”, disse Manhica, referindo que se trata de



CABO DELGADO Desconhecidos destroem floresta comunitária em Mecúfi

Uma floresta comunitária, conservada à luz da orientação presidencial “Um Líder, Uma Floresta”, na localidade de Sambene, posto administrativo-sede do distrito de Mecúfi, foi destruída por meio de fogo posto por desconhecidos, que localmente se acredita serem contrários ao líder da zona, cuja legitimação ocorreu sob desacordo de outros grupos clânicos.

O governador de Cabo Delgado, Eliseu Machava, na sua recente visita ao distrito de Mecúfi, havia agendado a visita à floresta do líder, que fora eleita como exemplar no conjunto dos esforços empreendidos a nível da província, no quadro do cumprimento da orientação presi-

dencial.

Poucos dias antes da visita, desconhecidos puseram fogo à floresta, na tentativa de inviabilizar a visita do governante que, mesmo assim, decidiu cumprir com o seu programa, tendo-se confrontado com a destruição a que a floresta foi submetida.

As queimadas, tanto descontroladas, como aquelas de fogo posto, com objectivos distintos, são, nos últimos tempos, referidas em quase todas as reuniões dirigidas pelos governantes provinciais, incluindo o governador, por estarem a atingir proporções intoleráveis, com a destruição de extensas áreas da biodiversidade. **/Notícias**



SOFALA BEIRA - Garantidos fundos para limpeza de valas

O Banco Mundial (BIRD) acaba de garantir o financiamento de 20 milhões de dólares ao Conselho Municipal da Cidade da Beira (CMB) para custear despesas de limpeza da principal vala de drenagem daquela urbe, também conhecida como vala A2. O director-geral dos Serviços Autónomos de Saneamento na edilidade, Augusto Manhoca, que deu esta informação à Reportagem da nossa Delegação, na capital de Sofala, explicou que está a ser feito um estudo depois de concluído o levantamento do número de famílias cujas casas foram construídas ao longo da vala e que deverão ser indemnizadas, entre outros trabalhos técnicos.

Trata-se da vala de drenagem que parte do desagradouro das Palmeiras, passando pela rotunda de Chipangara (Praça dos Professores) até ao populoso bairro da Munhava fazendo ao longo do trajecto várias liga-

ções com outras valas secundárias que escoam águas pluviais dos bairros.

Falando durante o seminário sobre “Importância do Fluxo de Informação para a Gestão de Risco de Calamidades e Adaptação às Mudanças Climáticas” que teve lugar recentemente na Beira, Manhoca explicou que o BIRD já enviou àquela urbe uma equipa de técnicos que avaliou o impacto ambiental, o número de famílias afectadas pelo projecto, entre outros aspectos relevantes tendo em vista que até Março do próximo ano seja rubricado o acordo de financiamento.

“Para além da limpeza também vamos construir bacias de retenção hidráulicas no bairro da Munhava de forma a reter a água pluvial antes de ser escoada para o mar”, disse o director-geral dos Serviços Autónomos de Saneamento. **/Notícias**



INHAMBANE Parque Nacional de Zinave recebe novas espécies

Cerca de 150 animais de diversas espécies foram recentemente lançados no Santuário da Fauna Bravia do Parque Nacional de Zinave, no distrito de Mabote, projecto que marca o início do repovoamento animal naquela estância turística depois da guerra de desestabilização.

O Santuário de Fauna Bravia recentemente construído no Zinave, ocupando uma área de seis mil hectares e cuja instalação durou cerca de um ano, custou 400 mil dólares norte-americanos. O mesmo é povoado por 50 zebras, sete girafas, 50 bois-cavalo, e quantidades não especificadas de impalas, entre outras espécies animais, naquilo que constitui o primeiro lote de animais transferidos do Kruger Park da vizinha África do Sul para o Zinave, uma oferta do Governo sul-africano no quadro das relações de co-

operação existentes entre os dois países.

Para o administrador do Parque Nacional de Zinave, António Abacar, este gesto abre uma nova página na história daquele centro turístico que, durante o conflito armado no país viu todos os seus animais dizimados. Referiu que com esta primeira operação de reagrupamento de espécies faunísticas, Zinave voltará a estar colocado na rota do ecoturismo nacional e internacional.

O administrador disse, no entanto, que uma das dificuldades com que se debate a sua instituição é a insuficiência de equipamentos necessários para a protecção do parque. Dos 60 trabalhadores que possui, 28 são fiscais florestais com apenas cinco armas de fogo. **/Rádio Moçambique**

ou não habilitados para exercer o serviço público.

“Queremos regular esta actividade, tal como acontece com todas as outras de transporte público. Acabar com os casos de circulação e fixação em zonas não indicadas e de poluição sonora, tal como se pode ver



NAMPULA Mossuril expande Ensino Secundário

Três novos estabelecimentos de ensino de nível secundário geral do primeiro grau entram em funcionamento no próximo ano lectivo no distrito de Mossuril, em Nampula, facto que vai representar um alívio por parte de um grande número de alunos graduados da sétima classe que se via obrigada a abandonar os estudos por falta de vagas no centro-internato que funciona na vila-sede distrital.

De acordo com o administrador de Mossuril, Agostinho Manila, as escolas serão construídas com fundos do Orçamento Geral do Estado nas sedes dos postos administrativos de Matibane e Lunga bem assim na localidade de Namitatare, sendo que as obras arrancam nos próximos tempos, uma vez que decorre neste momento o processo de adjudicação da empreitada, cujo valor se escusou a revelar.

Manila acrescentou que o lar de estudantes que funciona na sede do distrito de Mossuril, com capacidade para duzentos alunos, está num limite aceitável, pelo que já não pode receber sequer um único aluno. Este facto despertou a atenção do Executivo local no sentido de acelerar os passos dados no seu programa de expansão do Ensino Secundário do Primeiro Grau para os postos administrativos.

Entretanto, o corpo docente do distrito será reforçado de forma a garantir o normal funcionamento das escolas do Ensino Secundário Geral (ESG) a nível local. Alguns docentes serão forçados a fazer horas extraordinárias, pois o número que a Direcção Provincial de Educação e Cultura prometeu enviar não cobre cabalmente as necessidades. **/Notícias**



ZAMBÉZIA Maganja da Costa vive drama da falta de água

A vila sede distrital da Maganja da Costa, na Zambézia, vive há mais de 10 anos um drama de falta de água potável para satisfazer as necessidades da população local. O pequeno sistema e respectiva rede de distribuição do precioso líquido, construídos no tempo colonial, estão obsoletos.

A zona é acidentada e cheia de rochas, o que torna difícil a abertura de poços e furos tradicionais nas residências. Não há, por enquanto, a perspectiva de o sistema voltar a estar operacional num curto espaço de tempo.

A população local está a passar por graves dificuldades para ter acesso a água. Quem quer ter o precioso líquido no seu

quintal, vê-se obrigado a pagar sete mil meticais a um grupo de jovens que se dedicam ao trabalho de abertura de poços tradicionais. Este trabalho é bastante arriscado. Três jovens já morreram soterrados nos últimos dois anos, quando, a uma grande profundidade, os solos caíram sobre eles.

A operação de abertura daquelas fontes tradicionais para a obtenção do precioso líquido pode demorar duas semanas por causa das rochas e com grande risco de desabar. Mesmo assim, a água só é encontrada a uma grande profundidade. As famílias que não têm recursos para mandar abrir um furo vêm-se obrigadas a pagar uma taxa mensal ao dono do poço. **/Notícias**



GAZA MASSINGIR - Assegurados fundos para programa de reassentamento

O Governo moçambicano tem disponíveis cerca de 90 milhões de meticais, destinadas a financiar a construção de mais de 190 casas para famílias a serem reassentadas na região de Cavelane, em Massingir, no quadro do programa de expansão do Parque Nacional do Limpopo. Para a edificação das referidas habitações, arrancou, na última segunda-feira, a formação do primeiro grupo de artesãos constituído por 192 pessoas, os quais, durante três anos, estarão envolvidos nos trabalhos.

Os artesãos em treinamento estão a sê-lo nas áreas de produção de blocos, electricidade, carpintaria, pintura, entre outras especialidades, numa iniciativa do Ministério do Trabalho, através do Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional (INEFP).

A cerimónia que marcou o

arranque do programa de formação daqueles artesãos locais, cujo acto foi dirigido pelo secretário permanente do Ministério do Trabalho, Tomás Bernardino, em representação da titular do sector, serviu também para a apresentação pública do projecto. Com aquela acção, segundo explicou, as autoridades governamentais quiseram dar oportunidade aos jovens da região para se prepararem para o mercado de emprego e auto-emprego.

A propósito, Tomás Bernardino disse que com o arranque deste ciclo de treinamento estão criadas as condições para que as comunidades de Massingir tirem vantagens das iniciativas do Governo moçambicano, que pretende, deste modo, levar para aquela região a edificação, nos próximos tempos, de mais de 1000 casas para habitação. **/Notícias**

nalguns “txopela”, referiu Manhica, que acrescentou que os operadores que não possuírem os principais itens serão penalizados com multas que vão até dez mil meticais sem, no entanto, apreender-se os seus veículos.

“Não será apreendido nenhum

“txopela”, mas os operadores que não estiverem licenciados serão considerados ilegais e podem ser instados a parar de exercer esta actividade em caso de reincidência”, afirmou. **/Notícias**

RADAR

COMENTE POR SMS 821115

Editorial

averdademz@gmail.com

A mensagem que fica

A reunião de quadros da Frelimo, ou melhor, do Governo da Frelimo, foi uma viagem à realidade virtual daquelas que proporcionam parques de entretenimento. Estivemos, por três dias, na realidade alternativa, não em Moçambique. Ou seja, nunca, em tão parco espaço físico e de tempo, vimos no país tamanha demonstração de força, tantos carros de luxo e tantos quadros seniores de instituições públicas reunidos. Em suma: temos dois países, o da Frelimo e o dos outros.

O problema, contudo, é que, na política e na vida pública, nem tudo se resume à cegueira selectiva dos filhos do sistema. O que esquecem, nestas manifestações de poderio financeiro e com tamanha prontidão, é que há vida para além do luxo. Há bolsas de fome, hospitais sem medicamentos e ambulâncias, madgermanes, antigos combatentes e jovens desempregados. Há memória, concorrência desleal e luta pela sobrevivência. Há ressentimento diante do enriquecimento ilícito e da imagem abastada com que se presenteiam os desterrados da terra. Existe também um número cada vez mais ruidoso de jovens que não seguem o calendário festivo do Governo. E há, sobretudo, o funcionamento normal da sociedade e das instituições que não se compadece com este universo artificial e manipulado em que vivemos.

Também há pessoas de dentro que não se conformam com a posição de veículos de mensagens feitas como combate à pobreza, apóstolos da desgraça e derivados. Por exemplo, Ornília Machel, filha do primeiro Presidente de Moçambique independente, vê a realidade moçambicana com outros olhos e, ao contrário dos camaradas, afirma que não temos paz porque os níveis de analfabetismo e pobreza são muitas alturas.

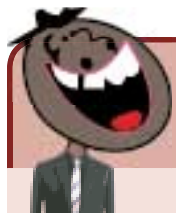
Um posicionamento, diga-se, diametralmente oposto ao discurso dos camaradas que continua igual a si próprios, ainda que a tranquilidade e o bem-estar de um povo se tenham vindo a esvaír face ao custo de vida cada vez mais violento, musculoso e perturbador.

A cereja no topo do bolo, diga-se, veio da Televisão Pública que teve o desplante de interromper o seu telejornal para transmitir em horário nobre e para todo o país a cerimónia de encerramento da famigerada reunião de quadros. O que, compreendamos, não é estranho quando se sabe que seis mil refeições diárias, numa reunião partidária, foram servidas por uma empresa participada pelo Estado através dos Aeroportos de Moçambique.

Assim podemos depreender que se a TVM encontrasse um ministro a tentar arrombar um cofre no banco estatal transmitiria aos moçambicanos que Exa. estava só a apertar um parafuso. Afinal, também no caso das refeições não viu nada de eticamente duvidoso nem de moralmente reprovável.

De qualquer modo, seja qual for a conclusão, duas certezas ficam connosco. Uma: há muito dinheiro no país e é bem capaz de estar nas mãos de três mil pessoas apenas. Duas: este país teve sempre donos e os maus exemplos vêm de cima. Com estes hábitos, com este estilo, com esta obsessão pela ostentação e com esta prática de protagonismo e esbanjamento, a tão proclamada AUSTERIDADE não está em boas mãos.

"Aqueles apartamentos situados na Vila Olímpica que o Governo decidiu vender aos jovens (entre 21-45 anos, mas apenas com capacidade de endividamento e que sejam obrigatoriamente funcionários públicos) TÊM ALGUM ENQUADRAMENTO JURÍDICO-CONSTITUCIONAL MESMO?! Se o tem, qual é?! É que à mim me parece excludente, discriminatório e manifestamente injusto." **Edgar Barroso in facebook**



Boqueirão da Verdade

"A gala dos MMA foi muito divertida – para quem gosta de circo. Se querem despromover a música moçambicana, continuem assim! Se não fosse a Iveth, além do G2, a única que me convenceu, a gala podia ser chamada um ensaio no quintal do vizinho que adora música pimba e deixa a sua filha desfilar um pouco para se divertir. A menina ao lado do André Manhiça falou três vezes, falhou duas. Bravo, podia ser pior. Aquela orquestra não podia tocar pior com certeza, enquanto ainda estavam a afinar os instrumentos, as músicas já tinham terminado. E, por favor, não convidem mais pessoas sob o efeito de drogas ou álcool para anunciar os vencedores", **Roland Hoberg in facebook**

"Não percebo o MMA... se fosse pelo MMA eu não teria a estima que tenho pela música moçambicana", **Afonso Brown in facebook**

"A STV ficou-se em segundo lugar em termos de audiência durante o horário nobre. A MIRAMAR subiu para primeiro. O jornal @Verdade está em segundo depois do Desafio e Notícias é o líder nos diários. 9fm é líder nas Rádios. (...) Minha conclusão: as pessoas estão pouco se interessando com notícias", **Egídio Guilherme Vaz Raposo in facebook**

"Em semelhante interim, recusando desde 1994 os resultados eleitorais desfavoráveis, o núcleo dirigente da Renamo oscila, como um pêndulo, entre a desguerrilhação pelo partido e a reguerrilhação pelo passado. Esse núcleo é um fac-símile daquele herói de um filme de Charlie Chaplin que, apanhado por uma tempestade de neve quando dormia na sua cabana, vê esta de repente na borda de um precipício. Ao acordar, quer sair. Mas se avança para o lado do precipício, a cabana tomba; se recua e pretende sair, a tempestade aguarda-o. O herói de Chaplin não pode nem habitar a cabana nem deixá-la. O núcleo dirigente da Renamo, com Dhlakama à cabeça, não pode nem habitar a guerrilha nem perder-lhe a memória", **Carlos Serra in Diário de um sociólogo**

"Parece-me estarmos perante um governo de gente de memória a curto prazo para não se lembrar de que quase tudo o que a Igreja Universal prega

como seu evangelho é contrário aos seus planos sociais, quer da redução da pobreza como do combate a doenças diversas, cuja medicina convencional ainda tem dificuldade de curá-las. Ao ser testemunha das actividades aparentemente ilícitas, o Governo está a emitir uma licença à Igreja Universal no sentido de intensificar o seu exercício de manipulação social com vista a enganar os menos atentos, sobretudo os pobres, a darem o que não têm para a sua salvação e prosperidade. Por outras palavras, o Governo licenciou burladores para actuarem livremente num mercado de "cegos".", **Lázaro Mabunda in O País**

"Depois de uma reportagem daquelas o povo dissipa toda e qualquer dúvida que restasse a respeito de quem são efectivamente os "proprietários" deste país. Quase todos os quadros da Frelimo que estiveram naquela reunião são funcionários públicos do mais alto escalão que GAZETARAM o job por três dias consecutivos e nenhum deles terá falta (justificada ou injustificada). Onde é que fica o exemplo no cliché do "aumento da produção e da produtividade"?", **Edgar Barroso in facebook**

OBITUÁRIO: Steve Jobs 1925 – 2011 – 85 anos

Morreu na última sexta-feira Ramiz Alia. O último Presidente comunista da Albânia foi responsável pela abertura à democracia de um dos sistemas políticos mais isolacionistas do mundo.



De acordo com a porta-voz do actual Presidente albanês, Bamir Topi, o político, de 85 anos, morreu às 7 horas de complicações pulmonares

Ramiz Alia assumiu a liderança do partido comunista em 1985, depois da morte do amigo de longa data, o ditador Enver Hoxha. Na sequência de uma série de grandes protestos de estudantes, Alia introduziu reformas políticas e económicas que abriram caminho às primeiras eleições democráticas, em 1991.

Alia foi eleito Presidente, mas demitiu-se um ano depois na sequência do colapso do Governo de coligação. As eleições que se seguiram foram ganhas pelo recém-formado Partido Democrático e Sali Berisha, actualmente Primeiro-Ministro, sucedeu-lhe na presidência.

Em 1994, Alia foi condenado num processo por abuso de poder e sentenciado a nove anos de prisão, mas acabou por ser libertado em 1995, na sequência de um recurso.

Em 1996 regressou à prisão para aguardar julgamento por crimes contra a humanidade, mas fugiu em 1997 com milhares de outros presos, quando os guardas abandonaram os seus postos em protesto pelo colapso dos esquemas de financiamento em pirâmide que deixou a maioria dos albaneses sem poupanças.

Em Outubro de 1997, o procurador-geral da Albânia arquivou a queixa de genocídio contra Ramiz Alia.

SEMÁFORO



VERMELHO – Aumento do preço de "chapa"

A subida de preço de qualquer coisa no país lembra-nos sempre situações nada agradáveis. Aliás, a última vez que o preço de "chapa" foi agravado, assistiu-se a uma onda de revolta popular. E parece-nos que o Governo tem a memória curta, uma vez que está na iminência de anunciar a nova tarifa de transporte para a tristeza dos moçambicanos que têm de fazer malabarismos para levar comida à mesa. Agora, só nos resta saber se o povo está disposto a aceitar passivamente mais um "apertar do cinto" mais do que já está. Diz o provérbio: "Quem brinca com o fogo, acaba por se queimar". Esperemos que não seja este o caso.



AMARELO – Preço dos apartamentos da vila olímpica

O Conselho de Ministros, na sua 37ª Sessão Ordinária, realizada na última terça-feira, apreciou e aprovou o plano de aproveitamento da Vila Olímpica dos X Jogos Africanos, tendo chegado à conclusão de que cada apartamento custará nada menos que 5.6 milhões de meticais, um verdadeiro insulto para muitos jovens moçambicanos e funcionários do Estado, o público-alvo. Não se justifica esse preço num país onde grande parte da juventude vive no desemprego ou com três a cinco salários mínimos. Com efeito, os verdadeiros beneficiários são uma pequena elite composta por empresários e familiares dos donos do país.



VERDE – Bodas de prata de Mutumbela Gogo

Em Novembro próximo, o Grupo de Teatro Mutumbela Gogo celebra 25 anos de existência. Para comemorar as bodas de prata, este prestigiado grupo de teatro liderado por Manuela Soeiro pretende trazer a público uma série de actividades culturais, com destaque para o festival internacional de teatro. Quando se olha para trás, percebe-se que estes são apenas os primeiros 25 anos de uma instituição cultural que enaltece o nome de Moçambique no mundo das artes cénicas.

**Francisco J. P. Chuquela**
Cronista

Escrutínio Escolar d'@Verdade

Mbhoromani

Corriam os anos da década de noventa. Qualquer incidente lembrava os terrores dos bandidos armados, ainda respirados à memória cheia. Celeiros queimados. Gado levado. Crianças piladas e moídas como cereais. Mulheres violadas. Ah, país vandalizado.

O início do ano 2000 seria, no acreditar de muitos, o início das destruições apocalípticas. Já o seu fim seria o fim do universo. O universo tinha, como se acreditava e se apregoava, o ano 2000 desta era como o limite máximo da sua existência. Nenhum vivente ousaria atravessar as fronteiras do tempo para experimentar outros anos. Chuvas imparáveis. Terramotos. Tsunamis. Dias sem sol e noites sem estrelas. Até demónios e diabo de carne e ossos eram esperados no suposto último ano do fôlego do universo.

Mbhoromani, o maior e mais famoso ladrão, assassino e violador de mulheres, era, depois de matsanga, a maior sombra do apocalipse que, supostamente, se avizinha. Viviam em Maxaquene, em Mavalane, em Hulene, em Laulane, em todos e em nenhum bairro. Não havia pior forma de insultar alguém nos subúrbios de Maputo senão

chamar-lhe Mbhoromani.

— Eyheee... xiduvukile — diziam os suburbanos correndo e saltando — Mbhoromani foi apanhado — ninguém acreditava que o fantasma humano, falhado em mil perseguições da polícia e de populares, poderia ser apanhado vivo. Crianças. Mamanas. Até idosos arrastavam bengalas a caminho da Escola Primária Combatentes da Luta de Libertação Nacional onde era exibido o demónio nascido de homens santos.

Muitos viam Mbhoromani pela primeira vez. Antes, cada mente criava uma imagem fantasmagórica para o propalado nome do Mbhoromani. Panelas deixadas a ferver anunciavam queima. As lareiras esqueceram-se das cozinhas para verem a figura cujas obras prenunciavam o fim dos tempos.

Os populares chegavam aos pulos. Enchiam o pavilhão arenoso daquela escola implantada no bairro histórico, Forças Populares de Libertação de Moçambique, que separa Mavalane de Maxaquene e Aeroporto do Ferrovário. Mbhoromani viu-se rodeado de gente de todas as idades que rasgavam as bocas em cantares insultuosos

que colocavam o seu nome no lugar onde fica o do diabo nas canções religiosas. Esperimentava ser retido depois de tanto escorregar.

— Afinal é uma pessoa normal como nós? — admiravam-se os que o viam pela primeira vez — não, não é normal este gajo. Parte grades metálicas da cadeia e esquivava-se de balas — correspondiam uns — deixem-no connosco — replivavam outros.

Sem resistência, Mbhoromani recebeu o seu troféu: um pneu da Mabor no pescoço. Riu-se como se visse tolos quando recebeu uma rega de petróleo. Entre aplausos do povo, um palito de fósforo cobriu-lhe de fogo. Há quem esfregava os olhos para melhor ver, mas a verdade é que o fogo consumia o pneu, mas Mbhoromani não ardia. Ria-se. Mais um pneu e gasóleo. Apareceram nyangas que bateram na sombra do Mbhoromani. O demónio humano gritou. Correu de um lado para o outro com o fogo a prestar-lhe uma fiel cortesia. Ardeu. Para o espanto de todos, o esqueleto continuava a chorar aos gritos. Mais um pneu. Mais gasóleo. Viram-se cinzas de Mbhoromani que permaneceram muitos anos naquele lugar. Hoje há muitos Mbhoromanis tolerados.

**Pentchiço Dambuza Capetine**
averdademz@gmail.com

@Verdade da Manhã

Que boicotem, não aquecem nem arrefecem a democracia

não deterá município algum para lhe servir de ba(e)stião, restando a FRELIMO e o MDM.

Com esta acção, estes *partidinhos*, devido à grandeza dos outros partidos (FRELIMO e MDM) e por apresentarem candidatos fortemente armados desde a boca até à mente (passando pelos olhos visto que o choro é também usado como estratégia), estão a querer impor-se nos seus devidos lugares: os da mesquinhez para servirem de opção do poder neste país.

É por todos sabido que estes partidos só existem em vésperas de eleições, e prova disso é o que alegam agora como justificação para não se candidatarem. Aliás, neste capítulo temos de admitir que ao virem até cá dizer que não estão preparados e que precisam de mais algum tempo para se organizarem, demonstram que são tão desorganizados e incapazes de assumirem o poder e servirem de alternativa de governação neste país.

Até porque se formos a ver profundamente estes partidos, vamos desvendar que só existem para confundir os menos atentos com os seus símbolos, onde muitos usam a galinha e o pássaro como signos. Não muitos, a maçaroca.

Esses intrépidos cidadãos, PCA's dos partidos que ganham fundos da CNE para organizarem as suas campanhas eleitorais, devem "masé" aprender com a FRELIMO quando diz: "A vitória prepara-se, a vitória organiza-se". E sendo partidos políticos com a finalidade de um dia assumirem o poder, deviam andar muito organizados e prontos para conduzirem os destinos deste que é um maravilhoso povo e muito especial.

Não estão preparados. Alguma vez estiveram? Ou a figura do Leopoldo da Costa (o contundente) é que os assusta? Acabou-se o "deixa-andar" na Comissão e já não se admite que partidos organizem papeladas nos jardins, por cima do joelho.

Ah, permitam-me dizer que quando terminava mesmo de redigir este artigo, alguém dizia-me (ao ler em primeira mão) que, se calhar, os verdadeiros donos destes partidos é que os aconselharam a não se candidatarem por os mesmos fazerem parte de alguma agenda oculta (??? Ups, sinceramente que não percebi esta).

Mas "hoquêi", eles que boicotem, não aquecem e nem arrefecem a jovem democracia moçambicana. Mais não digo.

i@Verdade

Como o Steve mudou a minha vida

**Adérito Caldeira**
averdademz@gmail.com

Numa igreja do bairro da Liberdade, onde cresci, tive o meu primeiro contacto com um computador. Naquela altura tinha eu 14 anos e o PC gateway onde aprendi o lotus e o word perfect era a máquina mais moderna que tinha alguma vez visto ao vivo e que aprendi a operar. Talvez por isso pensava fazer o curso de informática quando entrasse para a Universidade.

Cedo tive que começar a trabalhar e o curso superior ficou por fazer, mas os PCs sempre estiveram presentes na minha vida profissional.

Vi o Windows aparecer e evoluir, muitas vezes dava comigo a consolar-me, por não ter feito o curso que desejava, pensando que o Bill (Gates) já havia inventado os computadores e por isso eu precisava apenas de os operar.

Já adulto ouvia falar de uma máquina mais rápida que os PCs - a cada evolução o Windows demora cada vez mais tempo a iniciar - muito usada por

quem trabalha com gráficos. O acaso (ou o destino) fez-me cruzar com um Mac, se bem me recordo, um G3. Era onde finalizávamos os materiais antes de enviá-los para a impressão.

A máquina, de cor verde *degradé* para o branco, era linda mas só a usávamos algumas horas por semana, afinal não era para brincadeiras. Recordo-me de que, pela beleza e estilo que tinha o monitor, acabámos por usá-lo como parte de um cenário de um programa televisivo que fazíamos, era perfeito, nem precisávamos de o ligar.

Entretanto os laptops tinham-se massificado em Moçambique e, para além da minha vida profissional, os computadores entraram na minha vida pessoal.

Um dia, depois de muito ouvir falar - num tempo em que o acesso à informação era limitado, e à net fazia-se por uma chamada telefónica (tão mau era o ruído que fazia para a conexão

estabelecer-se) - comprei um iPod. Prateado, sem botões... tão lindo! E o melhor: tinha espaço para guardar 10 anos de ficheiros da minha vida passada, cabiam ainda todos os meus CDs de música e ainda impressionava as miúdas.

Sentia necessidade de ter um PowerBook não só porque também era lindíssimo, todo em alumínio, mas os PCs processavam muito devagar para as minhas necessidades profissionais. Quem já ficou com uma apresentação pendurada porque o Windows resolveu crachar sabe do que falo. Mas os macs na altura eram caros e o melhor que podia pagar era um pentiumzinho.

Há cinco anos quando lançámos este jornal mudei-me definitivamente e tudo ficou mais rápido e simples. Porém, no ano passado, quando falámos aqui nestas páginas do lançamento do iPad não imaginava que hoje estaria a escrever estas linhas num teclado virtual para depois enviá-lo por mail para

a Redacção.

Olho para trás e ainda não consigo conectar todos os pontos - que o Steve menciona no discurso que fez em 2005, e publicamos na página de Tecnologia - mas dá-me que pensar ter nascido no mesmo ano que o Apple I foi lançado. Afinal, todos os dias faço um jornal que as pessoas não sabiam que precisavam e, apesar de todos os riscos e obstáculos, continuo apaixonado pelo que faço e cheio de fome de continuar a mudar este nosso mundo para melhor.

O meu filho, que nasceu no ano em que o iPhone foi apresentado, disputa lá em casa a vez de usar o iPad. Ele não só joga e vê livros interactivos mas também sabe fazer fotos.

Será que poderíamos viver sem estas maquinas todas que o Steve criou? Claro que sim, mas não era a mesma vida tão boa e principalmente tão simples. Kanimambo Steve.



Goste d'@Verdade todos os dias lendo e comentando as notícias
no **facebook.com/JornalVerdade**

O Presidente do Congresso Nacional Africano (ANC) e da África do Sul, Jacob Zuma, admitiu, no fim-de-semana, que o partido está à beira do colapso, face a crescentes divisões entre os “camaradas” e o clima de indisciplina que atingiu um nível que, de algum modo, compromete a sua coesão.

Como vivem os ricos na cidade mais cara do mundo, Luanda

Têm muito dinheiro e gastam muito dinheiro. Em casas, barcos, aviões particulares, compras e festas – por tudo e por nada. Sete mil euros numa noite? É normal. Setecentos mil numa festa de anos? Também.

Texto: **Revista Sábado** • Foto: **Imagebank**

O carro circula na zona mais nobre da cidade. Bem no centro de Miramar, o condutor abranda, baixa um dos vidros escurecidos e anuncia-se. O segurança privado, armado com uma metralhadora AK47, repete o nome para um walkie-talkie. Dentro dos muros altos que rodeiam a moradia de sete quartos, alguém confirma que a pessoa é esperada e autoriza a entrada. Lá dentro estão outros cinco ou seis seguranças. E no acesso à garagem podem estar seis viaturas, todas de luxo, todas da casa, onde moram quatro pessoas.

A frota familiar inclui um BMW, um Audi, um Range Rover, entre outros carros topo de gama. Os automóveis podem ser conduzidos pelos proprietários ou por um dos cinco motoristas: um para o pai, outro para a mãe, um para os assuntos da casa, como levar as empregadas às compras, e dois para os filhos que ainda lá moram – os outros três já saíram de casa e têm carros e motoristas próprios.

A família não dispensa a ama, para quando os netos lá vão, e a equipa de empregados completa-se com um jardineiro, uma cozinheira, uma lavadeira para tratar da roupa e três mulheres para “limpar e arrumar”, como explica o membro desta família que falou com a repórter, mas prefere manter o anonimato. Por motivos de segurança e de discrição, admite apenas apresentar-se como filho de dois empresários, um dos quais ligado “ao partido” – o MPLA, evidentemente.

Esta família tem ainda duas casas em dois condomínios privados de luxo em Talatona, na zona sul

do mundo. Pelo segundo ano consecutivo, Luanda ganhou a todas as outras 214 cidades avaliadas pela consultora Mercer, no maior estudo feito sobre o custo de vida para os trabalhadores estrangeiros. Ao contrário destes, os membros da alta sociedade não precisam de arrendar casa pelos preços exorbitantes praticados na capital angolana, mas compram-nas, várias, nas zonas mais exclusivas e caras.

No Miramar, o mais elitista de todos os bairros de Luanda, cada metro quadrado de habitação não custa menos de 5.600 euros. Lá, moradias pequenas, mesmo antigas e a precisar de remodelação profunda, superam com facilidade o milhão de euros. Melhores e maiores podem chegar aos 3 milhões. Mesmo assim, as poucas que aparecem desaparecem “em um ou dois meses”, diz Bivar Chanda, da imobiliária Prolmóveis. Há dois anos, explica, ainda se vendia mais: “O conceito de condomínio privado, importado de Portugal e do Brasil, era novo e as pessoas da alta sociedade estavam todas a tentar entrar, e agora já adquiriram.”

Bivar Chanda refere-se aos vários empreendimentos que nessa altura começaram a aparecer em Talatona. Com grandes áreas habitacionais e infra-estruturas comuns de luxo (segurança 24 horas por dia, piscinas, zonas para crianças com babysitters, salões de festas e de jogos, discotecas, restaurantes, supermercados, campos de ténis e multidesportivos), Talatona tornou-se propriedade obrigatória para a elite. Teoricamente, daria para lá morar mas, com o trânsito mais do que caótico da capital

gastar. Viu três ou quatro empreendimentos e escolheu duas moradias no mesmo condomínio. Pagou 1,1 milhões de euros. Sem regatear. Geralmente, a única maneira de se conseguir fazer baixar o preço é pagar a pronto. “Acontece poucas vezes, mas acontece”, afirma o representante imobiliário.

As festas milionárias, as listas de convidados e as viagens em aviões privados

Na véspera do evento, dois dias antes da última Páscoa, o convidado recebeu um telefonema: era para lhe comunicar a hora a que deveria estar no aeroporto, no dia seguinte. Lá o esperava, e a outras nove personalidades VIP, o Falcon privado do organizador da festa. O voo de uma hora de Luanda a Lubango passou depressa, com a ajuda dos canapés e do champanhe Moët & Chandon servidos pela assistente de bordo. O aparelho repetiu a viagem algumas vezes, mas muitos dos convidados seguiram de Luanda nos próprios aviões privados. À chegada tinham à espera vários carros, com motorista, que os conduziram ao hotel, propriedade da família anfitriã, onde ficaram a dormir. A comemoração (os 30 anos do neto do milionário) só estava marcada para o dia seguinte. O grande banquete, nos jardins do hotel, juntou cerca de 800 pessoas.

“Um bufete riquíssimo, com champanhe a acompanhar, claro, e uma das maiores cantoras de Luanda a actuar durante duas horas e meia para as pessoas dançarem...”, conta um convidado que prefere manter o anonimato. Ele, como outros, ainda dormiu mais uma noite no hotel. E no dia a seguir voltou a viajar no Falcon para Luanda. “Tenho a certeza de que aquela festa não ficou por menos de 700 mil euros. “É muito provável que sim. Os angolanos de elite viajam muito, sabem o que é bom e investem o que for preciso para a sua satisfação”, explica Karina Barbosa, dona da STEP, empresa de produção de eventos. Além disso, adoram festejar. Qualquer motivo é bom para reunir os amigos. Além dos casamentos, aproveitam os aniversários de todos os membros da família para dar festas monumentais.

A começar pelos filhos: “Até aos 10 anos, quando as crianças já começam a querer comemorar de outra maneira, os pais organizam-lhes sempre festas a sério”, conta Karina Barbosa. Normalmente usam os jardins de casa e contratam catering com bar, mesas e cadeiras. DJ e decoração (balões que forram paredes inteiras ou formam corredores em arco e muito material temático da personagem de animação escolhida). “Agora também está na moda contratarem animadores fantasiados, pinturas faciais, parque infantil, máquina de pipocas e de algodão-doce, carrinho de

gelados...”, adianta a produtora.

Entre crianças (que depressa vão dormir) e adultos (que fazem a festa pela noite dentro), 100 convidados é um número absolutamente normal. E é normal que estes festejos apareçam nas páginas da Revista Caras de Angola. Como os casamentos, claro.

Ainda há poucos meses, o casamento de um deputado com uma sobrinha do Presidente da República fez capa da revista e foi considerado o evento do ano. Com 1.200 pessoas, nos Jardins da Cidade Alta, que pertencem ao palácio presidencial e só são acessíveis a membros do Governo ou do parlamento, até as cadeiras foram feitas propositadamente e enviadas de Portugal.

As centenas de metros quadrados de grama do gigantesco jardim foram alcatifadas, o bolo desceu numa plataforma suspensa do tecto e os guardanapos estavam bordados com o monograma dos noivos. O bufete (em Angola, por mais chique que seja o evento, não há serviço de mesa) teve pelo menos 10 pratos quentes, entre os típicos angolanos, como funge e moamba, e os internacionais, como bacalhau com natas e arroz de pato. Serviu-se champanhe Moët & Chandon, o que, em Luanda, é vulgar. E houve lagosta, mas isso, em Angola, também é vulgar. Uma tendência é contratar-se um artista angolano de topo para animar as festas.

Nesta houve quatro: “Cada um cantou duas ou três músicas, antes e depois do jantar, no palco que estava montado... Ah, e a apresentar estiveram duas figuras da televisão e da rádio”, conta um convidado que não quer dar o nome. Último pormenor: o brinde, dado pelos noivos aos convidados VIP (leia-se membros do Governo), foram relógios Rolex. Ofereceram pelo menos 10.

Todos os casamentos de elite tentam impressionar. “Só em flores, pode gastar-se 7 mil euros; o aluguer do espaço pode chegar aos 17 mil”, revela a organizadora de eventos Karina Barbosa. “Um casamento da alta sociedade fica facilmente em meio milhão de dólares. Mas também pode ficar num milhão.” Nessas contas não entram outras despesas, como o vestido de noiva e o fato do noivo, normalmente comprados no estrangeiro.

As noivas escolhem uma cidade (portuguesas ou brasileiras são preferidas por causa da língua) e viajam com a mãe ou uma amiga. Escolhem o vestido e voltam lá pelo menos uma vez de propósito para a prova. Fazem-no porque a oferta em Luanda é limitada e porque procuram originalidade. “Não noto nas minhas clientes de lá preocupação nenhuma com poupança”, revelou o estilista português Augustus, que tem ateliê na cidade: “Elas querem é bom, boni-



to e diferente.” Em Fevereiro, para um casamento, ele fez o vestido da noiva, e outros 16, para convidadas.

Os restaurantes da moda, as garrafas de champanhe e as contas exorbitantes

O mais impressionante é que a exorbitância, em Luanda, não é esporádica, mas diária. “Para uma família com dois adultos e uma criança conte, no mínimo, com despesas mensais de supermercado de 2.250 dólares (1.600 euros)”, avisa Hermínio Santos, no livro Trabalhar em Angola.

Na capital do país que ocupa o 146.º lugar, em 182 nações, no índice de Desenvolvimento Humano, tudo custa facilmente cinco ou dez vezes mais do que em Maputo.

A guerra civil acabou com a agricultura, destruindo campos e provocando a fuga da mão-de-obra agrícola para as cidades. O mesmo para grande parte da indústria. E, assim, esta potência petrolífera e diamantífera que o FMI prevê que cresça 7,5% este ano (e onde o salários mínimo é de 65 euros) tem de importar a esmagadora maioria de bens de consumo, mesmo os básicos.

Comer fora é um luxo. Em qualquer restaurante considerado bom, a conta fica nos 70 euros. Nos de topo supera frequentemente os 100. Sempre por pessoa. Para a elite, são preços normais.

À sexta e ao sábado não se consegue jantar sem reserva prévia de dois ou três dias. O restaurante da moda chama-se Oon.dah e abriu há nove meses. Isabel dos Santos, a filha do Presidente, é uma das sócias. Todos elogiam a decoração, o requinte, a ementa e outra coisa

que faz a diferença. “O serviço é como não há em Angola. Eles investiram muito na formação do pessoal. Em Luanda, quando nos sentamos num restaurante já sabemos que vamos ter de esperar para tudo, no Oon.dah o serviço é rápido e bom”, explica Solange Pitta Groz, gestora num projecto que vai entrar no mercado angolano dentro de meses. Há sushi bar, mas o prato mais emblemático é o bife wagyu (a carne mais conceituada do mundo). Custa cerca de 45 euros.

Com entradas, vinho e sobremesa, 100 euros por pessoa é o preço de uma refeição moderada. O restaurante mais caro de Luanda fica no primeiro e único hotel de cinco estrelas da cidade, o Hotel de Convenções de Talatona. O próprio director do La Piazza dei Forno assume que “alguns preços praticados cá não são acessíveis a toda a gente”. Almoçam e jantam lá sobretudo “membros e ex-membros do Governo, administradores de grandes empresas, presidentes de bancos...”, adianta Bruno Gonçalves. Para uma refeição mais privada, há um recanto com capacidade até 12 pessoas que se pode fechar com portas de correr – é requisitado “bastantes vezes”.

Com risotto e massa a quase 40 euros e pizzas que podem ser ainda mais caras, a média por cabeça supera facilmente os 100 euros. Claro que muitas refeições ficam acima disso – bastante acima. Um vinho Pêra-Manca custa 630 euros. “Saem facilmente umas cinco garrafas por mês”, revela o director do espaço. Por isso, nenhum empregado se surpreende quando entrega uma conta de 350 ou mesmo 700 euros: “Acontece de vez em quando.”

Outro espaço preferencial para as classes altas fica na ilha de Luanda.



de Luanda, mais uma na primeira linha de praia na ilha do Mussulo; outra em Lisboa (onde um dos filhos estudou), mais uma em Londres (onde estudou um segundo filho) e outra na África do Sul (“para fins-de-semana ou para quando vamos ao médico”). Somando, o pessoal de apoio mínimo necessário em cada uma (seguranças, empregadas, motoristas, conforme os casos), são “pelo menos 15 a 20 mil euros por mês”, só para empregados. Parece extraordinário, mas, em Luanda, não é. Mais casa, menos casa, mais carro, menos carro, mais empregado, menos empregado, este é apenas um de muitos exemplos de como vive a elite angolana na cidade mais cara

angolana, os escassos 17 quilómetros de distância até ao centro da cidade ficam, em hora de ponta, a umas imensas duas horas de caminho. Por isso, Talatona tornou-se mais um refúgio de fim-de-semana para as classes altas. “Há pessoas que chegam a comprar duas casas de uma só vez”, conta o vendedor.

“Há dois meses, um membro do Governo, com 40 e poucos anos, entrou e disse que queria comprar duas moradias em Talatona.” Requisitos, só dois: que cada uma tivesse pelo menos “duas vagas de estacionamento” e que, juntas, não custassem mais de 2 milhões de dólares. Ou seja, o cliente tinha cerca de 1,5 milhões de euros para



Goste d'@Verdade todos os dias lendo e comentando as notícias no **facebook.com/JornalVerdade**

A Síria ameaçou no último domingo

retaliar qualquer país que reconheça formalmente o recém-estabelecido Conselho Nacional da oposição, que procura apoio internacional para a revolta de seis meses contra o Presidente Bashar al-Assad. A formação do Conselho foi saudada pelos críticos ocidentais de Assad, incluindo Estados Unidos e França, mas eles ainda não o abraçaram diplomaticamente.

O restaurante /bar/discoteca Chill Out atrai executivos e vedetas da sociedade, sobretudo à sexta-feira à noite – ao sábado, grande parte da elite já está nas suas casas de fim-de-semana.

De dois em dois meses há uma festa temática, em cuja preparação e decoração o estabelecimento pode gastar 70 mil euros, com DJ's internacionais. A entrada custa 70 euros e dá direito a bar aberto. Os 1.500 convites (chamam-lhes assim, apesar de serem pagos) esgotam-se pelo menos dois dias antes. Mas todos os fins-de-semana a casa enche. O acesso à zona VIP faz-se por convite ou com a compra de uma garrafa – 100 euros a mais barata, de whisky. "Mas bebem mais champanhe", afirma o dono, Luís Castilho. Sobretudo Moët & Chandon, que custa 180 euros. Mas também há Cristal, por 850 euros. "Numa sexta-feira podemos vender 10 garrafas (de Cristal)", revela o responsável pela discoteca. "Há pessoas que abrem 10 ou 15. Temos clientes que gastam muito dinheiro..."

Os carros de luxo, os iates para o fim-de-semana e o hotel de cinco estrelas

"Há miúdos que têm 7 mil euros para gastar numa noite, nas discotecas, em bebidas e muito champanhe para todos os amigos. E não é um caso ou dois, é corrente", afirma uma angolana que prefere não se identificar. "E vê-se centenas de adolescentes de 18 anos com grandes carros."

Nas ruas da cidade, por entre os modelos antigos e gastos da maioria da população, circulam SUV's e carros todo-o-terreno de luxo: BMW X6, Porsche Cayenne e Range Rover são dos mais frequentes. Chegam sobretudo do Dubai porque, como em tudo o resto, também os carros são mais caros em Luanda.

Por exemplo: o BMW X6 em Luanda começa nos 116.500. Desde o fim do ano passado, começaram também a ver-se muitos BMW 535i Executive, os novos carros dos deputados. De acordo com o jornal angolano O País, a Assembleia Nacional importou 210 carros. Todos os automóveis são conduzidos por motoristas – uma categoria profissional por muitos considerada indispensável em Luanda, devido aos insuportáveis e constantes engarrafamentos.

Por causa de outro incontornável problema nesta cidade com mais de quatro milhões de habitantes, a extrema falta de lugares de estacionamento, há quem compre uma mota. "Eu conheço quem vá trabalhar, de fato e gravata, de mota com motorista", conta Solange Pitta Groz. Apesar do boom de Talatona, o Mussulo continua a ser o destino mais luxuoso, com grandes vivendas à beira-mar, onde a elite gosta de receber pequenos grupos de amigos em jantares discretos. Todos chegam nos seus iates – bons e luxuosos, mas não demasiado grandes. "Têm de ser práticos, por causa dos baixios do Mussulo. Eles usam-nos sobretudo para a travessia, para pescar ou dar

umas voltas de sky aquático", explica Luís Castilho.

Mas há quem se meta no carro e faça apenas alguns quilómetros até ao único hotel de cinco estrelas da cidade. "Temos clientes que moram aqui em Luanda e que cá vêm passar o fim-de-semana, para usufruir dos nossos serviços, restaurantes, piscina...", conta José Carlos Gomes, do Hotel de Convenções de Talatona. O quarto mais barato custa 422 euros. "Mas já pediram a suite presidencial, que custa mais de 2 mil euros", revela o relações-públicas. São membros do Governo, directores de empresas "ou simplesmente pessoas que não fazem nada: vivem de rendimentos".

Em aviões privados, os destinos podem ser mais longínquos. "De vez em quando vamos num grupo de cerca de 10 pessoas no Falcon de um casal nosso amigo para a casa deles em Saint-Tropez, França", conta com naturalidade o filho de um grande empresário.

Todos viajam muito, por todo o mundo, ficando nos melhores hotéis. Em Lisboa, preferem o Ritz e o Sheraton. É para lá que mandam levar as compras que fazem nas melhores lojas da Av. da Liberdade, da Louis Vuitton à Fashion Clinic, onde chegam de Ferrari, Aston Martin e até Rolls-Royce e podem gastar sem hesitar milhares de euros de uma só vez. Apreciam muito peças de desfile, porque são únicas. Regressam sempre a Luanda como as malas carregadas: "Porque como lá não há muita oferta e as pessoas não gostam de andar com coisas que outras possam ter, compram quando estão no estrangeiro,



mesmo que não precisem para o imediato", explica Karina Barbosa, da STEP.

A preocupação com a diferença é uma constante. "As minhas clientes de lá não ligam ao pronto-vestir. Querem tudo feito à medida, mesmo para o dia-a-dia", conta Augustus. "São ministras, esposas de ministros, executivas de topo, directoras de empresas que têm bom gosto e que querem roupa exclusiva, mesmo para trabalhar."

Em Luanda só há três lojas internacionais: Boutique dos Relógios, Lacoste e Hugo Boss. Na Boss há um fenómeno de vendas: o cliente vai à loja, percebe quais são os seus tamanhos e depois passa a telefonar para encomendar três, quatro, cinco ou mais fatos completos de cada vez, para entrega em casa. Já em Lisboa preferem a Boss Selection, por ter produtos mais exclusivos (e diferentes) dos que há lá. "Muitas vezes encomendam através dos concierges dos hotéis, até por motivos de privacidade, e sempre em grandes quantidades", conta Margarida Peres, directora de marketing da marca em Portugal: "Já houve um cliente que gastou 50 mil euros de uma vez."

Nobel da Química atribuído a Daniel Shechtman, “pai” dos quase-cristais

Texto: **Jornal Público de Lisboa** • Foto: **Reuters**

Na manhã de 8 de Abril de 1982, o cristalógrafo israelita Daniel Shechtman, na altura no National Institute of Standards and Technology (NIST), nos EUA, olhou, no microscópio electrónico, para a mistura de alumínio e manganésio cuja estrutura atómica estava a estudar. E pensou: "Esta criatura não pode existir". Na passada quarta-feira (5), pela sua descoberta de um novo tipo de materiais, os quase-cristais, Shechtman, de 70 anos, do Instituto Technion, em Haifa, Israel, recebeu o Prémio Nobel da Química 2011.



O que Shechtman viu foi “uma série de círculos concêntricos, cada um composto por dez pontinhos luminosos a igual distância uns dos outros”, explica o Comité Nobel em comunicado. “Contou e tornou a contar os pontinhos. Círculos com quatro ou seis pontinhos teriam feito sentido, mas não com dez.”

Os átomos formavam uma estrutura cristalina, o que em si não tinha nada de especial. Mas aqueles círculos, com os seus dez pontinhos, correspondiam a uma estrutura cristalina com uma “simetria de rotação de ordem 10” – e isso era totalmente contranatural. Uma tal estrutura nem sequer constava das Tabelas Internacionais de Cristalografia, a “bíblia” na matéria.

“Naquela altura”, refere o comunicado, “a ciência estipulava liminarmente que um tal padrão cristallino era impossível.”

Rejeição violenta

Nos cristais habituais, os átomos formam padrões geométricos regulares e repetitivos (cujo elemento de base pode ser cúbico ou hexagonal, por exemplo). Estes padrões dependem da composição química do cristal e, conforme os casos, apresentam diferentes simetrias de rotação. Existem cristais com simetrias de ordem 3, 4 ou 6, em que cada átomo está rodeado de 3, 4 ou 6 átomos, respectivamente, todos a igual distância uns dos outros.

A ordem da simetria é revelada quando a imagem

dos átomos destes cristais (os pontinhos luminosos) é rodada de forma a ficar perfeitamente sobreposta à imagem inicial: se for preciso uma rotação de 120 graus, é uma simetria de ordem 3, se bastar uma rotação de 90 graus, a simetria é de ordem 4 e se for

de apenas 60 graus, a simetria é de ordem 6.

Os cristais com simetrias de rotação de ordem 5, 7 ou 10 eram considerados impossíveis porque isso tornaria desiguais as distâncias entre os átomos, gerando um padrão regular mas regra de base da Cristalografia – a de que o padrão geométrico de um cristal se repete ao infinito. No entanto, a imagem que Shechtman tinha obtido nessa manhã de Abril 1982 apresentava uma simetria de ordem 10: bastava rodá-la 36 graus (um décimo de uma volta completa de 360 graus), para a imagem se sobrepor perfeitamente à imagem inicial.

No seu caderno, o cientista escreveu: “Ordem 10??? Estava perplexo. Para mais, quando Shechtman analisou com mais pormenor a estrutura geométrica do cristal que tinha entre mãos, descobriu que, na realidade, ela apresentava uma simetria de ordem 5 – algo igualmente impossível.

Depois de ter excluído que se tratasse de um erro experimental, Shechtman falou da descoberta aos seus colegas. A reacção foi violenta: foi ridicularizado, o seu chefe mandou-o ler melhor os manuais de Cristalografia e até o quis expulsar do laboratório.

Mas Shechtman, convencido de que tinha razão, não desistiu e, nos meses que se seguiram, vários especialistas também perceberam que a sua descoberta mudaria para sempre a visão dos sólidos cristalinos: o israelita Ilan Blech, ex-colega do Technion, onde Shechtman tinha estudado, o norte-americano John Cahn, o físico que o tinha convidado a trabalhar no NIST, e o cristalógrafo

fo francês Denis Gratias. Juntos publicavam, em Novembro de 1984, na revista Physical Review Letters, um artigo “que teve o efeito de uma bomba”, lê-se ainda no comunicado Nobel, porque “punha em causa uma verdade fundamental: que todos os cristais são feitos de padrões periódicos, repetitivos”.

A partir daí, os cristalógrafos começaram a tirar das suas gavetas imagens de estruturas do mesmo tipo que tinham sido descartadas como sendo o resultado de erros de fabrico dos materiais. Simetrias de ordem 8 e 12 foram reconhecidas à luz dos resultados de Shechtman. Mosaicos árabes Shechtman continuavam sem saber como os átomos do seu material estavam dispostos. Essa parte do enigma seria resolvida com a ajuda da Matemática.

Em meados dos anos 1970, o célebre matemático britânico Roger Penrose tinha criado um mosaico a partir de dois losangos de tamanhos diferentes. O mosaico não era periódico: o seu padrão não se repetia. Diga-se de passagem que o mesmo tipo de padrões seria a seguir descoberto nos maravilhosos azulejos do Alhambra, em Granada, e em monumentos do século XIII no Irão, sugerindo que os matemáticos ocidentais do século XX não foram os primeiros a inventá-los...

Sem conhecer o trabalho de Shechtman, o cristalógrafo britânico Alan MacKay teve a ideia de utilizar o mosaico de Penrose para ver se, no mundo real, os átomos poderiam criar algo parecido. Pegou numa imagem do mosaico de Penrose e fez buraquinhos nas intersecções dos losangos para representar os átomos. E quando projectou luz no seu modelo para obter o que os especialistas chamam uma “imagem de difracção”, descobriu um padrão composto de... círculos concêntricos com dez pontinhos cada!

Quem fez a ponte entre os resultados de Shechtman e de MacKay foram os físicos norte-americanos Paul Steinhardt e Dov Levine. Perceberam que o modelo de MacKay existia no mundo real – e estava no laboratório de Shechtman. Publicaram, na noite de Natal de 1984, um artigo que fazia a síntese das duas descobertas e dava aos novos cristais o nome de “quase-cristais”.

Coreia do Norte mostra a sua tragédia alimentar

É possível encenar a fome? Enquanto uns consideram que Pyongyang exagera sobre a crise alimentar, os jornalistas viram campos alagados e crianças a morrer.

Texto: **Redacção/Agências**

No hospital pediátrico na província agrícola mais produtiva da Coreia do Norte, há duas crianças por cama. Todas mostram sinais de malnutrição profunda: têm infecções na pele, o cabelo pastoso, apatia evidente. “As mães trazem-nas até aqui de bicicleta”, diz o médico Jang Kum Son, que trabalha na cidade de Haeju, junto ao mar Amarelo. “Tínhamos uma ambulância mas está completamente avariada. Uma mãe viajou 72 Km. Quando chegou aqui, muitas vezes já é demasiado tarde”.

Começa a ser também demasiado tarde para a Coreia do Norte conseguir a quantidade de alimentos de que precisa antes de se instalar o rigoroso inverno. O deficiente sistema de distribuição de alimentos do país, a subida global dos preços e as sanções contra Pyongyang devido aos seus programas de mísseis e nuclear contribuíram para esta grave situação, que começou mesmo antes de os tufões e das cheias terem devastado as colheitas de Verão.

O apelo do regime de Kim-Jong-il para que fosse prestada ajuda alimentar ao país ficou quase sem resposta. E a Coreia do Sul diz ainda que o Norte exagera sobre a crise.

Debaixo de um apertado controlo das autoridades, a Alertnet (serviço de notícias que cobre emergências em todo o mundo dirigido pela fundação Thomson Reuters) e um fotógrafo da Reuters conseguiram viajar por uma semana na província de Hwanghae Sul. O motivo do regime para permitir esta visita é a amplificação do pedido de ajuda alimentar.

O retrato que o regime apresentou em Hwanghae Sul foi o de fome crónica, cuidados de saúde incipientes e acesso limitado a água potável ou limpa.

“Nem na Etiópia”

Num orfanato de Haeju, 28 crianças sentadas no chão do pequeno posto

médico cantam “não invejamos nada” – o hino à política que tornou o país numa das sociedades mais fechadas do mundo.

As medidas tiradas ao braço de cada criança – um teste simples para medir o grau de malnutrição – revelam 12 na zona laranja e vermelha; morrerão sem tratamento adequado. A equipa dos Médicos Sem Fronteiras (MSF) que acompanhou a Alertnet encontrou cenários idênticos noutros locais. Mas os MSF sublinharam que não se devem tirar conclusões estatísticas.

Num orfanato em Hwangju, 12 crianças estavam em situação crítica. Pareciam ter três ou quatro anos, os funcionários garantiram que tinham oito. “Nunca presenciei um nanismo desta profundidade, nem na Etiópia”, disse Delphine Chedorge, a chefe dos serviços de emergência dos MSF.

A cozinheira do orfanato tem, para alimentar 736 crianças, milho e uma sopa

rala de cebola e rábano. Não há óleo, açúcar ou qualquer tipo de proteína, que é essencial. Os norte-coreanos vivem menos 11 anos do que os sul-coreanos devido à malnutrição, revelam os indicadores de saúde da ONU.

A vaga fria que surgiu antes do tempo queimou uma grande percentagem de sementes debaixo do solo. E o Comité do Povo de Hwanghae Sul diz que o frio estragou 65% da produção da província. Entre o fim de Junho e o início de Abril, as chuvas torrenciais, as cheias e dois tufões já tinham inundado o Sudoeste e as províncias do Centro. Hwanghae foi muito atingida, sendo as suas quintas comunitárias as grandes fornecedoras de alimentos a um país montanhoso onde só um quinto do solo é arável. Dali provinha um terço dos cereais. Há números que são difíceis de confirmar. O que vimos foram terras agrícolas inundadas por lama, pontes de cimento rachadas e escolas e centros de saúde destruídos.



Não tem preço.

Todos os dias **www.verdade.co.mz**

MUNDO

COMENTE POR SMS 821115

Um comandante da Força Aérea iemenita morreu na explosão de um carro-bomba no sul do Iêmen na terça-feira, disseram testemunhas e uma fonte da área de segurança, no mais recente de uma série de ataques na instável região sul do Iêmen no meio de nove meses de protestos populares contra o presidente Ali Abdullah Saleh.

Ajuda já chega ao interior da Somália mas a fome ainda mata

Cruz Vermelha tem em marcha operação de socorro, depois de negociações com a al-Shabab. Mas a guerra não permite optimismos.

Texto: **Jornal Público de Lisboa** • Foto: **Reuters**

Na semana passada chegaram boas notícias: a Cruz Vermelha começou a distribuir ajuda alimentar a um milhão de famílias afectadas pela fome que têm estado inacessíveis, por viverem em regiões da Somália sob controlo dos islamistas da al-Shabab. As Nações Unidas calculam em 750 mil o número de pessoas em perigo de vida.

Camiões com alimentos saídos nos últimos dias das zonas costeiras começaram a chegar ao interior, no início de uma operação que a Cruz Vermelha Internacional classificou como a maior do género que alguma vez montou. O envio da ajuda só foi possível, segundo a BBC, depois de complexas negociações com al-Shabab, organização ligada à Al-Qaeda, que há dois anos baniu organizações humanitárias da Somália.

Para além da operação de ajuda alimentar de emergência, que deve prolongar-se por três meses, a Cruz Vermelha, que tem como crédito uma presença de vinte anos no país, prepara-se para fornecer perto de um quarto de milhão de sementes a agricultores. A ideia é que, com a aproximação das chuvas, a maior seca na região em 60 anos possa em breve ser coisa do passado.

"Se tudo correr bem, esperamos que estes agricultores possam ter algumas colheitas até ao fim do ano", disse à estação britânica Geoff Loane, um porta-voz da organização.

Apesar de já antes da operação da Cruz Vermelha a ajuda ter começado a chegar a uma parte das vítimas da seca que atinge o Corno de África, principalmente a Somália, a situação continua a ser "extremamente crítica". Um diagnóstico do gabinete de co-

ordenação de Assuntos Humanitários das Nações Unidas (OCHA), divulgado há cerca de uma semana, confirmava a particular gravidade da situação na Somália: 750 mil pessoas em perigo de vida e níveis alarmantes de mortalidade infantil. Isto apesar de, nas últimas semanas, ter já começado a distribuição de alimentos a 1,85 milhões de pessoas – quase metade dos cerca de quatro milhões que estão em situação de necessidade no país.

"Centenas de milhares de somalis continuam longe das suas casas, à procura de comida e de segurança", alertou a Cruz Vermelha, antes de ter anunciado a operação nas zonas controladas pela al-Shabab, a meio da semana.

O ponto de situação feito pela OCHA inclui outro dado muito preocupante: a taxa de mortalidade infantil na Somália está calculada em 15,4 por dia em cada dez mil. Nos campos de refugiados somalis na Etiópia e no Quênia registou-se, porém, um progresso devido à resposta dos governos e agências humanitárias: em Julho morriam diariamente quatro a cinco crianças em cada dez mil, agora a média é de 1,1.

456 mil em Dadaad

Um responsável do UNICEF, organização das Nações Unidas para a infância, calcula que apenas sete mil de 160 mil crianças em situação de malnutrição aguda estejam a ser alimentadas na Somália. Um relatório da unidade de análise de segurança alimentar da OCHA admitia há dias que a situação se deteriorasse no Sul e que a declaração de fome feita pelas Nações Unidas para seis regiões se pudesse alargar a outras zonas.



O ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) está muito preocupado com a situação na zona da cidade de Dholey, ponto de passagem de milhares de pessoas que procuram chegar a Dadaad, no Quênia, onde se situam os maiores campos de refugiados do mundo. Concebidos para acolher 90 mil pessoas, são a casa de 456 mil, maioritariamente somalis, empurrados por uma guerra que se prolonga há 20 anos e depois pelos efeitos da seca.

O fluxo de refugiados somalis em direcção aos países vizinhos, para onde se deslocaram nos últimos meses mais de 140 mil, não pára. As Nações Unidas calculam que o número de entradas no Quênia é da ordem das 1100 pessoas por dia e que no caso da Etiópia oscila entre as 200 e as 300. Este último país tornou-se também nas últimas semanas porto de abrigo para sudaneses que fogem da violência.

As chamadas de atenção sobre o que se passa naquela região africana – além da

Somália, também populações do Quênia, da Etiópia e do Djibuti estão a ser afectadas pela fome, num total de 13,3 milhões de pessoas – têm-se repetido mas sem grandes consequências práticas. Dezenas de milhares de pessoas morreram de fome na região, nos últimos meses. A meio da semana, o Papa Bento XVI renovou o seu apelo à "ajuda concreta".

Conduta criminosa

No caso da Somália, o quadro de insegurança e violência condiciona o auxílio. "O regresso dos combates entre grupos armados rivais agrava a situação humanitária já de si muito grave", declarou Adrian Edwards, porta-voz do ACNUR, citado pela AFP, dia em que mais de sete dezenas de pessoas foram mortas num atentado suicida em Mogadíscio, a capital da Somália.

A ameaça de "numerosos" outros atentados, que se seguiu, é tudo menos tranqui-

lizadora. Consciente do efeito que pode ter, o Primeiro-Ministro somali, Abdiweli Mohamed Ali, apelou aos membros das agências humanitárias para que não deixem o país. Ontem, o alto-comissário do ACNUR, António Guterres, respondeu-lhe, garantindo que o trabalho vai continuar e apelando a todas as partes na Somália a deixarem as organizações humanitárias ter acesso a todas as regiões do país.

Matt Bryden, coordenador de um grupo das Nações Unidas que acompanha a situação na Somália e a Eritreia, não tem dúvidas de que se a situação de fome na Somália é explicada pela ausência de chuva, deve-se também, em grande medida, à acção humana.

"É tempo de o Tribunal Penal Internacional se envolver na Somália, ou de ser criado um tribunal especial internacional para desmantelar a cultura de morte e impunidade", escreveu num relatório para o Enough, um projecto do Center for American Progress destinado a prevenir genocídios e crimes contra a humanidade

"A fome na Somália é menos um sintoma do conflito ou do clima do que da insensível e criminosa conduta humana – incluindo crimes contra a humanidade que requebrem consequências ancoradas na justiça internacional."

Bryden não poupa o governo federal de transição, por saque de ajuda destinada à população faminta, mas é particularmente crítico do modo como os islamistas têm lidado com a situação. "Em última instância, é a ideologia retorcida da al-Shabab, os seus métodos repressivos, a indiferença para com o sofrimento do seu próprio povo que estão por trás da catástrofe."

Afegãos já não duvidam do regresso dos taliban. Só não sabem se será a bem ou a mal

A guerra está longe do fim e não há sinais de capitulação dos "estudantes de teologia". O sentimento geral é que, através das armas ou da negociação, estes vão voltar ao poder.



Wakil Ahmad Muttawakil, ex-braço direito do líder dos taliban, mullah Omar, acredita que só há uma forma de pôr fim a uma década de combates no Afeganistão: devolver o poder aos islamistas radicais.

"A única maneira de pôr fim à luta contra os taliban é trazê-los para o poder e mandar os estrangeiros embora", insiste Muttawakil numa entrevista à Reuters na sua casa de Cabul. Além disso, acrescenta, a insegurança e a imoralidade floresceram desde que as tropas lideradas pelos Estados Unidos derrubaram o regime dos "estudantes de teologia" em Cabul. O seu regresso acabaria com muitos desses problemas.

Mas há outros afegãos que não estão nada entusiasmados com o

reaparecimento no governo de um grupo que recordam como sendo cruel e opressivo. Mas com a retirada das tropas estrangeiras, numa altura em que a guerra está longe de ter terminado, este é o futuro para que muitos se preparam.

"Quando os EUA partirem, numa semana os taliban regressam. Acredito 100% que eles vão recuperar o poder, quer o povo afegão queira, quer não", diz Khalid Ahmad, um vendedor de roupa feminina. "Quando eles voltarem, vão reintroduzir as leis islâmicas, vão acontecer, eu não vou partir, mas duvido que consiga manter um negócio como este aberto."

Durante o seu reinado entre 1996 e 2001, os "estudantes de teologia" impuseram políticas forte-

mente opressivas, especialmente em relação às mulheres, que foram banidas de quase todo o tipo de empregos e estudos, e sujeitas a todo o tipo de proibições de movimentos e de participação na sociedade. Executavam publicamente pessoas acusadas de adultério, amputavam aqueles que fossem acusados de roubo e, sendo maioritariamente da etnia pashtun, discriminaram todos os outros grupos étnicos.

A sua interpretação austera do islão também alienou os afegãos que não eram directamente afectados pelas suas leis rigorosas. Proibiram a televisão, alguns desportos e quase toda a música. Prendiam homens sem barbas e espancavam aqueles que faltavam às orações.

A meio caminho

Os Estados Unidos e outras potências ocidentais e regionais insistem que o seu compromisso no Afeganistão vai durar muito para lá de 31 de Dezembro de 2014, a data acordada entre a NATO e o presidente Hamid Karzai para o final da retirada das tropas estrangeiras.

Responsáveis norte-americanos, incluindo o embaixador em Cabul, dizem que meses de tentativas para avançar numa negociação com os taliban sobre uma solução política para pôr fim a uma década de conflito só vão traduzir-se em alguma coisa palpável, se a pressão militar sobre o grupo insurrecto continuar.

"É necessário enfraquecer ainda mais os taliban até eles chegarem ao ponto em que se sentem à mesa preparados para aceitar as condições que nós definimos em conjunto com as autoridades afegãs", considerou o embaixador Ryan Crocker, numa entrevista recente à Reuters.

Só que, para a maioria dos afegãos, estes esforços para negociar com os taliban são sinal de que o dinheiro e a convicção necessária para vencer a guerra estão a faltar.

A confiança nas forças de segurança afegãs, minadas pela corrupção, abuso de drogas e iliteracia, não é muita. Por isso há um sentimento crescente de que os taliban vão voltar, seja pela força das armas, seja através de um acordo que será mais vantajoso para o grupo do que para as potências ocidentais em retirada.

"Tenho medo. Se as forças estrangeiras nos deixarem a meio caminho, todas as vitórias conquistadas serão dramaticamente perdidas", queixa-se Abbas, um comerciante de 24 anos.

Mas para muitos, os taliban são uma alternativa melhor do que a possibilidade de regresso a uma guerra civil e do que a presença de tropas estrangeiras no país.

Dez anos depois, as estimativas apontam para a morte de mais de 11 mil civis durante a guerra. E para milhares de feridos. Embora os insurrectos sejam responsáveis por cerca de 80 por cento das mortes de civis neste último ano, as forças estrangeiras são vistas como a principal causa de tanto sofrimento.

"O aumento de actividades imorais, dos atentados suicidas e toda a nossa miséria é por causa da presença americana no Afeganistão", diz Abdul Nazir, o imã de uma mesquita de Cabul. Concorda com Muttawakil, quando este diz que a violência acaba no dia em que os americanos se forem embora.

Os próprios taliban também mudaram depois de dez anos de guerrilha e de todas as mudanças

políticas que ocorreram no planeta. Ainda querem aplicar um islão austero, mas podem ter suavizado a sua posição em relação a questões como a educação e a iniciativa privada. Alguns analistas arriscam que o movimento pode estar interessado em dirigir um governo civil pan-afegão, abandonando a militância armada dominada pela etnia pashtun.

Em Agosto, o mullah Omar fez uma rara declaração para assinalar o fim do Ramadão, afirmando que uma futura liderança taliban seria uma meritocracia inclusiva. Prometeu também desenvolvimento económico para libertar os afegãos "dos tentáculos da pobreza, desemprego, atraso e ignorância".

Mas, atenção, avisam os cépticos, reinstalados no poder, "os estudantes de teologia" poderão querer governar o Afeganistão com o mesmo punho de ferro que utilizaram até 2001.

"Com a sua mentalidade e ideologia, será muito difícil para eles aceitar outros e também será muito difícil os outros aceitarem-nos a eles", explica Ghulam Jelani Zwak, um analista político afegão. "Temos um longo, longo caminho pela frente antes de isso acontecer."



esteja em cima de todos os acontecimentos seguindo-nos em twitter.com/verdademz





AMÉRICA DO NORTE

Manifestantes de Wall Street vão a casas de executivos

O movimento Ocupe Wall Street levou na terça-feira os seus protestos às casas de executivos de Nova York, e havia manifestações programadas para esta semana em mais de 50 campus universitários e em várias cidades do mundo.

Os manifestantes saíram pelo sofisticado bairro do Upper East Side no "Tour dos Bilionários", passando pelas residências de gente como o magnata dos media Rupert Murdoch, Jamie Dimon, do JPMorgan Chase, e outros banqueiros ricos.

Lloyd Blankfein, do Goldman Sachs, cancelou uma palestra que faria no Barnard College, em Nova York, alegando problemas de agenda. Alunos da vizinha Universidade Columbia planeavam protestar na presença dele, segundo o jornal da universidade.

Pelas ruas do Upper East Side, polícias acompanhavam os cerca de 450 manifestantes que gritavam frases como "Os banqueiros foram resgatados, nós fomos vendidos", e "Ei, bilionários, paguem a sua parte".

Os manifestantes protestam contra a enorme remuneração dos altos executivos, os bilhões de dólares gastos pelo governo para resgatar instituições financeiras após a crise de 2008, e as manobras usadas pelas empresas para evitarem o que muitos americanos consideram que seria justo em ter-

mos de impostos.

O engenheiro Mustafa Ibrahim, de 23 anos, do Cairo, aproveitou uma visita a Nova York para aderir à manifestação. Ele contou que chegou a ser detido durante a rebelião popular deste ano que derrubou o Presidente Hosni Mubarak. "É praticamente a mesma coisa que no Egito", disse ele. "Os protestos são internacionais na consciencialização, porque todos nós temos os mesmos problemas com os ricos."

Já a sua amiga Bethany Gayda, de 23 anos, estudante em Pittsburgh, manifestou dúvidas quanto aos resultados dos protestos anti-Wall Street. "A mudança vem pelo voto, não ficando parado com uma placa."

Centenas de pessoas estão acampadas desde o dia 17 de Setembro num parque perto de Wall Street, e mais de 700 pessoas já foram detidas durante esses protestos. Na terça-feira, a polícia de Boston prendeu 129 manifestantes, depois de o grupo ampliar o seu acampamento. "A desobediência civil não será tolerada", disse o prefeito Thomas Menino ao canal Fox News.

Em Washington, seis pessoas foram presas num protesto com cerca de cem participantes num prédio administrativo do Senado, segundo polícias e manifestantes. / Por Redacção e Agências



AMÉRICA CENTRAL/ SUL

Ataque rebelde e bombardeio deixam 18 mortos na Colômbia

Sete militares e 11 guerrilheiros morreram na segunda-feira na Colômbia em ataques relacionados com o conflito com a guerrilha, a menos de três semanas das eleições para prefeitos e governadores no país, informou o Ministério da Defesa.

Guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) atacaram com explosivos um comboio do Exército numa região montanhosa no sudoeste do país ao mesmo tempo que a Força Aérea bombardeava um acampamento do grupo noutra área.

O ministro da Defesa, Juan Carlos Pinzón, disse que o ataque das FARC contra um comboio do Exército, no qual foram mortos

cinco soldados e dois suboficiais, ocorreu na zona rural do município de Caloto, no departamento de Cauca. Os rebeldes activaram explosivos no momento da passagem dos veículos militares.

O departamento de Cauca é uma região conflagrada, estratégica para a produção e tráfico de cocaína. As FARC mantêm-se activas na região.

Os militares bombardearam um acampamento da guerrilha na zona rural do município de Sardinata, no departamento de Norte de Santander, na fronteira com a Venezuela. Segundo Pinzón, foram encontrados os corpos de 11 rebeldes e apreendidas armas e munições.

/ Por Redacção e Agências



OCEANIA

Austrália desrespeita direitos humanos de aborígenes, diz Amnistia

O secretário-geral da Amnistia Internacional, Salil Shetty, acusou o Governo da Austrália de desrespeitar os direitos humanos de aborígenes que vivem em algumas comunidades rurais mais afastadas.

Shetty visitou assentamentos indígenas no deserto da região central do país e afirmou que o Governo australiano deveria ser alvo de constrangimento frente à comunidade internacional para que fosse obrigado

a tomar providências para melhorar as condições de vida na região.

O secretário-geral da Amnistia disse que ficou estupefacto com as péssimas condições de habitação e com a pobreza que observou entre os aborígenes.

O Governo da Austrália afirmou que tem como prioridade enfrentar os problemas das comunidades de aborígenes. / Por Redacção e Agências



EUROPA

Ao fim de ano e meio, os belgas vão voltar a ter um governo

Passaram 481 dias antes de haver acordo. E terão que passar ainda mais alguns até aparecer um governo. Mas todos os sinais são positivos e indicam que a Bélgica voltará a ter um executivo, depois de um ano e meio de vazio. Os partidos francófonos e flamengos chegaram, na madrugada de ontem, a um acordo sobre a reforma institucional que reorganiza o Estado e transfere mais poderes para as regiões, e houve claramente um vencedor – a Flandres.

A questão da língua é importante, porque esta não foi apenas uma crise política, sobre quem fica com que pasta. Em causa esteve a identidade dos territórios, a demarcação clara do que pertence a quem. "Esta é a reforma mais importante desde a II Guerra Mundial", disse o presidente do Partido Liberal (francófono), Charles Michel. "O diálogo sobre pôs-se ao cinismo", juntou o ecologista flamengo Wouter Van Besien, citado pelo Le Point.

O ponto de maior divergência entre as duas partes – além de francófonos e flamengos, há ainda uma comunidade de língua alemã na Bélgica – foi a reorgani-

zação administrativa do reino e a transferência de poderes. O pacto entre os partidos (quatro por cada lado) prevê a divisão do distrito eleitoral e judicial de Bruxelas-Halle-Vilvoorde. Seis municipalidades ficarão sob a administração valã (será usada a língua francesa na administração pública), 29 debaixo da alçada flamenga (o flamengo, próximo do holandês, será a língua administrativa).

Segundo a explicação do analista Jean Quatremer, do jornal francês Libération, esta divisão é praticamente uma formalização de uma fronteira entre a Flandres, a norte, e a Valónia, a sul, com Bruxelas, a capital do reino, com 95 por cento de francófonos mas um enclave em território flamengo, a estar agora oficialmente retalhada em termos administrativos.

Uma jogada essencial por parte dos partidos flamengos, sublinha Quatremer, se no futuro ocorrer a fragmentação da Bélgica, como é o desejo de muitos no Norte.

Este acordo, que será apresentado em pormenor na terça-feira, corresponde de algum modo à necessidade de os partidos fran-

cófonos travarem o radicalismo crescente de alguns partidos flamengos. Em concreto, o N-VA, independentista, que já subira nas últimas eleições, no Verão de 2010, e que foi crescendo de importância nas sondagens à medida que foi bloqueando as negociações.

A crise começou, oficialmente, em Junho de 2010, quando se realizaram as legislativas. Mas a ferida abriu-se nas eleições precedentes, em 2007, com a vitória dos cristãos democratas flamengos depois de se aliarem ao N-VA. Os dois iniciaram uma campanha pela passagem de competências federais para as regiões, ao mesmo tempo que juntavam à batalha a defesa da sua língua e cultura.

Perante esta ameaça, e pressionados também pelos mercados financeiros atentos à dívida soberana e à crise bancária – a agência de rating Moody's ameaçara na semana passada baixar a classificação belga –, os partidos deixaram de lado o oportunismo eleitoralista (o cinismo de que falava Van Besien) e entenderam-se. Há um ano e meio que o reino tinha um governo de gestão, incapacita-

do de tomar decisões.

O Sul conseguiu segurar a participação do bastante mais próspero Norte nas suas finanças públicas, apesar das queixas crónicas das regiões flamengas de estarem a alimentar um sorvedouro de dinheiro em permanente derrapagem financeira (crítica idêntica às regiões de língua alemã, no Leste do país).

Os flamengos conseguiram reforçar o federalismo, ganhando todas as regiões maiores poderes administrativos (a transferência de competências incluiu o judicial e áreas de saúde, e políticas de emprego e de família) e conseguindo a partilha de uma boa parcela dos 11 mil milhões de euros dos impostos sobre os rendimentos que ainda revertem na totalidade para os cofres federais.

O socialista francófono Elio di Rupo foi convidado pelo rei Alberto II para formar um governo e, se voltar a ter sucesso – foi ele que mediou as negociações –, será a primeira vez desde 1997 que a Bélgica terá um primeiro-ministro de língua francesa. / Por Público de Lisboa



ÁFRICA

Oposição nos Camarões diz que houve fraude na eleição presidencial

cais", disse Elizabeth Tamajong, secretária-geral da Frente Social-Democrática (SDF), à Reuters por telefone.

Relatos de que alguns eleitores depositaram duas cédulas, enquanto outros não chegaram a votar podem minar a credibilidade da eleição no país produtor de petróleo, semanas depois de uma eleição na Zâmbia mostrar que uma mudança pacífica por meio do voto é possível em África.

Biya, de 78 anos, já foi presidente por 29 anos e a sua candidatura

à reeleição foi possível apenas depois de ele modificar os limites do mandato presidencial em 2008 – uma medida que se somou à insatisfação popular por causa dos preços dos alimentos que provocou distúrbios nos quais morreram mais de 100 pessoas.

Além de produzir petróleo, Camarões é o principal ponto de entrada marítima da região e rico manancial de alimentos, abastecendo Chade, República Centro-Africana, República do Congo e Gabão. Apesar disso, o seu cresci-

mento económico está abaixo da média de África e os críticos mencionam o fracasso da democracia.

A eleição de domingo (9) terminou de forma pacífica, mas problemas de abastecimento de energia fizeram com que a contagem dos votos em alguns distritos fosse feita à luz de velas, com a ajuda das lanternas dos celulares ou, como ocorreu num distrito da capital Yaoundé, com as luzes de uma moto. Os resultados poderão levar até duas semanas a serem divulgados.

/ Por Redacção e Agências



ÁSIA

Birmânia já libertou uma centena de presos políticos

centração de simpatizantes que incluía antigos detidos. "Como disse várias vezes, a independência de toda a gente não tem preço. Estou realmente grata pela libertação dos presos políticos".

Para além de Zarganar – detido em Junho de 2008 depois de ter sido condenado a 59 anos de prisão por criticar a resposta do Governo ao ciclone Nargis (matou mais de 138 mil pessoas) e organizar assistência às vítimas – sabe-se que foi também libertado Sai Say Htan. O líder da etnia shan (e de um grupo armado que lutava contra o regime militar) fora condenado a 104 anos de cadeia, em 2005, por se recusar a participar na preparação de uma nova Constituição.

As estimativas da Reuters, a partir de contactos com familiares e responsáveis prisionais, apontavam inicialmente para duas dezenas de libertações. A Associação de Assistência aos Presos Políticos, grupo que controla os detidos na Birmânia, e que trabalha a partir da Tailândia, referiu uma centena. A Liga Nacional para a Democracia, de Suu Kyi, falou à AFP em 120.

Há alguma confusão em relação à sorte de alguns dos detidos, como Shin Gambira, um monge que liderou as manifestações de 2007, com uma fonte a dizer que foi libertado e um activista a negá-lo. E sabe-se que está ainda na prisão, por exemplo, Min Ko Naing, um líder influente da revolta conhecida como 8-8-88 (8 de Agosto de 1988), quando centenas de milhares de pessoas foram à rua exigir democracia ao regime militar; a contestação acabou com três mil mortos, segundo estimativas de grupos de direitos humanos. Outro dos responsáveis da Geração 88, Ko Ko Gyi, também continua atrás das grades, como aliás cerca de 30 membros do grupo.

É por tudo isto que Benjamin Zawacki, investigador para a Birmânia da Amnistia Internacional, afirmou, quando eram apenas conhecidos duas dezenas de casos, que as libertações foram "desapontantes". "Parece ser um atraso em relação às rápidas e importantes reformas políticas que têm acontecido no país. Se estes números são tão pequenos como tememos, poderá ser, ou significará realmente, uma desaceleração das reformas".

O ex-general Thein Sein assumiu em Março a presidência do primeiro governo civil do país em meio século (ainda que ninguém duvide do poder que os militares exercem nos bastidores ou mesmo às claras). Apesar das gigantescas reservas com que a mudança de regime foi recebida, o novo chefe de Estado tem dado nas últimas semanas uma série de passos que permitem esperar alguma abertura: desde o processo de negociações com Suu Kyi, à suspensão de uma barragem polémica, defesa do abrandamento da censura, até à formação da comissão de direitos humanos que defendeu publicamente na terça-feira a libertação dos presos políticos.

A libertação dos 2100 detidos tem sido uma condição incontornável para que os Estados Unidos, União Europeia e Austrália reconsiderem o levantamento das sanções à Birmânia. Em entrevista à Reuters antes das libertações, a chefe da diplomacia norte-americana, Hillary Clinton, afirmou que estes são sinais "prometedores", mas que ainda é cedo para dizer que resposta pode Washington dar. / Por Público de Lisboa

ECONOMIA

COMENTE POR SMS 821115

Durante a semana de 26 de Setembro a 3 de Outubro corrente, os preços dos principais produtos agrícolas continuaram estáveis na maioria dos mercados retalhistas monitorados pelo Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA), um órgão do Ministério da Agricultura.

O negócio de sucatas

Durante 15 anos a trabalhar como mecânico, Gerente Naiene viu, de um dia para o outro, a sua vida desmoronar, pois a empresa para a qual trabalhava declarou falência. Mas não se deixou abater e, na lógica segundo a qual “por morrer uma andorinha, não acaba a Primavera”, decidiu abraçar o negócio de sucatas e produção de barras de pesca. Hoje, emprega 12 pessoas e prospera como nunca imaginou...

Texto: **Hermínio José** • Foto: **Miguel Manguze**



Aos 49 anos de idade, Gerente Alfredo Naiene, natural de Inhambane, pode-se considerar um (bom) exemplode sucesso. Mas a sua vida nem sempre foi (é) um mar de rosas. Desde cedo aprendeu a ganhar a vida para ajudar no rendimento diário da sua família.

Casado, pai de oito filhos e residente no município da Matola, Naiene passou a sua infância na cidade da Beira. Interrompeu os estudos (não foi para além da 8ª classe) pouco depois de o seu pai perder a vida. Hoje, tem uma história para contar.

Em 2002, optou por trabalhar por conta própria, extraindo o chumbo das baterias, fundir e transformá-lo em barras que servem para conceder peso às redes de pesca por entre as águas do mar. Ao mesmo tempo que começa a produzir barras, abre uma pequena oficina vocacionada à compra de sucatas para revender a grosso.

No processo de produção das

barras de pesca, ele teve de arrastar quase todos os seus filhos. “Primeiramente, trabalhei com o meu filho mais velho na fundição do chumbo. Enquanto ele retirava o chumbo fundido do forno, eu preparava o molde das barras, um acto muito rápido, pois uma ligeira demora da colocação do chumbo no molde pode estragar tudo, uma vez que o chumbo já derretido leva poucossegundos a secar”, afirma.

Carregar um peso de 40 quilos nos ombros

No início da sua actividade empreendedora, Gerente Naiene, porque tinha pouca experiência, fazia por dia cerca de 100 barras, mas o seu negócio não tinha muito mercado, o que o obrigava a procurar clientes. “Carregava nos ombros 40 barras, sendo 20 para cada lado. Apanhava um transporte para o bairro da Macaneta, uma zona onde há muitos pescadores, às vezes tinha de apanhar o ferryboat para Ka Tembe para onde

afluem muitos pescadores”, conta e acrescenta que nestas duas zonas havia proprietários de barcos de pesca que encomendavam as barras.

Além disso, deixava as barras com um amigo de confiança, que era proprietário de um barco de pesca, que se encarregava de vender os seus produtos e nos fins-de-semana ia buscar o dinheiro, retirando uma parte para o seu agente.

Se no princípio Gerente, movido pela inexperiência, produzia cerca de 100 barras por dia e levava muito tempo para a sua comercialização, hoje não se pode dizer o mesmo: produz por dia 250 barras de pesca e quase todas são compradas num só dia. “Até posso fazer o dobro disso, basta que eu tenha chumbo para o efeito”, diz.

No processo de produção das barras, estão envolvidos quatro pessoas ele e um dos filhos mais novos trabalham sob altas temperaturas na fundição do chumbo e outras duas endireitam e arrumam.

“Antigamente, trabalhava no processo de fundição do chumbo com o meu filho mais velho, mas porque ele tem de ir à escola já não podemos trabalhar juntos. Para não parar com a actividade ensinei o mais novo a fazer o trabalho, ele colabora comigo já há cinco anos, enquanto prepara o molde das barras, euretiro o chumbo do forno”, conta para depois acrescentar que os seus filhos sempre revelaram talento nesta actividade.

O chumbo e o negócio das baterias

A produção das barras de pesca depende necessária e intrinsecamente do chumbo e uma das fontes desta matéria-prima são as baterias. Para garantir que haja chumbo, Gerente Naiene compra baterias já usadas ou estragadas.

As baterias são negociadas mediante os quilogramas que têm. Paga 17 meticais por cada quilograma, sendo que a mesma quantidade é revendida por 18. No entanto, existem pessoas que compram a um preço relativamente inferior. “O preço de mercado de um quilograma de bateria ronda os 14 ou 15 meticais. Mesmo reconhecendo esta realidade, pago um pouco mais de forma propositada, pois assim consigo angariar mais clientes, aliás, os vendedores vão para onde são bem pagos”, afirma.

O fabricante das barras de pesca assegura que nas baterias só precisa do chumbo e para tê-lo tem de parti-las e retirar o borne (parte exterior da bateria onde se fixam os fios para estabelecer a corrente). Depois de remover o que lhe importa revende-as a uma empresa indiana algures na Matola.

“O negócio das baterias trouxe-me muitos ganhos na vida. Graças à actividade construí a minha casa e comprei um camião, que serve para transportar as sucatas do estaleiro para posterior revenda noutras sucateiras”, afirma.

Por dia, em média, consegue comprar cerca de 20 baterias, sendo que algumas os vendedores levam-nas ao estaleiro e outras são trazidas pelos seus trabalhadores de tchovas (carrinhas de mão) em punho.

As sucatas

São seis jovens que diariamente fazem o trabalho de recolha ou compra de sucatas, dois dos quais andam sempre juntos e os restantes individualmente. Gerente diz que por dia entrega mil meticais aos primeiros dois jovens e 700 meticais a cada um dos quatro. Feitas as contas, este empreendedor desembolsa 3.800 meticais diários.

“Eles trazem muitas sucatas no fim do dia e recebem diariamente consoante a sua produtividade. Se, por exemplo, eu der ao trabalhador 700 meticais e com este montante ele conseguir comprar sucatas

que tenham um peso correspondente a três mil meticais, ele fica com a diferença, neste caso os 2.300”, diz.

Praticamente, Gerente não tem nenhum ganho neste trabalho, no entanto, dá espaço para estimular estes jovens que diariamente, por baixo de um sol abrasador, recolhem e compram as sucatas andando pela cidade.

Ele compra quase todo o tipo de sucatas, começando pelo ferro e alumínio, passando pelo chumbo até o bronze. Os preços são marcados mediante o tipo de sucatas.

“O facto de eu ser o único comprador de sucatas aqui no bairro Acordos de Lusaka e praticar bons preços de compra, faz com que quase todos os que tenham sucatas venham ven-

ber que as remunerações nunca falham, o que pode acontecer é algumas vezes eles receberem dois ou três dias depois.

Estes jovens trabalham de segunda a sábado, nos dias de chuva quase que não há trabalho, uma vez que o estaleiro não tem cobertura, estando expostos aos caprichos da natureza.

“Também quero apostar nos produtos alimentares”

Gerente não se conforma com aquilo que faz actualmente. “Quero abrir um armazém de venda de produtos alimentares a grosso, esta é uma forma de ajudar a comunidade e alguns comerciantes que para comprar produtos alimentares a grosso têm de percorrer quilómetros a fio”, diz.



der aqui”, assegura.

“Na verdade, o negócio das sucatas é complementar ao das barras e não me rende quase nada. Apostei mais no das barras de pesca aliado ao das baterias, estes dois negócios é que garantem os meus ganhos e sucessos”, garante.

Pequeno empregador

Gerente Alfredo Naiene tem 12 trabalhadores sob a sua responsabilidade, seis dos quais afectos à recolha ou compra de sucatas nas ruas ou residências e que são pagos por dia de trabalho, outros seis recebem mensalmente. Destes, duas são mulheres, que fazem trabalhos de limpeza no estaleiro e confeccionam as refeições para os trabalhadores. Sem revelar o montante que desembolsa mensalmente para o pagamento dos salários, Gerente fez sa-

Ele já dispõe de produtos armazenados, faltando alguns para poder arrancar com o negócio. Constituem o primeiro lote de produtos 100 caixas de sabão, 70 de bolachas, 25 de óleo vegetal, 60 sacos de arroz e 10 caixas de sabonete. “Se tudo correr bem, até próximo mês entrará em funcionamento o meu armazém. O que está a paralisar a materialização deste projecto que constitui um dos meus sonhos é a falta de dinheiro”, acrescenta.

Gerente afirma ainda que precisa de 300 mil meticais para comprar outro lote de produtos diversificados e logo de seguida abrir o armazém. “Eu até podia recorrer a um empréstimo bancário, mas não quero porque os juros são altos e isso pode prejudicar o meu negócio, cheguei a este nível sem nunca ter feito qualquer empréstimo bancário para a materialização dos meus negócios”, conta.



Todos os dias **www.verdade.co.mz**

A produção de batata-reno aumentou substancialmente na província de Sofala, Centro de Moçambique, mas os agricultores estão preocupados com a falta de mercado para a sua comercialização.

ECONOMIA

COMENTE POR SMS 821115



"Sete milhões", uma alternativa fracassada

O empreendedor já quis recorrer ao Fundo de Apoio às Iniciativas Locais, vulgo "sete milhões", para comprar outro lote de produtos para a sua posterior revenda a grosso no seu armazém. "Queria pedir 300 mil meticais, um dinheiro que em pouco menos de três meses podia reembolsar, pois estou confiante nos ganhos que este negócio possa trazer", comenta para depois acrescentar que quando foi solicitar o fundo aparentemente destinado aos empreendedores locais, disseram-lhe que devia elaborar um projecto do que pretende fazer com o dinheiro e para tal tinha que pagar 700 meticais só para submeter o projecto que nem sequer tinha esboçado.

Gerente acha que já não está à altura de recorrer ao fundo, sendo assim "tenho que juntar os lucros que tenho noutras actividades como o das sucatas, baterias e barras de pesca. Por mais que eu não consiga todo o dinheiro necessário para arranjar com o outro negócio, com o pouco que eu tiver, hei-de aumentar os produtos e logo de seguida abrir o armazém", argumenta.



Em 2007, Gerente decidiu enveredar pela actividade agrícola, naquele ano arrendou dois hectares no Regadio da Moamba. Para ter acesso à terra, teve de desembolsar 600 meticais por cada hectare e pagava o mesmo valor mensalmente para a irrigação. Mais ainda, ele tinha que garantir um subsídio aos guardas que controlavam a sua parcela. Além disso, a alta de preços dos fertilizantes foi um grande problema. "Muitos utentes do Regadio da Moamba compram os fertilizantes e outros insumos agrícolas na vizinha África do Sul. Eu comprava aqui em Maputo a preços muito altos", diz e acrescenta que foram estes os problemas que, adicionados à fraca saída dos produtos no mercado, lhe trouxeram prejuízos em vez de ganhos.

Gerente Naiene conta que no princípio produzia feijão verde, depois milho. "Eu e a minha esposa vendíamos os produtos no mercado grossista do Zimpeto. Infelizmente, a receita não compensava os custos de produção e, porque não podia continuar a colher prejuízos, decidi interromper esta actividade", afirma.

Dois norte-americanos vencem Nobel de Economia

Os economistas norte-americanos Thomas Sargent e Christopher Sims venceram o Prémio Nobel de Economia de 2011 pelo seu trabalho sobre a relação entre políticas de governo e como elas podem afectar a economia. A Academia Real das Ciências da Suécia, que criou o prémio, anunciou esta segunda-feira que 10 milhões de coroas suecas (1,5 milhão de dólares) seriam entregues em reconhecimento à "pesquisa empírica sobre a causa e o efeito na macroeconomia" realizada pelos dois economistas.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa

Os dois laureados afirmaram que não têm respostas fáceis para uma crise global que um deles chamou simplesmente de "esta confusão". A pesquisa que os dois conduziram separadamente nos anos 1970 teve como facto central os esforços para modelar e quantificar causa e efeito na economia, incluindo a complexa interacção de política de Estado e banco central com pessoas e empresas.



"Pânicos e crises... o que está a acontecer na Europa agora com o euro, isso tem tudo a ver com as expectativas sobre o que as outras pessoas vão fazer", disse Sargent, de 68 anos, da Universidade de Nova York, em entrevista transmitida no website da organização do Nobel. Por exemplo, gastos do governo para resgatar uma economia do colapso podem ter o seu impacto limitado por pessoas que vêm limites às finanças estatais e esperam que o estímulo se esgote. Mas Sargent alertou para o facto de que ele e Sims, colegas de longa data na Universidade de Minnesota, não tinham respostas fáceis para a crise de hoje.

"Somos apenas pessoas formais que olham para os números e tentam entender o que está a acontecer", afirmou Sargent. "Nós tentamos experimentar nos nossos modelos antes de arruinar o mundo."

Sims, igualmente de 68 anos e actualmente em Princeton, também falou sobre os problemas financeiros actuais. "Se eu tivesse uma solução simples para isso, estaria a espalhá-la para todo o mundo... requer muito trabalho demorado a observar os dados, infelizmente. Os métodos que eu usei e que o Tom desenvolveu são essenciais para descobrir um caminho para sairmos da confusão".

A Academia Real Sueca de Ciências disse que concedeu o prémio equivalente a 1,5 milhão de dólares em honra à "pesquisa empírica sobre a causa e o efeito na macroeconomia" e disse que

o trabalho realizado pelos dois economistas cria uma base para a análise macroeconómica moderna. "Uma das principais tarefas da pesquisa em macroeconomia é compreender como ambos, choques e mudanças sistemáticas em políticas, afectam variáveis macroeconómicas no curto e no longo prazo," disse a Academia em comunicado sobre o prémio. "As premiadas contribuições

em pesquisa de Sargent e Sims têm sido indispensáveis para esse trabalho."

CAUSA E EFEITO

Sargent desenvolveu um modelo matemático no seu trabalho e descreveu-o numa série de artigos nos anos 1970. Sims escreveu um artigo em 1980 que introduziu uma nova maneira de analisar dados usando o modelo chamado auto-regressão vectorial.

Torsten Persson, da Universidade de Estocolmo e que integra o comité de premiação, disse que não estava claro se o trabalho deles poderia ser utilizado como remédio imediatamente, num momento em que ministros e presidentes de bancos centrais tentam equilibrar os esforços para promover crescimento na produção e emprego com as preocupações sobre cortar as dívidas dos Estados e a inflação crescente. "Essa é uma grande questão", afirmou Persson. "Não estou certo de que haja qualquer ajuda imediata. Crises como a que estamos a viver hoje – uma crise financeira mundial – não acontecem todo o ano, nem mesmo toda a década."

O prémio de economia, chamado oficialmente Prémio Sveriges Riksbank em Ciências Económicas em Memória de Alfred Nobel, foi instituído em 1968. Ele não fazia parte do grupo original de premiações estabelecidas no testamento de Nobel de 1895, tendo sido criado pelo banco central da Suécia, o Riksbank.



Texto: Filipe Garcia *
filipegarcia@gmail.com

PuraMente

Nome:
"Priceless - The Hidden Psychology of Value"

Autor:
William Poundstone

Editora e Data:
One World Publications - 2010



Por ser líder de vendas no Reino Unido em Agosto e por ser um livro de William Poundstone, "Priceless" justificava a compra e a leitura. Aliás, o preço do livro, £9.99, está relacionado como tema central do livro: a forma subjectiva e muitas vezes surpreendente como se constroem os preços e como nos podem influenciar.

Todo o livro se desenvolve em torno do conceito de "ancoragem". Este fenómeno consiste na tendência que os indivíduos têm de, nos processos de decisão, confiar de forma exagerada em informação inicial, normalmente muito limitada. Essa "âncora", uma vez fixada, influenciará a forma como a nova informação é processada e as decisões futuras.

O autor considera que os indivíduos não são muito hábeis a atribuir preços absolutos, mas estão muito acostumados a apreciar preços relativos. Os estudos mostram que as avaliações relativas são estáveis e coerentes, enquanto a atribuição de valores em termos absolutos (sejam preços, probabilidades ou estimativas) pode ser altamente arbitrária. Ou seja, quando é necessário decidir sem ter um conhecimento amplo, tentamos usar atalhos que assentam nessas informações iniciais. Logo se compreende que condicionar essa informação inicial pode influenciar muitas decisões.

Da mesma forma, quando as pessoas não sabem quanto poderá custar um produto de uma gama desconhecida, o primeiro preço a que têm acesso acabará por condicionar toda a análise futura. As decisões de compra podem ser manipuladas apenas introduzindo segmentos com preços mais altos e mais baixos, mas que acabam por interferir nas escolhas relativas nos segmentos já existentes. Sobre este tema, o estudo sobre os tipos de cerveja que os universitários preferem - descrito no capítulo 25 - é imperdível.

Além deste estudo o autor descreve dezenas de outros que mostram como os processos de decisão podem ser manipulados e como os métodos heurísticos que a mente humana utiliza são muitas vezes racionalmente ineficientes. Aliás, é a exploração dessas eficiências que permite trabalhar os preços para que sejam elementos de persuasão tão poderosos como sub-reptícios.

"Priceless" é um livro muito interessante, divertido e informativo, que nos ajuda a perceber como as percepções são sempre relativas e de como somos constantemente enganados pela própria mente, havendo quem se aproveite disso. O maior defeito desta obra está em ser um pouco extensa. Talvez não fossem necessários 55 capítulos e mais de 280 páginas para fazer passar a mensagem de "Priceless". Mas, e para vender? Por ventura, é mais interessante para a maioria poder levar para casa um livro espesso por apenas £9.99€!

* Economista da IMF, Informação de Mercados Financeiros
www.puramenteonline.com



esteja em cima de todos os acontecimentos seguindo-nos em twitter.com/verdademz

Segunda a Sábado 20h35
A VIDA DA GENTE

Eva fica descontrolada com o que Lúcio fala sobre Ana e acaba sendo levada por uma enfermeira. O médico explica o quadro de Ana para Iná, Laudelino e Rodrigo, que fica atônito. Vitória chega ao hospital e fica indignada quando Manuela se enfurece com ela por causa da irmã. Rodrigo dirige transtornado pensando em Ana. Lúcio avisa a Iná que Eva pode estar com um problema cardíaco e, por isso, deve ser preservada de ter outro choque. Rodrigo vai ao parque ecológico onde esteve com Ana pela primeira vez. Alice conta para os pais que procurou sua mãe biológica. Nanda consola Rodrigo. Iná fala com Manu que ela deve esperar para contar a verdade sobre Júlia. Manuela vai ver Ana na UTI. Nanda incentiva seu irmão a enfrentar a mãe de Ana. Eva se enfurece ao ver Rodrigo no quarto de Júlia e fica em choque quando ele afirma que é o pai da menina.

Eva sente um mal-estar, força uma situação e Manuela implora que Rodrigo vá embora. Nanda não aceita que o irmão concorde em esperar Eva se recuperar para exigir seus direitos de pai. Manuela discute com a mãe, que acaba passando mal e sendo levada para fazer novos exames. Laudelino fica desolado com a ausência de Iná. Marcos fica abismado com o comportamento frio de Vitória ao falar sobre Ana. Lúcio avisa a Manuela que vão fazer novos exames em Eva pela manhã. Suzana comenta com Cícero que eles precisam se conhecer melhor. Só assim vão entender melhor a filha deles. Marcos chega ao hospital para confortar Manuela. Laudelino tenta fazer uma piada para animar Iná, que fica chateada. Marcos dá uma carona para Alice. Jonas insiste em conversar com Rodrigo, que não dá atenção ao pai. Vitória se enfurece ao saber que Marcos deu uma carona para Alice e vai tirar satisfações com ela.

Terça a Sexta 22h45
FINA ESTAMPA

Tereza Cristina tenta humilhar Griselda, mas não consegue. Beatriz incentiva Danielle a lutar para ficar com Pedro. Guaracy pede Griselda novamente em casamento, mas ela o rejeita de novo. Quinzé chama Dagmar de Teodora e ela o expulsa de sua casa. Paulo e Esther têm uma grande discussão. Celine e Henrique chegam à casa de Danielle e os três trocam acusações. O caminhoneiro leva Pedro de volta para a clínica e todos ficam aliviados. Teodora olha a

foto de Quinzinho, mas desliga o laptop rapidamente quando Wallace se mexe na cama. Paulo procura René em casa e Marcela o seduz. Amália e Quinzé ficam pasmos ao ver Griselda pronta para trabalhar. René avisa a Tereza Cristina que eles não podem mais continuar juntos por causa do comportamento dela.

Tereza Cristina responde a René como se nada tivesse acontecido. Quinzé e Amália convencem Griselda de que ela não pode mais trabalhar. Paulo acorda no quarto de Marcela, se desculpa e vai embora. René afirma a Tereza Cristina que vai abandoná-la se ela não parar de humilhar as pessoas. Griselda se arruma para levar Quinzinho à escola. Tereza Cristina diz a René que tem medo de Griselda. Teodora simula para os vizinhos um desespero pela falta de Quinzinho em frente à casa da ex-sogra. Paulo confessa a Esther que dormiu com outra mulher. Rafael avisa a Leandro que a moto que ele vai entregar vai ser assaltada e manda que ele se machuque na ação. Juan procura Leticia na universidade e ela o destrata. O mafioso liga para Tereza Cristina procurando Íris. Griselda encontra Teodora no hotel. Tereza Cristina vai falar com René no Le Velmont.

Terça a Sexta 00h45
O ASTRO

Alan consola Herculano. Jamile e Amin discutem. Eustáquio reconhece Valéria ao ver seu corpo caído no poço do elevador. Lili se despede de Francisco e diz a Cló que resolveu deixar Márcio para que ele encontre seu caminho.

Nina diz a Beatriz que Herculano está sendo acusado de forma injusta e revela que não aconteceu nada entre eles. Samir diz a Eustáquio e Elizabeth que estava na casa de Amin na hora do assassinato de Valéria. Amin confirma o álibi de Samir, mas os inspetores não acreditam na versão.

Neco recebe carta do oficial de justiça comunicando que Laura ficará com o salão. Beatriz tenta convencer Amanda a voltar para Herculano. Herculano pressente que Samir assassinou Valéria. Amanda pede perdão a Herculano.

Amanda e Herculano se reconciliam. Lili se hospeda na casa de Laura. Márcio comunica que voltará à presidência do Grupo e ameaça demitir aquele que não seguir suas orientações. Laura nomeia Lili para dirigir o salão e demite Ubiraci.

Nina avisa a Herculano que Samir lhe fez uma proposta para continuar no Grupo. Amanda vai morar com Herculano. Amin segue Jamile e Nádia. Beatriz comenta com Neco suas suspeitas em relação a Samir e ele a aconselha a não se meter no assunto.

Amin surpreende Jamile no cassino. Márcio é eleito presidente do Grupo e convida Herculano a assumir a Diretoria Executiva. Samir declara guerra a Herculano. Márcio surpreende Lili ao aparecer no salão.

DESPORTO

Sexta-feira 14

19:30	Futebol Absa Premier League: Ajax Cape Town v Jomo Cosmos - SUPERSPORT 4
20:00	Futebol Bundesliga: Werder Bremen v Borussia Dortmund - SUPERSPORT 3

Sábado 15

06:50	Fórmula 1 Grand Prix Coreia Qualificação - SUPERSPORT 2
09:20	Cricket Bangladesh v West Indies - SUPERSPORT 2
12:30	Futebol Premier League Quênia: Bandari v Gor Mahia - SUPERSPORT 9
13:00	Futebol Barclays Premier League: Liverpool v Man Utd - SUPERSPORT 3
15:00	Futebol Absa Premier League Bidvest Wits v Moroka Swallows - SUPERSPORT 4
15:45	Futebol Barclays P. League: Queens P. Rangers v Blackburn Rovers - SUPERSPORT 3
17:45	Futebol Absa P. League: Golden Arrows v Mamelodi Sundowns - SUPERSPORT 4
17:55	Futebol Serie A: Catania v Inter - SUPERSPORT 9
18:00	Futebol Barclays Premier League: Chelsea v Everton - SUPERSPORT 3
18:25	Futebol Bundesliga: Schalke v Kaiserslautern - SUPERSPORT 5
20:00	Futebol Absa Premier League Orlando Pirates v Amazulu - SUPERSPORT 4
20:40	Futebol Serie A: AC Milan v Palermo - SUPERSPORT 5
15:50	Futebol Liga Campeões Africanos 2ª mão: Enyimba (Nigéria) v Wydad Casablanca (Marrocos) - SUPERSPORT 9

Domingo 16

07:30	Fórmula 1 Grand Prix Coreia CORRIDA - SUPERSPORT 2
13:30	Futebol Barclays Premier League: Arsenal v Sunderland - SUPERSPORT 3
16:30	Futebol Barclays P. League: Newcastle Utd v Tottenham Hotspur - SUPERSPORT 3
21:55	Futebol Spanish La Liga: Sevilla v Sporting - SUPERSPORT 3
15:00	Futebol Absa Premier League Black Leopards v Kaizer Chiefs - SUPERSPORT 4
17:25	Futebol Bundesliga: Cologne v Hannover - SUPERSPORT 4
03:45	Motociclismo Australia 125cc - SUPERSPORT 5
05:00	Motociclismo Australia Moto2 - SUPERSPORT 5
06:45	Motociclismo Australia MotoGP - SUPERSPORT 5
12:30	Futebol Premier League Quênia Congo Utd v Sony Sugar - SUPERSPORT 9
14:55	Futebol P. League Zâmbia Power Dynamos v Nchanga Rangers - SUPERSPORT 9
19:15	Futebol Liga Camp. Africanos 2ª mão: E.S.T.(Tunísia) v El Hilal (Sudão) - SUPERSPORT 9

Tributo à SAMORA

150 artistas num só palco

Música Dança Tradicional & Moderna Teatro | Poesia | Humor Artesanato | Gastronomia & Concursos Diversos

M A H A L A

DIA 15 DE OUTUBRO | A PARTIR DAS 11 HORAS

NA CASA DA PAZ - RUA DA BEIRA (PARAGEM DO MACHIMBOMBO DO EXPRESSO À LAULANE)

Festival Cultural Samora

O soldado de Setembro

CO-PRODUÇÃO:

PARCEIROS MEDIA:

APOIO:

Ministerio da Cultura COMPLEXO PELEMBE

Agua da Namaacha

Ras Tony

E Maputoland

Loca: Cena Loca (Av. Marginal n.61 Bairro Triunfo)

Data: 28-Out-2011

Hora: 22h

Ent: 200mt

Apoio: @Verdade

Produção: Lapara Pro



CIDADÃO REPORTER

**Viu algo estranho ou
fora do normal?
Fotografou ou filmou
uma acontecimento
relevante?**

**EMAIL**averdademz@gmail.com**SMS****821111**

**Envie uma
mensagem
útil:**

Indique-nos onde o
problema aconteceu,
qual o tipo de problema...

Por exemplo:

Envie-nos um SMS para 82 11 115
um email para averdademz@gmail.com
um twit para @verdademz ou uma
mensagem via Blackberry pin 223A2D52.

**Na sua mensagem
Seja realista,
Não invente factos.**

**Não exagere nas descrições,
Seja objetivo.**



VOCÊ pode ajudar! Seja um CIDADÃO REPÓRTER!

DESTAQUE

COMENTE POR SMS 821115

A directora do Gabinete Central de Combate à Corrupção, Ana Gemo, disse, num encontro com a Polícia Municipal, estar preocupada com certas denúncias, destacando alguns membros da polícia municipal que actuam de tal forma que não dignifica a imagem da corporação.

O drama de quem ganha a vida nas ruas



Na insuportável batalha contra a pobreza absoluta, além de terem de lutar contra a fome, os vendedores de rua têm de enfrentar um outro grande – e dos mais temíveis – obstáculo: a Polícia Municipal. Em média, duas em cada três pessoas (inquiridas pelo Jornal @Verdade) que ganham a vida ao longo dos passeios já foram, pelo menos uma vez, perseguidas, espancadas e desapropriadas dos seus produtos.

Texto: Hélder Xavier • Foto: Hélder Xavier/ Miguel Mangueze

Em Novembro do ano passado (2010), o vendedor ambulante, Diamantino Fernando, de 21 anos de idade, foi perseguido, espancado e privado da sua mercadoria. Para dar razão ao ditado popular que diz que “um mal nunca vem só” o jovem de 21 anos foi detido pela Polícia Municipal da cidade de Nampula. Resultado: perdeu produtos no valor de 1500 meticaís, numa altura em que se estreava no mercado informal. Mas isso não foi argumento suficiente para lhe fazer desistir da actividade. A necessidade – diga-se, imperiosa – de garantir o pão de cada dia para a sua família falou mais forte.

Na passada sexta-feira, 30 de Setembro, a história repetiu-se, embora com episódios novos e uma particularidade: não foi espancado. “Desta vez, consegui fugir, evitando que me batessem novamente”, diz. Mas não foi a tempo de salvar a sua mercadoria. Ele vende calçado, acessórios de telemóveis e outras quinquilharias no passeio. Perdeu todos os seus bens estimados em cerca de seis mil meticaís.

Com uma família de três membros por sustentar e a renda de casa por pagar, Diamantino não sabe onde ir buscar dinheiro para recomeçar o negócio. Sentiu-se sem chão, até porque lhe tiraram tudo o que tinha como o seu ganha-pão.



“Não sei onde vou buscar dinheiro. Acabava de comprar os produtos e tive de pedir emprestado quatro mil meticaís” afirma e questiona: “E agora, como vou pagar a dívida?”.

Enquanto isso, o vendedor Aly Sirage, de 17 anos de idade, teve a sorte de não perder os seus produtos porque a polícia chegou dois minutos depois de ter arrumado as suas trouxas, preparando-se para regressar à casa. “Corri o mais rápido que pude com os meus produtos”, conta. Mas nem sempre foi assim. Há um ano e meio que se dedica à comercialização de escovas de dentes, canetas, cotonetes, entre outras bugigangas, sendo que já perdeu por três vezes os seus artigos.

Primeiro, em meados do ano passado, e, quando tentou reaver os seus bens, foi preso durante uma semana. A segunda situação aconteceu em Abril e, mais tarde, em Agosto de 2011. Ao todo, o prejuízo foi de 2500 meticaís, uma quantia que, apesar de, para alguns, ser irrisória, fez muita falta ao vendedor.

“A minha sorte é que eu tinha um cofre de madeira no qual depositava algum dinheiro. Assim que perdi os meus produtos, abri a caixa e encontrei 571 meticaís, valor que utilizei para recomeçar

o negócio”, diz. Morador do bairro de Mutomote, arredores de Nampula, Aly Sirage vive com os seus pais – camponeses – e quatro irmãos. Estudante da 11ª classe na Escola Secundária 12 de Outubro, vende nas ruas da cidade para custear os seus estudos e ajudar na renda diária da família.

Sérgio Álvaro, de 25 anos de idade, tem dois filhos e uma mulher por sustentar e a renda de casa por pagar. No passado dia 30 de Setembro, viveu o pior pesadelo de sempre. Há três anos no mercado informal, perdeu por duas vezes os seus produtos, mas nada comparado com o recente acontecimento. Aliás, nunca foi tão devastador. Foram-se inúmeros pares de sapatos usados e acessórios de telemóveis. O prejuízo, calcula-se, é de oito mil meticaís, mas difícil de calcular é o seu sofrimento.

Em 2010, perdeu produtos no valor de 800 meticaís e, nos princípios do ano em curso, a acção da polícia custou-lhe perto de dois mil. Neste momento, o vendedor de rua Sérgio está a experimentar a

Lázaro Valói, chefe das Relações Públicas no Conselho Municipal da Cidade de Maputo, mesmo sem avançar números, disse que alguns agentes identificados já foram expulsos, e que, até ao momento, corriam processos disciplinares contra outros agentes suspeitos de comportamentos que não dignificam a corporação.

DESTAQUE

COMENTE POR SMS 821115

dor da mordida do desespero. Num acto de desânimo, desabafa: “Agora, não sei o que fazer. Tentamos ganhar a vida de forma honesta e recebemos como recompensa isto”.

“É uma injustiça”, é assim que, desolado, ele define a situação.

Diamantino, Aly e Sérgio são alguns dos rostos visíveis da pobreza urbana que infesta as principais urbes de Moçambique. Ou seja, eles fazem parte de um rol de moçambicanos que ganham a vida informalmente nos passeios, ao longo das principais artérias das cidades, comercializando todo o tipo de produtos, desde pão e “badjias”, passando por bananas e roupa e até os produtos de higiene e acessórios de telemóveis.

Um dia para esquecer

No princípio da tarde da passada sexta-feira (30), na cidade de Nampula, alguns vendedores de rua foram perseguidos, espancados e desapropriados os seus bens pela Polícia Municipal local.

À semelhança de Diamantino e Sérgio, dezenas de vendedores de rua que perderam os produtos numa operação da

Polícia Municipal que se assemelhou a uma guerra, vivem o mesmo dilema. O drama começa por volta das 12 horas, próximo do Hospital Central de Nampula.

Num carro de caixa aberta, desceram alguns agentes municipais, pelo menos dois empunhando armas de fogo, e apanharam desprevenidos muitos vendedores. A missão da polícia é única e clara: deixar os passeios desocupados pelos comerciantes informais. “Os mercados não têm espaço para acolher todos nós. Eles expulsam-nos daqui e não nos indicam outros sítios para continuarmos a exercer a nossa actividade”, queixa-se Sérgio.

Instantes depois, o pânico instalou-se. Cada vendedor procurava salvar o produto. Algumas pessoas abandonavam os seus bens, e outras carregavam o que podiam. Bananas, amendoim e bolinhos espalhavam-se pelo chão. Em cenário de guerra e desespero, ouviam-se gritos por todos os lados. Num acto de solidariedade – e também de angústia –, uns procuravam alertar os outros.

Adultos e crianças corriam de um lado para o outro. Os agentes da polícia camarária perseguiam-nos, os que tinham



o azar de serem apanhados recebiam cacetadas, eram pisoteados e, de seguida, lançados como animais para o carro juntamente com as mercadorias. “O segredo para não ser espancado é não mostrar resistência”, diz Diamantino, que já foi castigado no passado.

Mas, minutos depois de a polícia deixar o local, os vendedores voltam a instalar-se, embora sempre na insegurança, uma vez que a acção é súbita. O facto repete-se quase todos os dias, numa perseguição que lembra o gato e o rato.

A atitude da Polícia Municipal de Nampula tem uma justificação: as pessoas que honestamente ganham a vida nas principais ruas e avenidas da cidade de Nampula, a capital do norte, fazem-no ilegalmente.

Um problema nacional

Há cada vez mais um número considerável de pessoas a abraçar o sector informal como solução diante da crescente falta de emprego. O alarme da informalidade no país já soa, alto e bom som, há vários anos. E é falso imaginar que é possível levar todos os vendedores de rua para a economia formal. Os passeios das avenidas e ruas estão a ficar mais cheias de gente a vender diversos tipos de produtos.

Em todo país, a informalidade, na sua forma suprema, cresce e assume o rosto da normalidade. A situação é tenebrosa e ainda pode piorar, até porque a realidade mostra que o problema está apenas a começar, sobretudo nos três principais centros urbanos de Moçambique. De acordo com o Inquérito ao Sector Informal (INFOR-2004), realizado em 2004 pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE), cerca de 75 por cento da população economicamente activa exerce a actividade informal.

Mas, por outro lado, é visível o número deveras considerável de vendedores informais que não constam nas estatísticas oficiais, mas engrossa o sector,

fazendo uma espécie de cinturão de pobreza da cidade que incomoda as autoridades municipais. O crescimento do fenómeno levanta duas grandes questões. A primeira é: porque eles preferem os passeios? A justificação espontânea quando se mete dois dedos de conversa com os vendedores é a “falta de espaço apropriado para se dedicarem à actividade”. Mas, na verdade, “estar próximo dos potenciais compradores” é a principal razão que os move, o que nos leva à segunda indagação: o que está por detrás da actividade? A explicação óbvia é “falta de emprego” e não necessariamente uma deliberada fuga ao fisco.

Geograficamente, a região Centro do país tem a maior percentagem de pessoas no sector informal (45.6 por cento), superando o Norte e o Sul com 33.6 e 20.8 por cento, respectivamente. Na província de Nampula, quase 80 por cento da população encontra-se no informal, enquanto a cidade de Maputo conta com 27 por cento.

“Se eles acham melhor confiscar as mercadorias, também seria melhor que estabelecessem mecanismos para que os vendedores possam reavê-las”

Segundo o advogado da Liga dos Direitos Humanos, Arquimedes Varinelo, a atitude da Polícia Camarária deve ser vista em duas perspectivas, sendo que a primeira se prende com o facto de aqueles agentes, subordinados aos conselhos municipais, pretenderem com esta acções repressivas garantir uma face mais ordeira das urbes, estimulando, por essa via, os vendedores informais a desenvolverem as suas actividades em lugares previamente indicados para o efeito. Varinelo fez notar que os vendedores informais ocupam os passeios o que os coloca, muitas vezes, em conflito com os transeuntes. Tal situação, no entender do advogado, acaba por legitimar a acção dos agentes camarários.

Por outro lado, a acção dos agentes revela uma gritante desorganização administrativa. Ou seja, “é inconcebível que um vendedor numa situação ilegal, por exercer a sua actividade num lugar impróprio, pague taxas e impostos cobrados pelos órgãos municipais.”

A polícia municipal não só expulsa ou interdita o acesso dos vendedores informais às ruas e avenidas, ela confisca os produtos na posse dos vendedores ambulantes encontrados em situação ilegal. Estranho, porém, é o facto de ninguém saber o destino dos produtos. “A falta de esclarecimento sobre como os visados devem recuperar os seus produtos é muito preocupante e deixa espaço para suspeita. Ou seja, se a polícia camarária tem o dever de impedir que os informais exerçam as suas actividades na via pública, também devia ter o dever de dizer aos mesmos como proceder para recuperarem as suas mercadorias”, diz.

Outra situação que mancha a imagem dos agentes camarários é a crença enraizada, no seio dos vendedores informais e não só, de que os produtos apreendidos são divididos entre os membros da corporação. Varinelo, por outro lado, entende que os agentes devem reconhecer o sacrifício dos nossos concidadãos. É preciso ter em conta que, independentemente da ilegalidade da situação, as pessoas querem sobreviver. Até porque há pessoas que dependem do pouco que os ambulantes conseguem. Mas “se eles acham melhor confiscar as mercadorias, também seria melhor que estabelecessem mecanismos para que os vendedores possam reavê-las”, termina.



Como parar o envelhecimento

Jim Pressler tem 62 anos, mas não lhe dão mais do que 40. Não tem sequer cabelos brancos. Genes? Bons hábitos de estilo de vida? Os peritos analisam tudo o que Jim Pressler está a fazer bem e sugerem que todos façamos um esforço.

Texto: Revista Pública • Foto: Istockphoto

Quando um homem que se dedicava ao jogo Adivinho a Sua Idade na Feira Estadual de West Virginia deu o palpite que Jim Pressler tem 37 anos, Jim teve de puxar da sua carta de condução para provar que na verdade tem 55 anos. "Homem, você tem bom aspecto", disse o fereante.

Sempre achei que Jim, meu marido, sempre beneficiou de bons genes. Mas agora, que ele tem 62 anos, as pessoas não ficam apenas chocadas por saber a sua idade – também querem saber como o consegue. Fez-me questionar se a verdadeira razão pela qual está a envelhecer tão bem é o regime que envolve nutrição, suplementos vitamínicos, cuidados com a pele e estilo de vida e que criou para si. Tem aperfeiçoado a sua rotina ao longo dos anos, no fundo desde que tinha 22, devido à sua tensão alta. "Sabia que podia fazer algo quanto a isso e não quis tomar medicamentos", recorda.

Seria mesmo bom saber se os hábitos de saúde e exercício que tem desenvolvido desde então são o motivo pelo qual parece hoje tão novo. Levei a pergunta, e a fotografia de Jim, a vários especialistas em envelhecimento, nutrição, funções celulares, dermatologia, genética e investigação vitamínica. A resposta, de forma muito clara, é que os esforços dele têm de facto tido um grande impacto no seu aspecto, com ou sem bons genes.

"Quanto mais velhos ficamos, mais influência temos (sobre o nosso aspecto), por isso quando chegamos aos 50 anos, deve-se a 70 por cento de escolhas e 30 por cento de genética", explica Michael Roizen, do Wellness Institute da Cleveland Clinic. Roizen passou anos a estudar o envelhecimento e gere um site muito popular, RealAge.com, que dá conselhos de saúde e fitness.

Luigi Ferrucci, director científico no National Institute on Aging, concorda que os genes são apenas uma peça do puzzle e que provavelmente não são a maior delas. Como director do Baltimore Longitudinal Study of Aging, que seguiu cerca de cinco mil pessoas desde 1958, Ferrucci tem visto em primeira mão o que faz diferença na forma como as pessoas envelhecem. "Não se tem genes para ser mais jovem. Tem-se o gene que nos permite fazer as coisas certas para abrandar o processo de envelhecimento."

Quase toda a gente com quem falei listou uma ou mais regras que o meu marido cumpre e que funcionam a seu favor: não fuma, não tem danos causados pelo sol e bebe com moderação. Quanto ao exercício físico, Ferrucci considera-o "a mais forte intervenção comportamental de que temos conhecimento". E o que tem maior impacto é o exercício físico moderado. É o estilo de Jim.



Com três filhos, uma mulher que trabalha e um escritório de advogados trabalhoso, ele consegue fazer um treino aeróbico de 20 a 30 minutos três ou quatro dias por semana, seguido por 10 a 20 minutos de pesos, tudo na nossa cave, onde tem uma máquina de remar e uma bicicleta estática.

Roizen diz que deu uma gargalhada quando leu o meu email com os detalhes do programa de exercício do meu marido: é quase o mesmo, ao pormenor, que Roizen promove como sendo a rotina ideal para atrasar os efeitos do envelhecimento.

O peso de Jim nunca flutuou grande coisa, mas nos últimos cinco a dez anos ele eliminou muitos alimentos pouco saudáveis da sua dieta e reduziu o tamanho das doses, o que fez com que perdesse cinco quilos sem grande esforço. O truque tem sido fazer estas mudanças de forma gradual para que se adaptasse facilmente. Apesar do seu fraquinho por bolachas com pedaços de chocolate, agora come mais cereais integrais, peixe, fruta e legumes e muito menos gordura. Além de quase não comer carne vermelha, o que Roizen aplaude. "Pode ser da gordura saturada; não temos a certeza. Mas há algo nas carnes vermelhas que acelera a inflamação das artérias", diz. "E parece que a inflamação nas artérias envelhece a pele, o coração, tudo onde tocam os vasos sanguíneos."

Um regime vencedor

Jim devora frutos escuros e legumes, como mirtilos, amoras, melancia ou alface roxa. Estes



alimentos são bons porque estão repletos de antioxidantes, que se pensa que se ligam às moléculas instáveis que são

constantemente libertadas como consequência do nosso metabolismo.

Embora ainda não haja resultados conclusivos para os humanos, há fortes evidências de que os radicais livres que por aí andam em busca de outras moléculas às quais se ligar danificam as células saudáveis enquanto o fazem. Esta pressão oxidante pode levar à inflamação e a outros efeitos adversos, explica Josephine Briggs, directora do National Center for Complementary and Alternative Medicine dos National Institutes of Health. "Tornei-me numa crente veemente numa dieta rica em antioxidantes", diz Briggs.

Jim também toma, de forma moderada e há 40 anos, suplementos de vitamina E. Esta é um poderoso antioxidante que, nos testes realizados com animais, tem mostrado que prolonga a vida das células e que reduz a proliferação das mesmas. Maret Traber acha "claro" que isto está a ajudar Jim a manter um ar jovem. Uma das principais investigadoras sobre a vitamina E nos EUA, Traber diz que a vitamina E, sozinha ou a trabalhar com outras vitaminas, está a fazer mais do que melhorar o aspecto de Jim. Acredita que, por dentro, os seus órgãos estarão ainda com melhor aspecto. Um check-up anual provou-o: todos os resultados estão nos níveis ideais ou melhor do que ideais.

No entanto, a ideia de Traber é controversa: muitos estudos de grande destaque em seres humanos não indicaram grandes benefícios vindos da ingestão



de suplementos de vitamina E e há mesmo resultados danosos em doses de mais do que 800 mg/dia (Jim toma 200 mg

por dia).

Demetrius Albanes, do National Cancer Institute, conduziu um dos poucos estudos do género que mostraram uma influência positiva da vitamina E nos seres humanos. No seu estudo com 29 mil finlandeses, todos homens e fumadores, aqueles que têm níveis mais elevados de vitamina E no sangue indicavam uma redução "significativa" de incidência de cancro da próstata, doença cardiovascular e mortalidade depois de 12 ou 20 anos. Ainda assim, acha que é melhor fazer melhores estudos.

Jim também faz outras coisas que os peritos dizem afectar o seu processo de envelhecimento: hidrata a pele diariamente, usa fio dentário regularmente, gere bem o stress, tem um emprego que o realiza, um hobby que aprecia, um bom casamento e filhos saudáveis. Muitos peritos disseram que viver uma vida feliz é um elemento chave para envelhecer bem.

Mas restou uma dúvida sobre o papel da genética. Certamente que é genético que ele não tenha o cabelo grisalho? "Não contaria com isso", diz Ferrucci. "Há algumas observações que sugerem que o cabelo branco tem muito a ver com stress oxidativo." Como tanta coisa no campo do envelhecimento, esta é uma nova área de investigação. Só há poucos anos se descobriu que o pigmento do cabelo vem das células estaminais no folículo capilar. Se param de funcionar, normalmente mais tarde na vida, o cabelo fica branco.

Isto gera alguma perplexidade em Mayumi Ito, professora assistente de Biologia Celular no Langone Medical Center e uma das poucas investigadoras norte-americanas neste campo. Ninguém provou que factores mantêm certas células estaminais a funcionar. "Pessoalmente, presumo que é tanto um processo genético como ambiental."

O processo de envelhecimento é complicado; faz sentido que, se uma pessoa estiver a envelhecer especialmente bem, os motivos para tal sejam tão complexos como o processo. No caso de Jim, é mais do que bons genes: é tudo o que ele fez além disso. A mensagem, ao menos isso, é simples: fazer um esforço pode valer bem a pena.

Caro leitor

Fique atenta a sua higiene íntima

Oi meus leitores, espero que se encontrem a gozar de boa saúde! Hoje o tema da coluna é dirigido às mulheres. Rapazes não fiquem chateados, podem inteirarem-se das dicas para ajudarem as vossas namoradas, irmãs, primas e amigas e na próxima coluna prometo que a atenção estará virada para vocês. A higiene íntima feminina não da apenas a sensação de limpeza e bem-estar, mas também é a grande responsável por manter a saúde da região genital. Se a higienização dessa área não for feita de forma adequada pode haver a alteração do pH vaginal que pode causar comichão e corrimentos até o aparecimento de fungos na região. Minhas queridas a higienização deve ser feita diariamente com água morna e preferencialmente, com sabonete neutro sem perfume. A água muito quente pode provocar comichão e o perfume dos sabonetes é um fator irritativo na região. Durante o banho, é importante dar a maior atenção às dobras da vagina, aos pequenos e grandes lábios. Se as mulheres não limparem bem essa área, o acúmulo de secreção pode provocar um cheiro forte, além de sujar a calcinha. Mas não é só na hora do banho que nos devemos preocupar com a nossa higiene íntima. Ao longo do dia, vamos a casa de banho muitas vezes e os resíduos corporais podem comprometer a saúde genital. É importante tomar cuidado principalmente após a evacuação ou sexo. Depois de urinar, fique atenta para não deixar a sua vagina húmida, porque a urina provoca a irritação da pele; há também o hábito de fazer depilação, muitas vezes agressiva. O mais importante de tudo é que a mulher conheça melhor o seu corpo e cuide da sua saúde de modo geral, acompanhando suas alterações ao longo da vida. E, sempre que tiver alguma dúvida, procure o médico especialista.

Envie-me uma mensagem

através de um sms para

821115 ou 8415152

E-mail: **averdademz@gmail.com**

Oi Tina, chamo-me Márcia. Uma amiga minha disse-me que depois de ter relações sexuais lava a vaginal lá dentro e que isso evita a gravidez. É mesmo verdade? Estou curiosa.

Olá Márcia. Não é verdade. A lavagem vaginal para evitar gravidez não acontece, é algo perigoso e não é eficaz pela simples razão de que quando a mulher inicia a lavagem vaginal, mesmo que imediatamente após a ejaculação, já muitos espermatozoides tiveram oportunidade de passar o colo do útero, e a água não entra no útero de modo a remove-los. Acredito que a tua amiga tinha a melhor das intenções, quando te deu essa informação, mas não debes acreditar e nem se quer fazer o mesmo. E sugiro que fales com a tua amiga acerca deste perigo, ela até agora pode não ter engravidado porque os dias que ela faz sexo não deve estar no período fértil, porém, ela está a correr o risco de contrair as ITS/HIV. Se ela não quer engravidar existem vários métodos que ela pode usar para evitar a gravidez como por exemplo os mais comuns: pílula, injeção, aparelho que evitam só a gravidez e o preservativo feminino e masculino que oferecem a dupla proteção contra a gravidez e as ITS/HIV. Juntas podem ir a unidade sanitária mais próxima e procurar aprender mais acerca dos métodos disponíveis e procurar aconselhamento para o mais indicado para vocês de acordo com o vosso perfil. Cuidem-se, não deixem a vossa saúde nas mãos da sorte.

Olá Tina. Tudo bem? Tenho 19 anos e todos os dias acordo molhado. Fico incomodado e com vergonha. Existe alguma coisa que posso fazer para isso parar de acontecer? Peço ajuda.

Olá, eu estou ótima, obrigado. Meu querido isso que acontece contigo, é normal e acontece a muitos rapazes na tua idade. Chama-se "Ejaculação Noturna ou Polução Noturna" é uma ejaculação involuntária que ocorre durante o sono. Elas são normais, saudáveis e não causam nenhum mal ao organismo. A Polução noturna ocorre em todas as idades, mas é mais comum dos 10 aos 20 anos, justamente no período de maior inexperiência sexual e energia sexual reprimida ou insatisfatoriamente resolvida. Com o aumento da frequência de atividades sexuais, elas tendem a diminuir e até a cessar. Esta parece ser a forma que o organismo encontra para se livrar do excesso de sêmen acumulado já que é menos frequente em quem ejacula por masturbação ou relação sexual. Não se conhece uma maneira eficiente de evitar e nem se deveria fazer já que se trata de um aspecto normal da sexualidade. Quando iniciares a vida sexual activa não te esqueças de fazer uso do preservativo para que fiques protegido das ITS/HIV e também de teres um filho ainda nesta fase prematura da tua vida.

Bom final de semana!

Cientistas encontraram uma camada de ozono em Vénus, uma característica que o planeta partilha com a Terra e com Marte. A descoberta foi feita pela Venus Express, uma sonda enviada pela Agência Espacial Europeia (ESA, sigla em inglês), e pode ajudar a distinguir planetas extra-solares que tenham vida.

AMBIENTE
COMENTE POR SMS 821115

O poder das flores contra a mudança climática

O escritório de Gazalla Amin, nos arredores da capital do Estado indiano de Jammu e Cachemira, cheira a lavanda, aroma que emana de um monte de flores secas colocadas num recipiente no canto da sala.

Texto: Manipadma Jena/IPS • Foto: Istockphoto

A fragrância nada tem de extravagante nem de feminino. Aos quarenta e tantos anos, esta médica de profissão irrompeu no setor agrícola, que neste lugar é dominado pelos homens. Amin colocou-se à frente de agricul-

tomobiliários e abandonam a sua profissão ancestral. “Contudo, não devem fazê-lo”, disse Amin. Podem plantar arbustos de lavanda no que se conhece como “kandi”, terras cultiváveis secas e semiáridas.

“As partes mais altas das montanhas da Cachemira são um precioso refúgio de valiosas plantas medicinais. As comunidades de pastores pahari e gujjar identificam-nas facilmente”, explicou Amin. “Os comerciantes costumam usar os serviços dos pastores para obter as plantas de forma ilegal e destrutiva. O cultivo ajudará a evitar a pirataria e preservar a biodiversidade”, acrescentou.

A incursão de Amin na agricultura medicinal é um caso típico de iniciativa empresarial. “Mesmo sendo médica, procurei estar atenta às oportunidades de me manter perto da natureza”, contou. Uma resenha sobre plantas medicinais e lavanda levou-a, há oito anos, ao Instituto de Medicina Integral e ela acabou por comprar uma árvore jovem de lavanda para as terras familiares no distrito de Bandipora. “A lavanda não é autóctone da Cachemira, mas ama o seu solo e clima”, afirmou a médica.

Nos primeiros dois anos, o meio hectare cultivado expandiu-se para nove e depois para outras três propriedades nos distritos de Bandipora, Baramulla e Pulwama. Amin deixou o seu consultório e mudou-se para o campo, o que incentivou outros agricultores a aventurarem-se nos cultivos medicinais e aromáticos de baixo risco e grande rendimento, como estratégia para minimizar as consequências da

mudança climática. O sucesso da sua experiência pessoal serviu para que convidasse outros agricultores a conhecerem as suas terras.

Em 2009, criou a Cooperativa de Produtores de Plantas Medicinais e Aromáticas de Jammu e Cachemira, com 30 agricultores, que agora tem 300 membros. Todos recebem material e treinamento sobre técnicas de cultivo e também uma ajuda estatal. “O melhor é que os pequenos produtores podem comercializar e até exportar a sua produção por intermédio do nosso comércio centralizado e a preço justo”, destacou Amin.

Abdul Rahman, de 50 anos, da aldeia Doodh Pathri, a 42 quilómetros de Srinagar, cultivou em 2010 um hectare de lavanda e este ano aumentou para 2,5. Ghulam Shah, de 60 anos, trocou as roças, que consumiam muita água e exigiam pesticidas, por lavanda nos seus três hectares. As colheitas aumentam desde 2009. Este ano, Amin criou uma unidade de destilação de óleos aromáticos de 500 mil dólares, com empréstimo do governo federal. As instalações recebem flores suficientes para funcionar durante a temporada de Maio a Dezembro.

Consciente das possibilidades de incentivar o sector agrícola, o Estado lançou nesse mesmo ano uma missão nacional sobre plantas medicinais com um fundo federal de 1,3 milhão de dólares, que foi seguido de um plano de acção no valor de 1,5 milhão de dólares, em 2010. A missão está a cargo de organizações de autogestão e de agricultores como a de Amin. Além

disso, ela criou vínculos dentro do país e com a Grã-Bretanha, e a sua empresa, Fasiyam Agro Farms, vende óleos essenciais de lavanda, rosa e gerânio sob a marca Pure Aroma.

No começo deste ano, o governo estatal reconheceu a contribuição de Amin ao desenvolvimento empresarial no sector agrícola com o prémio “agricultores progressistas”. Não “havia antecedentes sobre esse modelo empresarial, aprendi rapidamente pelo erro e pelo acerto”, respondeu ao ser consultada sobre as dificuldades que enfrentou para criar o seu negócio. Ser mulher num ambiente agrícola masculino “foi um pouco difícil no começo”, reconheceu.

“Produzimos cinco toneladas de óleo de lavanda em 2010, mas podemos exportar mais de mil por ano”, disse A. S. Shawl, presidente nesta cidade da empresa IIIM, pioneira nesse cultivo no Vale de Srinagar há duas décadas. Amin, que agora produz um quinto do óleo de lavanda de Srinagar, procura outros cultivos para os agricultores da Cachemira. Para isso, analisa o informe “Situação Mundial da Medicina 2011”, da Organização Mundial da Saúde (OMS), que mostra que o comércio internacional de medicamentos tradicionais representou 83 biliões de dólares em 2008. A OMS prevê que, com o crescimento anual entre 15% e 25%, o comércio de plantas medicinais e aromáticas chegará a 5 triliões de dólares em 2050.



tores endividados, pobres e derrotados pelas incertezas climáticas e pela perda de cultivos, e actua com o exemplo de alternativas agrícolas viáveis.

Os produtores tradicionais de milho dos distritos de Baramulla, Bandipora e Pulwama ganham apenas 110 dólares por ano, por hectare. Devido à irregularidade das chuvas, neve, humidade e variação da temperatura, os pequenos produtores, endividados por repetidas colheitas más, vendem as suas terras a ávidos promotores

“Um hectare de lavanda pode gerar o equivalente a 4 mil dólares por ano, e o cultivo tem vida de 20 anos, exigindo um mínimo de insumos. Além disso, quase não precisa de pesticidas e não atrai o gado”, explicou Amin. Os agricultores podem comprar árvores jovens, a 0,10 dólar cada, a Amin ou em viveiros estatais ou particulares. “Mais de 90% das plantas medicinais e aromáticas do mercado conseguem-se silvestres e dois terços delas são colhidas com meios destrutivos”, segundo um documento do governo federal.

Nova Zelândia prepara-se para “tragédia” iminente com derrame de combustível

O cargueiro encalhado ao largo da Nova Zelândia está a derramar para o mar cada vez mais combustível. O Governo considera que este é o pior desastre ambiental marinho do país e prepara-se para uma “tragédia” iminente na vida selvagem.

O “Rena”, com pavilhão da Libéria e 1770 toneladas de combustível a bordo, encalhou num recife ao largo de Tauranga, na ilha Norte, a 5 de Outubro e já derramou, pelo menos, 200 toneladas de fuelóleo para o mar.

Na terça-feira o combustível estava a ser libertado a um ritmo cinco vezes superior em relação aos primeiros dias, informou Nick Smith, ministro do Ambiente neozelandês, citado pelo jornal “New Zealand Herald”. Só esta manhã fo-

ram derramadas entre 130 e 350 toneladas; a estimativa anterior do derrame era de 30 a 50 toneladas. “Um dos tanques principais do cargueiro tem uma fuga. Esta é uma situação muito relevante neste cenário”, comentou um porta-voz do Instituto Marítimo neozelandês.

As autoridades acreditam que o fuelóleo que começou na última segunda-feira a chegar às praias é apenas o início e que muito mais deverá dar à costa. “Amanhã, a situação será muito pior”, admitiu

Catherine Taylor, directora do Instituto Marítimo, ao jornal. O coordenador nacional para o desastre, Nick Quinn, confirmou as previsões e disse que os moradores da região se devem preparar para semanas de trabalho de limpeza das praias.

Até ao fecho da nossa edição, quarta-feira, haviam sido encontrados 17 animais petroleados e 53 aves marinhas mortas. Mas organizações ambientalistas alertam para uma “tragédia” eminente, principalmente para pinguins,

baleias, focas e aves marinhas. “A Nova Zelândia é considerada a capital mundial das aves marinhas. Temos 85 espécies diferentes que nidificam cá. Nesta altura do ano estamos em época de reprodução e por isso há muitas aves que mergulham nas águas do mar à procura de alimento para as suas crias”, explicou ao “The Guardian” Bob Zuur, da organização WWF neozelandesa.

Para agravar a situação, os trabalhos de transferência do combus-

tível ainda a bordo do cargueiro estão a ser dificultados pelo mau tempo, especialmente pelas ondas de cinco metros. “Estamos à mercê do mar”, comentou a directora do Instituto Marítimo, ao jornal.

As operações no local contam com a ajuda de especialistas australianos, britânicos e holandeses, com a Força Aérea e com um total de 500 pessoas mobilizadas para limpar as praias. Segundo o Instituto Marítimo neozelandês, dois navios de combate à poluição do mar já



foram mobilizados e foi instalada uma barreira de contenção na foz do estuário do rio Maketu, uma zona especialmente sensível.

O cargueiro “Rena”, com 21 anos e 236 metros de comprimento, estava em rota de Napier a Tauranga, duas cidades na ilha Norte da Nova Zelândia, quando encalhou num recife.

CARTOON



Moçambique participa na 7ª edição do Torneio Internacional de Futsal que anualmente decorre no Brasil. A nossa selecção Moçambique faz a sua estreia no domingo defrontando a República Checa, na primeira jornada do Grupo D, de onde fazem parte a Argentina e a Hungria.

Bruno: O (e)terno capitão

Um dos nossos heróis em San Juan, na Argentina, chama-se Bruno Pimentel. Nasceu em Junho de 1976, e é pai de dois rapazes, o Gabriel e o Bruno, a quem já passou a “bichinho” do hóquei, como há muitos anos o seu fez com ele e os irmãos. Foi o capitão da nossa selecção durante 12 anos (até ao último jogo do Mundial). Vai deixar de jogar pela selecção mas é provável que nunca abandone o hóquei. Com a experiência de quem joga há mais de duas décadas, falou sobre a selecção, do Mundial e do hóquei que temos. Não guarda ressentimentos, apesar das inúmeras provações que tem vivido num país onde a prioridade é um desporto (o futebol) que nunca ganhou nada e, cada vez menos, arrasta multidões para os campos. Enquanto se escreve mais um capítulo na novela do treinador para a selecção de futebol, Bruno confidenciou-nos que a selecção nacional de hóquei em patins pode perder o seleccionador que a guiou ao quarto lugar do Mundial porque, até hoje, “quem de direito” não garantiu a sua continuidade.

Texto: Adérito Caldeira • Foto: Cedidas

@Verdade (@V) – És capitão da nossa selecção há quantos anos?

Bruno Pimentel (Bruno) – Há 12.

@V – Participaste em quantos Mundiais?

Bruno – Dez Mundiais.

@V – Em qual deles foi mais difícil ser capitão?

Bruno – Este, estivemos muito próximo...(risos) se tivesse sido fácil tínhamos ganho.

@V – O que foi preciso para chegares a capitão desta selecção?

Bruno – Fui eleito (em 1999), por unanimidade, pelos meus colegas. Eles fizeram uma votação e escolheram aquele que eles pensaram ser o mais responsável, a pessoa que eles melhor pudessem compreender se quisessem conversar e servir de elo de ligação entre a direcção da Federação e os jogadores.

@V – Durante estes 12 anos qual foi o problema mais difícil de gerir?

Bruno – Em todos os Mundiais houve sempre problemas com a parte financeira. Cada um pensa à sua maneira, há pessoas que têm certa influência dentro do grupo (risos... mais influência que o capitão) e conseguem manipular as outras. Se eu tiver um desejo e manifestar esse desejo perante o grupo por mais que haja um chefe hierárquico nesse grupo o desejo de todos é o que prevalece. Por exemplo, alguém diz que não pode ganhar mil tem que receber dois, por várias razões, os outros também alinham e se um ganha dois mil todos nós também queremos o mesmo. Tu, como capitão de equipa, tens de saber gerir e chamar as pessoas à razão e encontrar um meio-termo dentro das limitações da Federação e, logicamente, como o capitão também faz parte daquele grupo, mas sem prejudicar os atletas.

@V – Tem sido possível agradar os dois lados?

Bruno – Tem sido, sim.

@V – Vais continuar a jogar pela nossa selecção?

Bruno – No último jogo que fiz pela selecção, frente a Portugal, manifestei o meu desejo de deixar de jogar pela selecção nacional de Moçambique porque está a tornar-se incompatível com as minhas obrigações profissionais e familiares. Este ano eu tirei férias para ir jogar no Campeonato do Mundo, fiquei um mês fora do país e longe da família. Essas são as férias que tinha para gozar e este ano já não vou de férias com a família, só para o ano. Ao mesmo tempo é um mês no qual atrasei o meu trabalho (Bruno é contabilista numa empresa privada de construção). Desta vez, quando pedi para sair os chefes disseram que eu tenho de ponderar melhor porque durante a minha ausência poderiam ter de substituir-me.

@V – E o que pensa a tua mulher disso?

Bruno – O hóquei para além de “fama” não me trouxe nada de benéfico, antes pelo contrário, sempre me prejudiquei com o hóquei. Ela (chama-se Ana Karina) por várias vezes já me perguntou: “Porque não deixas, porque não paras, isso só te faz gastar dinheiro e ocupa o teu tempo”.

@V – Afinal não tens um estatuto especial? Foste jogar pelo país...

Bruno – Antes a Federação e o Ministério dos Desportos enviavam uma carta a solicitar a minha dispensa porque eu ia em nome do Estado moçambicano, quando entrei nesta empresa perdi esse estatuto, é uma empresa privada não é uma empresa do Estado. Como tenho que optar pensei: já tenho 35 anos, dos quais joguei 18 pela selecção, preciso de descansar um bocadinho. Já não aguento com a pedalada dos jogos, senti isso no estágio pré-competitivo que fizemos (na Espanha, onde fazíamos dois três treinos por dia e ainda um jogo), o meu corpo já se ressentia. Já vejo os miúdos a passarem por mim (risos...) torna-se um bocado difícil fazer um jogo de 40 minutos.

@V – Mas deixas de jogar hóquei?

Bruno – Não. Fiz um compromisso com o hóquei em patins de jogar até aos 40 anos.

@V – E onde vais jogar porque em Moçambique neste momento não há competição regular?

Bruno – Vamos voltar a ter competições regulares. Tivemos um período conturbado, um pouco antes do Mundial, primeiro ficámos sem campos, porque começaram a ser reabilitados para os Jogos Africanos. Depois não pudemos usá-los porque foram reabilitados para os Jogos e só depois de estes terminarem iríamos poder voltar a jogar nelas. Agora, há informações não oficiais de que certos pavilhões vão ser vedados à prática de hóquei porque (supostamente) os patins podem danificar os novos pisos que foram colocados. Mas, apesar de todos problemas, vou continuar a jogar hóquei moçambicano (risos), já estamos habituados a todas essas dificuldades. Neste ano ainda falta disputar o campeonato e a taça.

@V – Quando saíram de Maputo para o estágio – com as dificuldades habituais, o Mundial que podia ter sido na nossa casa... – o que te passou pela cabeça?

Bruno – Saímos com um objectivo único, que era garantir a manutenção no grupo A. Nem tínhamos em mente passar para os quartos-de-final. Com todas as dificuldades que tivemos na preparação, íamos tentar ficar entre o nono e o décimo terceiro lugar. O treinador, depois de nos ter treinado uma semana (ainda aqui em Maputo) disse-nos que com as condições que tínhamos não podíamos fazer nada. Chegámos ao estágio em Espanha com apenas 15 dias de antecedência, incluindo domingos.

@V – Qual teria sido o tempo ideal de preparação?

Bruno – No mínimo seis meses. Por exemplo, a outra selecção africana, Angola, quando acabou o Mundial em Vigo em 2009, começou logo a preparação para o Mundial deste ano, só nos seis meses finais da preparação deles investiram mais de um milhão de dólares americanos – foram a Argentina, Espanha, fizeram torneios internacionais movimentando 30 atletas – nós (Moçambique) teremos gasto em toda a preparação cerca de 300 mil dólares americanos. Angola quando chegou lá tinha estatuto de candidata ao título, tinha participado num torneio na Suíça onde até havia empatado com Argentina no jogo de apuramento ao terceiro lugar.

@V – Achas que a nossa falta de preparação e o facto de ninguém dar a mínima hipótese à nossa selecção terá contribuído para as vitórias que vocês conquistaram?

Bruno – Não é verdade que ninguém esperava



Em todos os Mundiais houve sempre problemas com a parte financeira.

Cada um pensa à sua maneira, há pessoas que têm certa influência dentro do grupo (risos... mais influência que o capitão) e conseguem manipular as outras. Se eu tiver um desejo e manifestar esse desejo perante o grupo por mais que haja um chefe hierárquico nesse grupo o desejo de todos é o que prevalece



Bruno – Foi.

@V – Como foi que eles apareceram na selecção?

Bruno – Eles são naturais de Moçambique, nasceram cá e foram viver em Portugal, mas não tinham a nacionalidade. Começaram a praticar hóquei em patins lá onde jogam em equipas de segunda linha. O nosso conselheiro técnico (o Zé Carlos) ajuda-nos a identificar esses naturais de Moçambique que têm qualidade e vontade de integrar a nossa selecção. Depois – dentro da política que temos na Federação, de não ter mais do que quatro jogadores nessas condições na selecção – tratamos da sua integração no grupo, que aconteceu no estádio que fizemos em Espanha.



@V – E quando é que eles vêm cá?

Bruno – Em princípio deverá haver uma homenagem à equipa, organizada pelo Governo, foi prometido na Argentina, e aí eles poderão vir. Mas isso é um assunto que está a ser tratado pelas chefias da Federação. Deverá ser uma coisa bonita, está a estudar-se a hipótese de convidar uma selecção de fora que venha cá jogar contra nós num torneio amigável.

@V – Quem vos acompanhou em San Juan neste Mundial, para além do seleccionador e do presidente da Federação?

Bruno – Nós temos sempre um médico, um treinador adjunto, um homem de serviços gerais (que coordena o aspecto dos equipamentos).

@V – E na Argentina comiam o quê?

Bruno – Era todos os dias carne assada (risos... daquele bife maravilhoso que eles têm lá), bife, frango, massa e arroz. Nós até brincávamos dizendo que o cozinheiro tinha ido às primeiras aulas de culinária e nunca mais lá voltou!

@V – Qual é o próximo compromisso da nossa selecção?

Bruno – Há vários convites para torneios fora, devido à exibição e ao patamar em que estamos.

@V – Fala-nos do apoio do público argentino, uma vez que no jogo frente à Espanha estava todo o pavilhão a puxar por vocês...

Bruno – Este apoio começou em 2001, nessa altura já fomos bem recebidos. Diziam que gostavam de nós porque nós éramos simpáticos, atenciosos, diferentes das outras selecções que têm aquele

“Poule” de apuramento ao Moçambola, terminou 1ª volta, Estrela Vermelha e Têxtil do Púnguê lideram com sete pontos as zonas sul e centro, respectivamente, enquanto Desportivo de Nacala segue à frente no norte com cinco pontos.

DESPORTO

COMENTE POR SMS 821115



para o projecto foi usada para a selecção poder participar no Mundial.

@V – Existe trabalho de formação no hóquei?

Bruno – Havia, até nos cortarem os campos. Só no Desportivo (de Maputo) tínhamos 70 miúdos. Ainda temos que saber da direcção do clube se poderemos utilizar o pavilhão porque, se não pudermos, teremos que tomar uma decisão que pode passar

nutenção de acessórios (só os travões é que se desgastam com mais frequência). Enquanto, por exemplo, para se jogar basquetebol um par de sapatilhas custa o mesmo preço de um par de patins e, talvez, numa época um basquetista precisa de dois pares pelo menos. Um par de botas de futebol também custa mais ou menos o mesmo valor e em três meses tem que ser trocado.

@V – É possível ser-se profissional de hóquei?

Bruno – Em Moçambique não, mas em alguns clubes os jogadores ganham um salário para jogarem hóquei.

@V – Financeiramente, o que já ganhaste com hóquei?

Bruno – Tirando algumas recompensas no clube e depois o prémio que em 2006 o Governo atribuiu (quando ganhámos o Mundial do grupo B) foi sempre a gastar do meu próprio bolso.

@V – É um bocado irónico o Governo ter concedido um prémio quando foi do Mundial do grupo B e agora com o 4º lugar no grupo A não há recompensa...

Bruno – Eu contra políticas não posso lutar (risos)...

@V – Podia haver uma excepção...

Bruno – Podia, mas eles (o Governo de Moçambique) dizem que não podem, senão vai haver muitas excepções.

@V – Excepções destas podíamos ter muitas, como vocês abriram uma em San Juan, e estimulava outras modalidades...

Bruno – Pois. O quarto lugar em San Juan é a me-



no meu clube (o Desportivo de Maputo), onde estou há 30 anos, vi muitos presidentes e direcções, vi o clube de bonito a transformar-se em feio. Sempre disse que se deve investir em infra-estruturas de formação, hoje tu vais lá e queres pôr o teu filho a treinar, vês o balneário onde os miúdos tomam banho e não deixas lá o teu filho

lhor classificação de sempre de um país africano num campeonato do Mundo em competições colectivas... nem em futebol!

@V – Tens casa própria?

Bruno – Não, vivo em casa alugada. Tenho planos de construir, estou numa empresa de construção, comprar fica a outro nível.

@V – Em algum momento pensaste em desistir do hóquei?

Bruno – Sim, em 2006 pensei em parar. Estava revoltado com a falta de apoio ao hóquei apesar dos resultados positivos que vínhamos tendo. Tínhamos acabado de ser campeões mundiais do grupo e na campanha tínhamos tido muitos problemas – a viagem foi ridícula, tivemos que ir primeiro a Espanha, depois escala na Argentina e só depois chegámos ao Uruguai, estivemos 24 horas num aeroporto, chegámos a não ter hotel para pernoitar, passámos fome e frio e no regresso tivemos de fazer o mesmo trajecto. Depois do Mundial nem vim para Maputo, tive de ir representar o Desportivo no Mundial de clubes, onde também passámos maus bocados. Eu já vinha frustrado.

@V – O que aconteceu para não teres desistido?

Bruno – A Federação pediu-me para continuar. O vice-ministro falou comigo pediu-me para ajudar, senão a modalidade depois desaparecia. E eu ponderei e voltei.

@V – Qual foi a maior desilusão que tiveste nestes anos todos com o Governo e as instituições que têm a responsabilidade de zelar pelo hóquei no país?

Bruno – São várias. O Governo tem uma política

para o desporto em que define modalidades prioritárias e o hóquei em patins, em momento algum, foi indicado como uma delas. Por causa disso não tem tido apoios. Ultimamente até tem contribuído, mas podia ajudar mais internamente de modo que nas nossas saídas ou nas competições internas nós tivéssemos condições mais dignas, mais adequadas. Até porque nas ditas modalidades prioritárias não temos visto desenvolvimento nenhum, não temos visto resultados nenhuns nem em termos de resultados de competição nem massificando as modalidades pelo país. O que temos visto são dirigentes ou direcções de clubes que têm desistido de apostar na formação, têm deixado de cuidar das próprias instalações (se não tivessem sido reabilitadas algumas infra-estruturas para os Jogos Africanos isto até metia dó) e o Governo não tem feito nada. Os clubes deixaram de formar, passaram a ser clubes profissionais de futebol e um pouquinho de basquete. Havia clubes que tinham seis a sete modalidades hoje basicamente têm duas modalidades e se tiverem uma terceira essa vai de arrasto e a custo próprio. Para além do hóquei, existem outras modalidades com bons resultados como karate e natação, entre outras (que têm resultados positivos) mas mesmo assim o Governo não as apoia. Podiam redefinir a política do desporto.

@V – O seleccionador Pedro Nunes vai continuar a treinar a nossa selecção?

Bruno – Eu espero bem que sim. Para um bom resultado em Angola (no Mundial de 2013) ele deveria dar continuidade ao trabalho que começou com parte desta equipa que esteve na Argentina

(parte porque devo sair eu e mais um outro jogador). Sugeriria até que se injectasse já sangue novo, por exemplo o miúdo que saiu daqui para o Sporting de Lisboa e trabalhar com tempo. Só que as coisas boas não duram para sempre e estamos muito próximos de o perder. Angola já fez contactos, eles são mais poderosos. Deus queira que não. Ele (Pedro Nunes) veio para Moçambique não só como profissional mas também como amigo

Creio, inclusive, que se o Mundial tivesse sido em Maputo poderíamos ter sido campeões do mundo. Infelizmente, não temos outra oportunidade igual. Já perdemos a oportunidade de ser o primeiro país africano a acolher um campeonato do mundo de hóquei em patins

espírito de vedetismo, não aceitam sequer parar para tirar uma fotografia com um fã na rua. Perito do hotel onde estivemos hospedados existem muitas universidades e muitos estudantes perguntavam sobre o nosso país, localização, como se vive, há muita gente que não faz ideia de onde fica Moçambique. Quando nós chegámos lá, fomos recebidos pelo presidente da Câmara de San Juan, fizeram uma grande festa. Não foi uma grande surpresa ver oito mil pessoas no pavilhão a ovacionar-nos, foi muito bonito, já não me lembrava disso desde há dez anos atrás. Creio que mesmo que tivéssemos jogado contra a Argentina (a selecção anfitriã) teríamos tido o mesmo apoio do público.

@V – Vocês (na selecção) tinham algum grito de “guerra” na quadra?

Bruno – A Vitória, Moçambique Moçambique Moçambique era um deles ... o outro não posso dizer!

@V – Como é teres tido oito mil adeptos a puxarem por vocês na Argentina e aqui, na tua terra, não ter havido esse apoio?

Bruno – Acredito que se o Mundial tivesse sido realizado cá eu teria tido esse apoio. Creio, inclusive, que se o Mundial tivesse sido em Maputo poderíamos ter sido campeões do mundo. Mesmo em termos de organização, teríamos feito um mundial melhor que a Argentina, em termos de qualidade de hotéis, pavilhões, logística tudo isso nós tínhamos muito melhor do que os argentinos apresentaram neste mundial. O que está por detrás da retirada dessa organização a Moçambique... já passou. Infeliz-



O Governo tem uma política para o desporto em que define modalidades prioritárias e o hóquei em patins, em momento algum, foi indicado como uma delas. Por causa disso não tem tido apoios

mente, não teremos outra oportunidade igual. Já perdemos a oportunidade de ser o primeiro país africano a acolher um campeonato do mundo de hóquei em patins (Angola vai organizar o próximo).

@V – Vamos imaginar que pudesses resolver, daqui para a frente, os problemas do hóquei em Moçambique. O que farias?

Bruno – Eu dava continuidade ao que já faço. Eu estou no departamento de formação da Federação Moçambicana de Patinagem e tenho estado a debruçar-me num projecto de massificação e revitalização da modalidade no país. O projecto (de quatro anos) está finalizado, estamos a fazer o cronograma de actividades. Devia ter iniciado este ano mas não sei se ainda vamos a tempo de o fazer porque uma parte da verba que tínhamos

@V – Onde deste as primeiras stickadas?

Bruno – Comecei a jogar no Desportivo de Maputo e estou lá até hoje.

@V – Como se descobre um talento para o hóquei?

Bruno – Se o miúdo for um bom patinador facilmente vai driblar. Depois é trabalhar o controlo de bola com o stick. Temos encontrado alguns, um deles até foi jogar recentemente no Sporting de Portugal. Ao contrário dos outros países, nós temos talento natural para o hóquei. Neste momento temos núcleos de hóquei em Nampula, Quelimane e em Tete onde treinam muitos miúdos e queremos apoiá-los para não desaparecerem.

@V – É caro fazer uma equipa de hóquei em patins?

Bruno – O hóquei só é caro no investimento inicial, um par de patins custa cerca de cinco mil meticais e dura cinco a dez anos, é só fazer a ma-

DESPORTO

COMENTE POR SMS 821115

Liga Norte-Americana de Basquetebol profissional (NBA) cancelou os jogos das primeiras duas semanas da época, depois de patrões e sindicatos de jogadores terem falhado, mais uma vez, um acordo quanto à divisão das receitas.

16 equipas qualificadas para CAN de 2012; Moçambique goleia Comores

Num estádio da Machava vazio, a selecção de futebol de Moçambique recebeu e goleou as Ilhas Comores por 3 bolas a 0, em jogo apenas para cumprir calendário pois as duas selecções já estavam eliminadas da fase final do Campeonato Africano das Nações (CAN) de 2012.

Entretanto, disputada a última jornada de apuramento para a maior prova continental entre selecções, que vai ter lugar no Gabão e Guiné Equatorial, ficaram decididos os 16 finalistas da prova, que se juntam aos dois países anfitriões, sendo eles: Angola, Níger, Botswana, Costa do Marfim, Gana, Guiné, Mali, Senegal, Tunísia, Zâmbia, Burkina Faso, Marrocos, Líbia e Sudão.

Texto: **Redacção/Agências** • Foto: **LUSA**

No sábado Maninho abriu o marcador estavam decorridos cinco minutos de jogo. Com claro domínio durante a primeira parte, a nossa selecção chegou ao 2 a 0 através de um penalty convertido por Dário Monteiro. O avançado internacional moçambicano marcou soberbamente o castigo máximo, na sua despedida dos Mambas. Ainda antes do descanso, Dominguez fez o resultado final num livre muito bem marcado. Na segunda parte, Moçambique desacelerou, sentindo o jogo ganho e falta de motivação, pois nada estava a ser disputado salvo a honra, permitindo que as Comores criassem algumas jogadas de perigo, sem contudo chegarem a incomodar o nosso guarda-redes Kampango.

"Apesar de não termos nada a ganhar em termos de qualificação, tínhamos a nossa honra em jogo" afirmou João Chissano, o treinador nacional contratado para orientar a selecção neste jogo.

CAN sem Camarões, Egipto e Nigéria

Para lá da pouca emoção no vale do Infulene o fim-de-semana passado foi de surpresas e muita emoção um pouco pelo nosso continente. A África do Sul, anfitriã do último Mundial da FIFA, e a Nigéria, país mais populoso do continente, não conseguiram vencer em casa e juntaram-se ao Egipto e aos Camarões entre os surpreendentes eliminados. Aliás, o torneio classificativo foi preocupante para várias das forças tradicionais da África, já que apenas dois ex-campeões das 14 edições anteriores – Costa do Marfim e Tunísia – estarão na competição, que será disputada no Gabão e na Guiné Equatorial no próximo mês de Janeiro.

Por outro lado, o Níger conquistou um lugar para o CAN pela primeira vez, mesmo perdendo por 3 a 0 contra ao Egipto, que contou com a estreia do técnico americano Bob Bradley. Os nigerinos terminaram com nove pontos, os mesmos que a África do Sul e Serra Leoa, que

empataram a 0. Um triunfo neste jogo teria classificado o vencedor, mas o Níger acabou em primeiro no Grupo G graças ao seu desempenho no confronto directo com os dois adversários. Foi um duro golpe para os Bafana Bafana, que chegaram a comemorar a classificação após a partida, acreditando que a sua melhor campanha no geral e o melhor saldo de golos no confronto directo contra o Níger eram suficientes para lhes dar a vaga.

O seleccionado nigerino, que perdeu todas as partidas fora de casa, mas venceu as que disputou no próprio estádio, será um dos dois estreantes na competição, juntamente com o Botswana.

Uganda foi outra selecção que terminou frustrada. O país não fez mais do que um empate sem golos com o vizinho Quênia, o que abriu caminho para que Angola vencesse o Grupo J com apenas um ponto de vantagem.



Alegria líbia

Depois dos estreantes Níger, Botswana e Guiné Equatorial, a Líbia será o participante com menos experiência no CAN de 2012, já que disputou o torneio somente duas vezes – em 1982 e 2006. No entanto, a invencibilidade dos líbios nestas eliminatórias impressiona ainda mais devido ao fato de que eles jogaram cinco das suas seis partidas fora de casa, devido à revolta que tomou conta do país. Na última jornada, empataram sem golos com a Zâmbia, o sufi-

ciente para classificá-los como um dos dois melhores segundos colocados dos grupos com três ou quatro selecções. Já os zambianos venceram o grupo, um ponto à frente dos líbios.

Mas nem todas as expectativas foram contrariadas. No Grupo A, o Mali empatou a 2 com a Libéria e eliminou Cabo Verde no confronto directo, já que ambos terminaram com dez pontos. A Tunísia, campeã de 2004, vendeu o Togo por 2 a 0 e ficou com a segunda posição no Grupo K, desclassificando o Malawi, que empatou a 2 com o Chade. Já o

Gana, selecção africana de melhor desempenho nas últimas duas Copas do Mundo da FIFA, mostrou força ao derrotar o Sudão fora de casa por 2 a 0, terminando na liderança do Grupo I. Pelo Grupo D, o Marrocos ficou em primeiro ao vencer a Tanzânia por 3 a 1.

Para completar, os Camarões recuperaram parte do orgulho ferido ao vencerem a República Democrática do Congo fora de casa por 3 a 2, após ter de virar o resultado por duas vezes. Ainda assim, os camaroneses ficaram cinco pontos atrás do líder do Grupo E, o Senegal, que venceu as Ilhas Maurícias por 2 a 0. Com um empate a 1 no Grupo F, a Gâmbia acabou com os 100% de aproveitamento de Burkina Fasso, que já estava classificada. Pelo Grupo H, a Costa do Marfim derrotou o Burundi por 2 a 1 e terminou como uma das duas únicas selecções a vencer todos os jogos que fez. Assim, o país tem mais um motivo para se considerar favorito ao título do próximo Campeonato Africano das Nações em futebol.

Mais dez classificados para o Euro 2012

Alemanha, Rússia, Itália, França, Holanda, Grécia, Inglaterra, Dinamarca e Espanha, vencedoras dos seus respectivos grupos, e ainda a Suécia, melhor segunda classificada dentre os nove grupos, estão classificadas para o Campeonato Europeu de Futebol (Euro) 2012 e juntam-se à Polónia e à Ucrânia, anfitriãs do torneio.

Texto: **Redacção/Agências** • Foto: **LUSA**

As quatro vagas restantes serão definidas na repescagem, que envolverá os outros oito segundos colocados: Turquia, Irlanda, Estónia, Bósnia e Herzegovina, Croácia, Montenegro, Portugal e República Checa. O sorteio dos confrontos, cuja primeira mão terá lugar nos dias 11 e 12 de Novembro e a segunda mão no dia 15 de Novembro, será realizado quinta-feira em Cracóvia. De destacar que Alemanha, com dez vitórias, e Espanha, com oito, foram os únicos países com 100% de aproveitamento nas eliminatórias.

O grande jogo



Os dinamarqueses dominaram a partida desde o início e abriram o marcador com naturalidade aos 13 minutos de jogo. O golo aconteceu depois de um remate de Michael Krohn-Dehli, que desviou em Ro-

lando e enganou Rui Patrício. Tentando esboçar uma reacção, os portugueses saíram em velocidade, mas pecavam pelas falhas no sistema defensivo.

A Dinamarca ampliou aos 18 do segundo tempo, com um lindo cruzamento de Dennis Rommedahl para Nicklas Bendtner, que sozinho apenas empurrou para as redes. Portugal passou a arriscar mais, mas sem ameaçar com perigo a baliza adversária. Raul Meireles chegou a perder uma oportunidade clara de golo, mas Cristiano Ronaldo mostrou a sua classe em cobrança de falta já nas compensações e diminuiu a diferença. O resultado deixou os

minou e classificou-se com antecipação, tornando-se a primeira selecção da história a registar 100% de aproveitamento nas eliminatórias para a Euro. Após baterem a Turquia na sexta-feira por 3 a 1, os alemães repetiram o resultado diante da Bélgica graças a Mario Gomez, Mesut Özil e André Schürrle, que armaram jogadas e também agitaram as redes. Os turcos ultrapassaram os belgas na tabela após um jogo difícil diante do modesto Azerbaijão, vencendo o confronto com golo de Burak Yilmaz aos 15 minutos da segunda etapa.

A Rússia passou por cima de Andorra com uma goleada de 6 a 0 e garantiu a classificação, no grupo B. Autor do golo da vitória sobre a Eslováquia na sexta-feira, Alan Dzagoev violou as redes novamente, desta vez em duas oportunidades. Já em Dublin o jogo foi mais quente: a Arménia, com a melhor campanha da sua história, pressionou os irlandeses mesmo com dez jogadores desde os 28 minutos de partida, quando o guarda-redes Roman Berezovski levou o vermelho por parar a bola com as mãos fora da área. Foram os arménios que abriram o marcador, mas na própria baliza, e eles ainda viram a Irlanda ampliar em falha do guarda-redes substituto. Três minutos depois, os comandados de Vardan Minassian até fizeram o golo de honra, mas não foram capazes de igualar o marcador.

Os outros confrontos

No grupo A, a Alemanha do-

eliminatórias com o melhor desempenho da sua história ao bater a Irlanda do Norte por 3 a 0, em jogo do grupo C, resultado que teve participação significativa de Antonio Cassano, que marcou duas vezes. Mas a surpresa do grupo veio de Maribor, onde a Eslovénia tirou da Sérvia uma vaga na repescagem. O golo da vitória foi marcado por Dare Vrsic, em cobrança de falta de longa distância que fez um chapéu ao guarda-redes sérvio.

No grupo D, diante de uma envolvente selecção bósnia, a França teve de suar até o último segundo para garantir um pontinho jogando dentro de casa. Dando sinais de nervosismo pela importância do duelo, os gauleses sofreram pressão e viram Edin Dzeko tirar o zero do marcador com um remate que raspou a trave e entrou no cantinho. Na volta do intervalo, os franceses mostraram-se mais soltos e chegaram ao empate aos 33 minutos, com um penalty salvador convertido por Samir Nasri, que classificou a França para a Euro e empurrou os bósnios para a repescagem.

Apesar da ausência de Zlatan Ibrahimovic, os suecos fizeram grande partida a contar para o grupo E, e passaram pela Holanda em jogo aberto e electrizante. Kim Källström colocou os donos da casa na frente aos 15 minutos, mas Klass-Jan Huntelaar confirmou a condição de melhor marcador do tor-

neio classificativo e anotou o seu 11º golo para igualar nove minutos depois. O segundo tempo começou em ritmo alucinante, com Dirk Kuyt a marcar logo no início, e Sebastian Larsson deixando tudo igual nova-

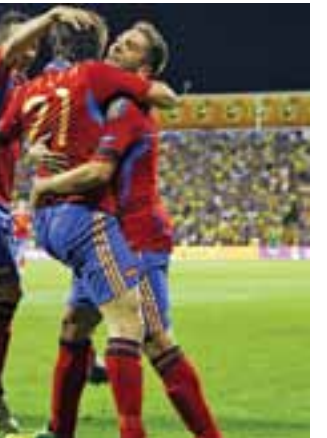


mente dois minutos mais tarde. Na reposição da bola em jogo, Ola Toivonen apanhou a defesa holandesa mal posicionada e fez o golo da vitória. O triunfo garantiu passagem directa à Suécia como melhor segunda colocada entre os nove grupos.

Nos dois últimos compromissos, o técnico português Fernando Santos arriscou chamando dois jogadores de maior experiência para defender a Grécia: Theofani Gekas, que acabou por fazer o golo da vitória sobre a Croácia, na sexta-feira; e Angelos Charisteas, autor de um belo remate com efeito que terminou nas redes da Geórgia. Contra este último,

a Grécia esteve atrás até aos 34 minutos do segundo tempo, quando iniciou a reacção que carimbou o passaporte para a Euro 2012.

O grupo G, que já estava defini-



do antes das partidas desta terça-feira, tem Inglaterra como classificada directa e a selecção de Montenegro na disputa da repescagem.

A Espanha demonstrou não ter perdido o poder de fogo visto nos últimos anos e venceu todos os seus jogos no grupo I. A vítima desta vez foi a Escócia do técnico Craig Levein, que ficará de fora do torneio continental. Já a República Checa não deixou passar a oportunidade e garantiu uma vaga na repescagem. A vitória por 4 a 1 sobre a Lituânia resulta de duas penalidades convertidas por Michal Kadlec e dois golos anotados por Jan Rezek.

A Lamborghini anunciou ter conseguido a certificação ISO 50001, tornando-se a primeira empresa do sector automóvel em Itália a possuir este certificado, reconhecimento do compromisso da marca de Sant’Agata Bolognese com o constante melhoramento no desempenho energético em todas as áreas.

MOTORES

COMENTE POR SMS 821115

Vettel é o mais jovem bicampeão da Fórmula 1

Sebastian Vettel, piloto da Red Bull Racing (RBR), entra para a história do desporto motorizado como o mais jovem bicampeão da Fórmula 1, ao terminar em terceiro no Grande Prémio do Japão. A prova foi ganha pelo seu rival da McLaren Jenson Button. O piloto alemão, de 24 anos, que começou a prova na pole position pela 12ª vez esta temporada, precisava de apenas um ponto em Suzuka para garantir o seu segundo título consecutivo com quatro corridas de antecipaçaço.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa

Em pouco mais de um ano, Sebastian Vettel deixou de ser o “garoto problema” com várias batidas no currículo para ser coroado como o mais jovem bicampeão da história da Fórmula 1. O piloto da Red Bull, que se tornou no Japão um dos nove pilotos a conquistar dois títulos consecutivos, parece ser o mesmo garoto sorridente que celebrou o seu primeiro título em Abu Dhabi em Novembro passado.

E, ainda assim, os seus rivais perceberam várias vezes durante a temporada que o alemão – o segundo a conquistar um título para o país depois de Michael Schumacher – conseguiu adicionar maturidade ao seu arsenal e aumentou a distância que o separava dos perseguidores.

No final de Agosto do ano passado, quando numa tentativa muito optimista de ultrapassagem o alemão bateu com força contra o carro de Jenson Button no Grande Prémio da Bélgica, o chefe da McLaren, Martin Whitmarsh, classificou Vettel como “garoto problema”. Esse tipo de declaração parece história antiga agora.

Esta temporada, o piloto de 24 anos – que é o quinto mais novo na categoria – não foi nada menos do que um “senhor consistência”. “Ele (Whitmarsh) teve que engolir o que ele disse,

não teve?”, disse à Reuters o chefe da equipa da Red Bull, Christian Horner, com um sorriso no rosto.

Vettel pontuou nas últimas 17 corridas e é o único piloto que terminou todos os Grandes Prémios esta temporada até agora. E não só fez isso, como venceu nove corridas e começou 12 das 15 provas do ano na pole position. Ele só ficou fora do pódio uma única vez e, nesse dia, terminou em quarto.

“Sebastian aproveitou a experiência que adquiriu e o nível em que ele actuou este ano foi fenomenal”, disse Horner, cuja equipa tem contrato com o alemão até o final de 2014. “Ele realmente elevou o padrão. Começou o ano a defender o título e portou-se como um campeão mundial, foi um prazer acompanhar isso.”

RITMO FENOMENAL

O campeão mais jovem, vencedor de várias corridas, assíduo no pódio e dono de muitos pontos e várias poles, Vettel aparenta ter tanta confiança como Schumacher no seu melhor momento. Na última temporada, ele não liderava o campeonato até bem próximo do final,

quando venceu sob as luzes da Yas Marina para ficar com o título.

Este ano, ele liderou de ponta a ponta e viu a sua vantagem aumentar a cada corrida. O desempenho na pista pode sugerir alguém com uma atenção ao detalhe como Schumacher e ele realmente passa horas com os engenheiros, mas o piloto que já foi chamado de ‘bebê Schumi’ pela imprensa alemã recusa-se ser estereotipado.

Fã do humor inglês e dos Beatles, assim como um coleccionador de palavrões e gírias em várias línguas, o jovem tem um perfil mais brincalhão. O filho de um carpinteiro de Heppenheim dá a todos os seus carros nomes de mulheres, começando com ‘Kate’ e indo para ‘Irmã Safada de Kate’, a ‘Liz Sensual’, ‘Randy Mandy’ e a actual ‘Kylie Danada’. Ele também cuida de si mesmo, negociando os seus próprios contratos ao mesmo tempo que mantém uma estável amizade com o chefe da Fórmula 1 Bernie Ecclestone.

Um sonho de marketing para a Red Bull – afinal como diz o slogan...dá-te asas – com o óbvio apelo para os jovens e a paixão por desportos de acção, Vettel nasceu em 1987 – o mesmo ano que a empresa vendeu a primeira lata de bebida



energética. Participante no programa de jovens pilotos da companhia, ele estreou na F1 pela BMW-Sauber em 2007 – pontuando imediatamente – mas voltou para a Red Bull, na época para correr na equipa irmã Toro Rosso. Vettel deu à nova equipa a sua primeira e única vitória na F1 até hoje, na Itália, em 2008 e então, na Red Bull em 2009, garantiu-lhe a primeira pole position e a primeira vitória.

NUMERO UM

Na temporada passada, ele lutou com o companheiro de equipa, o australiano Mark Webber, que acusou a Red Bull de favorecer o alemão. Mas, este ano, Vettel ficou sozinho na disputa.

Ele bateu durante os treinos, mas cometeu poucos erros durante as provas, apenas cedendo sob a pressão de Jenson Button no Canadá e desperdiçando a vitória na última volta.

A comemoração com o indicador levantado depois de cada corrida, combinada com os gritos dentro do cockpit, tornaram-se a sua marca registada – e algo que irrita muito os rivais, efeito semelhante ao salto de Schumacher no pódio no início dos anos 2000. Schumacher era um herói da sua infância – um dos três Michaels que ele disse admirar. Os outros são Jordan e Jackson. “Eu queria ser o Michael Jackson quando jovem”, disse o piloto loiro para o site oficial formula1.com no ano passado. “Foi triste descobrir que eu não tinha voz para isso.”

Recorte e guarde o novo código de estrada

Entrou em vigor, no passado dia 24 de Setembro, o novo Código de Condução nas estradas de Moçambique. @Verdade publica, nesta edição, o segundo fascículo, de um total de 19, do Boletim da República aprovado a 23 de Março do corrente ano, pelo Conselho de Ministros, para que os automobilistas possam ter conhecimento da natureza do novo dispositivo.

21 DE MARÇO DE 2011161

Localidades	De 40 km/h até 60 km/h Mais de 60 km/h	4.000,00MT 8.000,00MT	grave grave
-------------	---	--------------------------	----------------

3. Sem prejuízo do disposto no artigo 31, nas auto-estradas, os condutores não podem transitar a velocidade inferior a 40 km/h.

4. Os condutores não profissionais que estejam habilitados a conduzir veículos de determinada classe, há menos de um ano, não podem exceder a velocidade de 90 Km/h, quando conduzam esses veículos, sem prejuízo de limites inferiores fixados nos termos legais.

5. O controlo de velocidade é efectuado por equipamento apropriado, nos termos estabelecidos em Diploma conjunto dos Ministros que superintendem as áreas dos Transportes e do Interior.

6. Aos condutores que excederem a velocidade em dobro ou mais dos limites estabelecidos serão punidos com prisão de 3 dias a 3 meses sem prejuízo de pagamento da multa correspondente.

ARTIGO 34
Limites de velocidade regionais

1. Por despacho do Ministro que superintende a área dos Transportes, podem ser fixados limites máximos de velocidade, para vigorar em regiões ou nas vias de comunicação que sejam designadas, durante os períodos em que a intensidade e características do trânsito o imponham como medida de segurança.

2. Estas determinações são ainda anunciadas ao público através dos meios usuais de informação.

ARTIGO 35
Limites de velocidade para determinados transportes

1. Sempre que o julgar conveniente, o Ministério que superintende a área dos Transportes pode diminuir ou aumentar os limites de velocidade dos veículos automóveis empregados em determinados transportes, bem como estabelecer, para cada caso, o tempo mínimo que deve ser gasto num dado trajecto.

2. Nestes casos, a autoridade licenciadora da actividade transportadora deve mencionar na respectiva licença os limites de velocidade definidos nos termos do número anterior.

ARTIGO 36
Limites especiais de velocidade

O Ministro que superintende a área dos Transportes pode ainda, por sua iniciativa ou proposta da ANE ou das entidades responsáveis pela administração dos centros urbanos, fixar limites de velocidade máximos ou mínimos diferentes dos previstos nos artigos precedentes, nas vias em que as condições do trânsito o aconselharem, devendo tais limites ser convenientemente sinalizados.

ARTIGO 37
Inobservância dos limites especiais de velocidade

A inobservância dos limites máximos de velocidade para determinados transportes, regiões ou zonas urbanas é punida nos termos do artigo 33.

SECÇÃO IV
Cedência de passagem, cruzamentos, entroncamentos e rotundas

ARTIGO 38
Prioridade de passagem

1. Considera-se prioridade de passagem o direito que o condutor tem de passar em primeiro lugar.

2. A prioridade de passagem permite aos condutores que dela gozem, uma vez tomadas as necessárias precauções, não modificar a sua velocidade ou direcção e obriga todos os outros a abandonar ou a parar e, se necessário, recuar o seu veículo de forma a facultar-lhes a passagem.

3. Têm prioridade de passagem:

a) Nas intersecções não sinalizadas, os condutores que se apresentem pela direita, devendo, porém, respeitar as prioridades previstas nas alíneas seguintes;

b) Os condutores que transitam pelas auto-estradas, em relação a todos os veículos que se apresentem nos respectivos ramais de acesso, incluindo os veículos e colunas indicados nas alíneas c) e d);

c) Os condutores de veículos prioritários e da polícia assinalando devidamente a marcha;

d) As colunas militares e militarizadas, que devem, no entanto adoptar as medidas necessárias para não embaracar o trânsito e para prevenir acidentes.

4. Estas regras de prioridade são aplicáveis sempre que não exista sinalização especial que defina outro modo de proceder.

5. Os condutores não devem entrar num cruzamento ou entroncamento, mesmo que o direito de prioridade ou sinalização automática os autorizem a avançar, se for previsível que a intensidade do tráfego os obrigará a imobilizar-se dentro desse cruzamento ou entroncamento, dificultando ou impedindo a passagem.

6. A contravenção do disposto neste artigo é punida com a multa de 1000,00MT.

ARTIGO 39
Cedência de passagem

1. Devem ceder passagem:

a) Os condutores que saiam de qualquer parque de estacionamento, de uma zona de abastecimento de combustível ou de qualquer prédio ou caminho particular;

b) Os condutores que entrem numa auto-estrada ou numa via reservada a automóveis e motociclos, desde que devidamente sinalizada pelos respectivos ramais de acesso;

c) Os condutores que numa intersecção pretendam mudar de direcção para a direita, em relação aos que na mesma via se apresentem em sentido contrário e sigam em frente ou mudem de direcção para esquerda;

d) Os condutores que entrem numa rotunda;

e) Os condutores de velocípedes sem motor, de veículos de tracção animal e de animais, salvo perante os condutores na situação da alínea a);

f) Os condutores que em relação aos peões que tenham iniciado a travessia sobre a passagem para peões e quando aqueles mudam de direcção em relação aos

1621ª SÉRIE — NÚMERO 12

peões que estejam a atravessar a faixa de rodagem da via em que aqueles pretendam seguir;

g) Os condutores perante um portador de deficiência visual.

2. Para permitir a circulação de um veículo prioritário ou da polícia, assinalando devidamente a marcha e transitando numa via congestionada, devem os condutores deixar livre uma passagem do lado direito da parte da faixa de rodagem afecto ao seu sentido de circulação, chegando-se o mais possível para a esquerda e podendo, se necessário, utilizar as bermas, excepto se for numa auto-estrada.

3. Nos cruzamentos ou entroncamentos, onde estejam implantados em todas as direcções das vias, sinais de paragem obrigatória, a prioridade de passagem procede-se de acordo com a ordem sucessiva de chegada dos veículos.

4. A contravenção do disposto neste artigo é punida com a multa de 1000,00MT.

ARTIGO 40
Cedência de passagem a certos veículos

1. Sem prejuízo do disposto no artigo anterior, os condutores devem ceder passagem às colunas militares ou militarizadas.

2. O condutor de um velocípede, de um veículo de tracção humana ou animal ou de animais deve ceder passagem aos veículos a motor, a não ser que estes saiam dos locais referidos na alínea a) do n.º 1 do artigo anterior.

3. Nos cruzamentos, entroncamentos e rotundas, os condutores devem ceder passagem aos veículos que se desloquem sobre carris.

4. As colunas a que se refere o n.º 1, bem como os condutores dos veículos que se desloquem sobre carris, devem tomar as precauções necessárias para não embaracar o trânsito e para evitar acidentes.

5. A contravenção do disposto no n.º 1 deste artigo é punida com a multa de 1000,00MT.

6. A contravenção do disposto no n.º 2 deste artigo é punida com a multa de 500,00MT.

ARTIGO 41
Cruzamento de veículos

1. Verifica-se o cruzamento de veículos quando os condutores de dois veículos que transitam na mesma via e em sentidos opostos passem um pelo outro em simultâneo.

2. Quando, na mesma via, se encontrarem dois veículos, transitando em sentidos opostos, cada um dos condutores deve deixar livre uma distância lateral suficiente, entre o seu veículo e aquele com que vai cruzar, de modo a que a manobra se faça com segurança.

3. Se não for possível efectuar o cruzamento nas condições indicadas, por a via se encontrar parcialmente obstruída, o condutor que tiver de contornar o obstáculo deve reduzir a velocidade ou parar, de modo a dar a passagem ao outro.

4. Se o impedimento não puder ser resolvido por aplicação do disposto no número anterior, recua o veículo que se encontre mais próximo do local em que o cruzamento seja possível: nas vias de inclinação acentuada, recua o que for a subir, excepto se essa manobra for manifestamente mais fácil para o veículo que desce.

5. Exceptuam-se das limitações impostas nos n.ºs 2 e 3:

a) As ambulâncias e os veículos de bombeiros, da polícia e outros agentes fiscalizadores e, de uma maneira geral, os que transportem, em serviço urgente, doentes ou feridos, desde que assinalem adequadamente a sua marcha;

b) As colunas militares ou militarizadas, que devem, no entanto, adoptar as medidas necessárias para não embaracar o trânsito e para prevenir acidentes.

6. Os veículos, ou conjuntos articulados de veículos, cuja largura total exceda 2 m, ou cujo comprimento total, incluindo a carga, exceda 8 m, devem diminuir a velocidade ou parar, a fim de facilitarem o cruzamento com outros veículos, sempre que a largura livre da faixa de rodagem, o perfil transversal ou o estado de conservação da via não permitam o cruzamento com a necessária segurança.

7. A contravenção do disposto neste artigo é punida com a multa de 1000,00MT.

SECÇÃO V
Manobras em especial

ARTIGO 42
Princípio geral

O condutor só pode efectuar alguma manobra em local e por forma que da sua realização não resulte perigo ou embaraco para o trânsito. Mesmo tendo-a iniciado, deverá suspendê-la para prevenir a ocorrência de um perigo maior.

ARTIGO 43
Ultrapassagem

1. Considera-se haver ultrapassagem quando dois veículos, circulando na mesma fila, o que se encontra atrás passa para diante do outro.

2. A ultrapassagem de veículos ou de animais faz-se pela direita.

3. Pode, no entanto, fazer-se pela esquerda:

a) A ultrapassagem dos veículos que transitam sobre carris, desde que os mesmos não utilizem este lado da faixa de rodagem e não estejam parados para receber ou largar passageiros;

b) A ultrapassagem dos veículos ou animais cujo condutor haja assinalado a manobra de mudança de direcção para a direita, desde que, nos termos do artigo seguinte, tenha deixado livre a parte mais à esquerda da faixa de rodagem.

4. O condutor de veículo ou de animais não deve iniciar uma ultrapassagem, sem certificar de que o condutor que o antecede na mesma via já sinalizou a intenção de ultrapassar um terceiro veículo ou de contornar um obstáculo, bem como certificar-se de que a pode fazer sem perigo de colidir com um veículo ou animal que transite no mesmo sentido ou em sentido contrário.

5. Nenhum condutor deve tomar a direita dos veículos ou animais que pretenda ultrapassar, sem avisar da sua intenção aos respectivos condutores, sem retomar à esquerda, sem se ter assegurado de que daí não resulta perigo para os veículos ou animais ultrapassados, assinalando o retorno à esquerda.

6. Todo o condutor de veículos ou de animais é obrigado, sempre que não haja obstáculo que o impeça, a facultar imediatamente a ultrapassagem, desviando-se o mais possível para a esquerda e não aumentando a sua velocidade enquanto não for ultrapassado.

7. Os veículos de largura superior a 2 m, devem ainda, reduzir a velocidade ou parar, sempre que a largura livre da faixa de rodagem, o seu perfil ou o estado de conservação da via não permitam a ultrapassagem com a necessária segurança.

TECNOLOGIAS

COMENTE POR SMS 821115

A construção do radiotelescópio mais complexo do mundo ainda não terminou, mas o Alma, como é denominado, já está a trabalhar oficialmente e pode observar fenómenos únicos no Universo, como a formação de estrelas a partir de material gelado que o olho humano e a maioria dos radiotelescópios não conseguiriam distinguir.

Khanimambo Steve

É usual perguntarem-nos por que razão um jornal cujo leitor principal vive algures neste nosso imenso Moçambique, muitos deles sem comida, energia eléctrica ou água potável, tem uma secção semanal de Tecnologia. A resposta é simples. Existimos para alimentar o cérebro dos moçambicanos com informação e educação de qualidade, para que possamos pensar de forma diferente e sonhar que podemos mudar Moçambique, e o mundo, para melhor.

"Sinto-me honrado por estar aqui, na formatura de uma das melhores universidades do mundo. Que a verdade seja dita, eu nunca me formei na universidade. Isto é o mais próximo que eu já estive de uma cerimónia de formatura. Hoje, eu gostaria de contar-vos três histórias da minha vida. E é isso. Nada demais. Apenas três histórias.

A primeira história é sobre ligar os pontos. Eu abandonei a Universidade Reed depois de estudar lá seis meses, mas fiquei por lá mais dezoito meses antes de realmente abandonar a escola. E porque a abandonei? Tudo começou antes de eu nascer. A minha mãe biológica era uma jovem universitária solteira que decidiu dar-me para a adopção. Ela queria muito que eu fosse adoptado por pessoas com curso superior. Tudo estava preparado para que eu fosse adoptado no nascimento por um advogado e a sua esposa. Mas, quando eu apareci, eles decidiram que queriam uma menina. Então os meus pais, que estavam numa lista de espera, receberam uma ligação telefónica a meio da noite com uma pergunta: 'Apareceu um garoto. Vocês querem-no?' Eles responderam: 'É claro'.

A minha mãe biológica descobriu mais tarde que a minha mãe nunca se tinha formado na faculdade e que o meu pai nunca tinha completado o ensino médio. Ela recusou-se a assinar os papéis da adopção. Ela só aceitou meses mais tarde quando os meus pais prometeram que algum dia eu iria para a faculdade. Este foi o começo da minha vida. E, 17 anos mais tarde, eu fui para a faculdade. Mas, inocentemente, escolhi uma faculdade que era quase tão cara como esta onde estou. E todas as economias dos meus pais, que eram da classe trabalhadora, estavam a ser usadas para pagar as propinas mensais. Depois de 6 meses, eu não via valor naquilo. Eu não tinha ideia do que queria fazer na minha vida e muito menos de como a universidade poderia ajudar-me naquela escolha. E lá estava eu a gastar todo o dinheiro que meus pais tinham juntado durante toda a vida. E então decidi largar os estudos e acreditar que tudo ficaria OK. Foi muito assustador naquela época, mas olhando para trás foi uma das melhores decisões que tomei.

No minuto em que parei de estudar, eu pude parar de assistir às aulas obrigatórias que não me interessavam e comecei a frequentar aquelas que pareciam muito mais interessantes. Não foi tudo muito romântico. Eu não tinha um quarto no dormitório e por isso eu dormia no chão do quarto de amigos. Eu recolhia garrafas de Coca-Cola para ganhar 5 centavos, com os quais eu comprava comida. Eu andava 11 quilómetros todos os domingos à noite para ter uma boa refeição no templo hare-krishna. Eu amava aquilo. Muito do que descobri naquele época, guiado pela minha curiosidade e intuição, mostrou-se mais tarde ser de uma importância sem preço. Vou dar um exemplo: a Universidade Reed oferecia naquela época a melhor formação em caligrafia do país. Em todo o campus, cada poster e cada etiqueta de gaveta eram escritas com uma bela letra de mão. Como eu tinha largado o curso e não precisava de frequentar as aulas normais, decidi assistir às aulas de caligrafia. Aprendi sobre fontes com serifa e sem serifa, sobre variar a quantidade de espaço entre diferentes combinações de letras, sobre o que torna uma tipografia boa.

Aquilo era bonito, histórico e artisticamente subtil de tal maneira que a ciência não pode entender. E eu achei aquilo tudo fascinante. Nada daquilo tinha qualquer aplicação prática para a minha vida. Mas 10 anos mais tarde, quando estávamos a criar o primeiro computador Macintosh, tudo voltou. E nós colocámos tudo aquilo no Mac. Foi o primeiro computador com tipografia bonita. Se eu nunca tivesse deixado aquele curso na faculdade, o Mac nunca teria tido as fontes múltiplas ou proporcionalmente espaçadas. E considerando que o Windows simplesmente copiou o Mac, é bem provável que nenhum computador as tivesse.

Se eu nunca tivesse largado o curso, nunca teria frequentado essas aulas de caligrafia e os computadores poderiam não ter a maravilhosa caligrafia que eles têm.

É claro que era impossível conectar esses factos olhando para a frente quando eu estava na faculdade. Mas aquilo ficou muito, muito claro olhando para trás 10 anos depois. De novo, você não consegue conectar os factos olhando para a frente. Você só os conecta quando olha para trás. Então tem que acreditar que, de alguma forma, eles vão-se conectar no futuro. Você tem que acreditar em alguma coisa – a sua garra, destino, vida, karma ou o que quer que seja. Porque acreditar que os pontos vão-se ligar num momento vai dar-te a confiança para seguir o teu coração, mesmo que te leve para um caminho diferente do previsto, e isso fará toda a diferença.

A minha segunda história é sobre amor e perda. Eu tive sorte porque descobri bem cedo o que queria fazer na minha vida. Woz e eu começámos a Apple na garagem dos meus pais quando eu tinha 20 anos. Trabalhámos arduamente e, em 10 anos, a Apple transformou-se numa empresa de 2 biliões de dólares com mais de 4 mil empregados. Um ano antes, tínhamos acabado de lançar a nossa maior criação – o Macintosh – e eu tinha 30 anos. E aí eu fui demitido. Como é possível ser demitido da empresa que você criou? Bem, quando a Apple cresceu, contratámos alguém, que achava que era muito talentoso, para dirigir a companhia. No primeiro ano, tudo deu certo, mas com o tempo as nossas visões de futuro começaram a divergir...

Quando isso aconteceu, o conselho de directores ficou do lado dele. Então, aos 30 anos, eu estava fora. E muito escandalosamente fora. O que tinha sido o foco de toda a minha vida adulta tinha ido embora e isso foi devastador. Fiquei sem saber o que fazer por alguns meses. Senti que tinha decepcionado a geração anterior de empreendedores. Que tinha deixado cair o bastão no momento em que ele estava a ser passado para mim. Eu encontrei David Packard e Bob Noyce e tentei desculpar-me por ter estragado tudo daquela maneira. Foi um fracasso público e eu até mesmo pensei em deixar o Vale (do Silício). Mas, lentamente, eu comecei a dar conta de que ainda amava o que fazia. As coisas que aconteceram na Apple não mudaram isso em nada. Eu havia sido rejeitado, mas continuava apaixonado.

Foi quando decidi começar de novo. Não vi isso na época, mas ser demitido da Apple foi a melhor coisa que me podia ter acontecido. O peso de ser bem-sucedido foi substituído pela leveza de ser novamente um iniciante, com menos certezas sobre tudo. Isso deu-me liberdade para começar um dos períodos mais criativos da minha vida. Durante os cinco anos seguintes, criei uma companhia chamada NeXT, outra companhia chamada Pixar e apaixonei-me por uma mulher maravilhosa que se tornou minha esposa. Pixar fez o primeiro filme animado por computador, Toy Story, e é o estúdio de animação mais bem-sucedido do mundo. Numa inacreditável guinada de eventos, a Apple comprou a NeXT, eu voltei para a empresa e a tecnologia que desenvolvemos nela está no coração do actual renascimento da Apple. E Lorene e eu temos uma família maravilhosa.

Tenho a certeza de que nada disso teria acontecido se eu não tivesse sido demitido da Apple. Foi um remédio horrível, mas eu entendo que o paciente precisava. Às vezes, a vida bate com um tijolo na sua cabeça. Não perca a fé. Estou convencido de que a única coisa que me permitiu seguir adiante foi a minha paixão pelo que fazia. Você tem que descobrir o que o apaixona. Isso é verdadeiro tanto para o seu trabalho como para com as pessoas que você ama. O seu trabalho vai preencher uma parte grande da sua vida, e a única maneira de ficar realmente satisfeito é fazer o que você acredita ser um ótimo trabalho. E a única maneira de fazer um excelente trabalho é ser apaixonado pelo que você faz. Se você ainda não encontrou o que é, continue à procura. Não sossegue. Assim como todos os assuntos do coração, você saberá quando encontrar. E, como em qualquer grande relacionamento, só fica melhor e melhor à medida que os anos passam. Então continue a procura até você encontrar. Não sossegue.

Esta semana publicamos um dos mais belos textos escritos a respeito de superação e criatividade, um discurso proferido em 2005 (para um plateia de estudantes da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos) por um homem que vai ser reverenciado daqui a 100 anos, entre outras razões, porque reinventou o mundo com máquinas – o Mac, o iPod, o iPhone e o iPad – Steve Jobs.

Texto: Steven Paul "Steve" Jobs • Foto: Lusa

A minha terceira história é sobre morte. Quando eu tinha 17 anos, li uma frase que era algo assim: 'Se você viver cada dia como se fosse o último, um dia você certamente vai acertar'. Aquilo impressionou-me, e desde então, nos últimos 33 anos, eu olho para mim mesmo no espelho todas as manhãs e pergunto-me: 'Se hoje fosse o meu último dia, eu gostaria de fazer o que farei hoje?' E se a resposta é 'não' por muitos dias seguidos, sei que preciso de mudar alguma coisa. Lembrar que estarei morto em breve é a ferramenta mais importante que já encontrei para me ajudar a tomar grandes decisões. Porque quase tudo – expectativas externas, orgulho, medo de passar vergonha ou falhar – caem diante da morte, deixando apenas o que é apenas importante. Lembrar que você irá morrer, é a melhor maneira que conheço para evitar o pensamento de que se tem algo a perder. Você já está nu. Não há razão para não seguir o seu coração.

Há cerca de um ano, foi-me diagnosticado um cancro. Às 7h30 da manhã fiz um exame que mostrou claramente um tumor no meu pâncreas. Eu nem sabia o que era um pâncreas. Os médicos disseram-me que aquilo era certamente um tipo de cancro incurável, e que eu não deveria esperar viver mais de 3 a 6 meses. O meu médico aconselhou-me a ir para casa e pôr as coisas em ordem – que é a forma de os médicos nos dizerem 'prepara-te para morrer'. Significa tentar dizer aos seus filhos tudo o que você pensou que teria para lhes dizer nos próximos 10 anos, em apenas poucos meses. Significa ter a certeza de que tudo está no lugar, para que seja o mais fácil possível para a sua família. Significa dizer o seu adeus. Eu vivi com aquele diagnóstico o dia inteiro. Depois, à tarde, eu fiz uma biopsia, em que eles introduziram um endoscópio pela minha garganta abaixo, através do meu estômago e pelos intestinos. Colocaram uma agulha no meu pâncreas e tiraram algumas células do tumor. Eu estava sedado, mas a minha mulher, que estava lá, contou que quando os médicos viram as células num microscópio, começaram a chorar. Era uma forma muito rara de cancro pancreático que podia ser curada com cirurgia. Eu fui operado e estou bem.

Isso foi o mais perto que eu estive de encarar a morte e eu espero que seja o mais perto que vou ficar pelas próximas décadas. Tendo passado por isso, posso agora dizer a vocês, com um pouco mais de certeza do que quando a morte era um conceito apenas abstracto: ninguém quer morrer. Até mesmo as pessoas que querem ir para o céu não querem morrer para lá chegarem. Ainda assim, a morte é o destino que todos nós partilhámos. Ninguém conseguiu escapar. E é assim como deve ser, porque a morte é muito provavelmente a principal invenção da vida. É o agente de mudança da vida. Ela limpa o velho para abrir caminho para o novo. Nesse momento, o novo é você. Mas algum dia, não muito distante, você gradualmente se tornará um velho e será varrido. Desculpa ser tão dramático, mas isso é a verdade. O seu tempo é limitado, então não o gaste a viver a vida de outra pessoa. Não fique preso pelos dogmas, que é viver com os resultados da vida de outras pessoas. Não deixe que o barulho da opinião dos outros cale a sua própria voz interior. E o mais importante: tenha a coragem de seguir o seu próprio coração e a sua intuição. Eles de alguma maneira já sabem o que você realmente se quer tornar. Tudo o resto é secundário.

Quando eu era pequeno, uma das bíblias da minha geração era o Whole Earth Catalog. Foi criado por um sujeito chamado Stewart Brand em Menlo Park, não muito longe desta Universidade. Ele trouxe-o à vida com o seu toque poético. Isso foi no final dos anos 60, antes dos computadores e dos programas de paginação. Então tudo era feito com máquinas de escrever, tesouras e câmaras Polaroid. Era como o Google em forma de livro, 35 anos antes de o Google aparecer. Era idealista e cheio de boas ferramentas e óptimas noções. Stewart e a sua equipa publicaram várias edições de The Whole Earth Catalog e, quando ele já tinha cumprido a sua missão, eles lançaram uma edição final. Isso foi em meados de 70 e eu tinha a vossa idade. Na contracapa havia uma fotografia de uma estrada do interior ensolarada, daquele tipo onde você poderia estar à boleia se fosse aventureiro. Abaixo, estavam as palavras: "Continue com fome, continue louco". Foi a mensagem de despedida deles. Continue com fome. Continue louco. E eu sempre desejei isso para mim mesmo. E agora, com vocês a graduarem-se e a começarem de novo, eu desejo-vos isso. Continuem com fome. Continuem loucos. Muito obrigado a todos".



Funcionária dos Caminhos-de-Ferro de Moçambique (CFM), Julita Juma é a nova secretária-geral da Associação das Secretárias e Secretários de Moçambique (ASSEMO), eleita na semana passada, em Maputo, em substituição de Basília Machatine, que dirigiu a organização durante nove anos, correspondentes a três mandatos consecutivos.

MULHER
COMENTE POR SMS 821115

Dêem sementes e as camponesas alimentarão o mundo

Se as camponesas tivessem mais ferramentas e recursos, entre cem milhões e 150 milhões de pessoas poderiam deixar de passar fome no mundo. Esta mensagem foi difundida por Josette Sheeran, directora executiva do Programa Mundial de Alimentos (PMA) da Organização das Nações Unidas (ONU), num encontro dedicado ao poder das mulheres rurais em matéria de segurança alimentar e nutrição, realizado no contexto da sua Assembleia Geral.

Texto: **Melanie Haider/IPS** • Foto: **ISTOCKPHOTO**

Na reunião (realizada em finais de Setembro), que contou com o patrocínio da ONU Mulheres e do PMA, entre outros vários organismos, reuniram-se organizações comunitárias e representantes do sector privado e de governos com vista a uma “nova coligação que marque a diferença”, disse Sheeran. Em Outubro acontecerá a reunião do Comité de Segurança Alimentar Mundial na sede do Programa Mundial de Alimentos (PMA) em Roma, à qual se seguirá a 56ª sessão da Comissão sobre o Status das Mulheres, no próximo ano. São duas oportunidades para fortalecer o papel das camponesas no alívio à pobreza e erradicação da fome.

O director executivo da companhia Unilever, Paul Polman, destacou a nova iniciativa Project Laser Beam, na



qual o PMA e dos seus sócios corporativos, DSM, Aliança Global para a Nutrição Melhorada (Gain), Kraft Foods, se reuniram para combater a desnutrição infantil em Bangladesh e na Índia. “O programa concentra-se em mulheres, agricultura, consolidação de produtores de pequena escala,

saúde, higiene e escolaridade feminina. Não me surpreende porque descobrimos, como empresários, que seguramente obteremos mais benefícios com estes investimentos do que com outros que fazemos”, disse Polman.

A ONU Mulheres e a Coca-

-Cola também anunciaram um acordo para eliminar as barreiras que encontram as empresárias no terreno mediante programas de capacitação e serviços financeiros. O informe sobre o estado mundial da alimentação e da agricultura 2010-2011, realizado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), concluiu que quando as mulheres têm rendimentos adicionais investem mais do que os homens na alimentação, assistência médica, vestimentas e ensino para os filhos. Isto tem consequências no crescimento económico ao melhorar a saúde, a nutrição e a educação do país.

Elas costumam ter menos recursos produtivos, como educação, terra, gado, tecnologia, trabalho, serviços financeiros, entre outros, do que os ho-

mens, segundo a FAO. “Se as mulheres contassem com os mesmos recursos produtivos que os homens, a produção agrícola nos países em desenvolvimento cresceria entre 2,5% e 4% e iria reduzir a quantidade de pessoas com fome entre 12% e 17%”, diz o informe. “Há pessoas que não têm alimento suficiente e precisam de ajuda imediata”, disse a agricultora Anne Itto, ex-ministra interina da Agricultura e Silvicultura do Sudão do Sul. A ajuda deve ser bem dirigida para que os “alimentos não acabem no mercado local”, o que reduz os preços, destacou.

“Para quem tem capacidade e quer trabalhar a longo prazo, a primeira coisa é capacitação, fornecer conhecimento necessário e habilidades às mulheres a fim de incentivar o acesso a insumos agrícolas como se-

mentes optimizadas e melhores tecnologia e equipamento”, afirmou Itto. “Mas, não podem obtê-lo a menos que tenham acesso a serviços financeiros”, acrescentou. É importante relacionar as mulheres com o mercado, pois a “maioria dos grãos não pode ser armazenada mais do que dois ou três meses”, insistiu a ex-ministra.

Permitir que as mulheres solicitem empréstimos terá um impacto positivo na segurança alimentar porque poderão pagar por melhores sementes e ferramentas e produzir mais, prosseguiu Itto. “Creio que as mulheres fizeram o seu trabalho. Agora é a vez do governo, de actores humanitários e do sector privado se associarem com elas para que possam continuar a alimentar as suas famílias, contribuindo para a construção do país”, concluiu.

Nobel distingue “guerrilheira da paz” e “Dama de Ferro” liberianas e ainda activista iemenita

A liberiana Leymah Gbowee é uma militante pacifista que contribuiu para pôr fim às guerras civis que devastaram o seu país até 2003. Ellen Johnson Sirleaf entrou para a História ao tornar-se, em 2006, a primeira Presidente eleita em África, à frente dos destinos da Libéria. Foi também laureada com o Nobel da Paz de 2011 a jornalista e activista iemenita Tawakkul Karman.

Texto: **Redacção/Agências** • Foto: **LUSA**



Gbowee recebeu a alcunha de “vermelha” por causa da sua pele mais clara, recorda Gbowee num livro autobiográfico publicado em Setembro, “Mighty Be Our Powers: How Sisterhood, Prayer, and Sex Changed a Nation at War”. Depois de se envolver nos movimentos de não-violência esta mulher corpulenta da etnia Kpellé, encontrou outro nome na cena internacional: “A guerrilheira da paz”

Contra os demónios da guerra, Leymah Roberta Gbowee, recorreu à oração. Exortou as mulheres a fazerem como ela, a rezar pela paz – o que as liberianas fizeram sem distinção de religião, muitas vezes vestidas de branco. O movimento de oração ganha amplitude durante o conflito (1989-2003), até que culmina numa greve de sexo, que obriga o regime de Charles Taylor a associá-las às negociações de paz.

Gbowee “é mais do que corajosa. Ela dominou a ‘tempestade’ Charles Taylor, obrigando-o a ir para a paz numa altura em que a maioria de nós, homens, fugíamos para salvar as nossas vidas”, disse à AFP Nathan Jacobs, um liberiano de 45 anos.

Depois de ter iniciado uma rebelião em Dezembro de 1989 contra o regime do Presidente liberiano Samuel Doe, Charles Taylor domina em poucos meses a quase totalidade do país, fazendo-se eleger Presidente em 1997.

Confrontado depois com uma insurreição armada, Taylor é obrigado a deixar o poder e o país em 2003, pressionado pela rebelião e a comunidade internacional.

Assistente social, Leymah Gbowee acompanha diariamente durante a guerra as crianças-soldado e chega à conclusão de que “a única maneira de mudar as coisas, do mal para o

bem, era nós mulheres e mães destas crianças levantarmos-nos e caminharmos na direcção certa”, recorda Gbowee, que é hoje mãe de seis filhos, a viver no Gana desde 2005.

“Não há nada que leve alguém a fazer aquilo que eles fizeram com as crianças da Libéria”, que foram drogadas, armadas e transformadas em máquinas de matar, explica a Prémio Nobel num documentário sobre o combate das mulheres liberianas pela paz “Pray the Devil Back to Hell”.

A luta das liberianas pela paz “não é uma história de guerra tradicional. Trata-se de um exército de mulheres vestidas de branco, que se levantaram quando mais ninguém o fez, sem medo, porque as piores coisas imagináveis já nos tinham acontecido”, escreve Gbowee no seu livro.

Ellen Johnson Sirleaf, primeira Presidente em África e Nobel

da Paz

Ellen Johnson Sirleaf, de 72 anos, entrou para a História ao tornar-se, em 2006, a primeira Presidente eleita em África, à frente da Libéria, país que viveu 14 anos de guerras civis.

Desde que tomou posse, Sirleaf tem procurado estreitar laços com as instituições financeiras internacionais que conhece bem. Economista formada em Harvard, esta mãe de quatro filhos e avó de oito crianças trabalhou para as Nações Unidas e para o Banco Mundial.

Ministra das Finanças dos Presidentes William Tubman e William Tolbert nos anos 1960 e 1980, o seu objectivo é acabar com a dívida e levar os investidores a reconstruir a Libéria, algo que, em parte, conseguiu.

A luta contra a corrupção e pelas profundas reformas institucionais na mais antiga República da África subsaariana, fundada em 1822, foi sempre o cerne da sua actividade política. Este combate, que lhe valeu ser chamada “Dama de Ferro”, não foi fácil. Por duas vezes foi detida, nos anos 1980, no regime de Samuel Doe.

No seu país, Ellen é criticada por não ter cumprido as suas promessas nas áreas sociais da economia e, sobretudo, por não ter estado mais empenhada a favor da reconciliação nacional.

Ellen vai tentar recandidatar-se às eleições presidenciais marcadas para a próxima semana na Libéria.

A escolha deste ano deve ser vista como um forte sinal do comité do Nobel a favor da luta pela igualdade de direitos entre os géneros, especialmente no mundo em desenvolvimento.

União com termo certo. México quer casamento renovável de dois em dois anos

A ideia está em discussão no México. Para acabar com os divórcios, o casamento passa a ter de ser renovado ao fim de dois anos.

Texto: **JornalOnline**

O conceito choca com a ideia tradicional de casamento e pode escandalizar os mais conservadores. No México, as estatísticas dizem que um em cada dez casamentos dá em divórcio – o que resulta numa verdadeira dor de cabeça para os magistrados e em pilhas intermináveis de processos pendentes nos tribunais. Para acabar com o problema, a Assembleia Legislativa está a discutir uma mudança ao Código Civil que é, no mínimo, polémica.

A proposta prevê que o casamento passe a ser renovado ao fim de dois anos e só se os dois membros do casal concordarem em continuar com o relacionamento no final desse período experimental. A iniciativa partiu dos deputados do Partido da Revolução Democrática (PRD), Leonel Luna e Lizbeth Rosas, que acreditam que o casamento renovável vai reduzir o número de divórcios, além de contribuir para a agilização da Justiça e para o fim dos problemas relacionados com a custódia dos filhos e a disputa de bens. Os deputados acreditam ainda que a medida vai permitir aos casais experimentar a vida a dois e perceber se o casamento tem pernas para andar. “Dois anos é o tempo mínimo para que os membros do casal possam avaliar a sua vida em conjunto. Se os dois renovarem o contrato, significa que há um entendimento, que as regras estão claras e que os dois cônjuges têm a certeza jurídica dos seus direitos e deveres”, explicou à BBC a deputada Lizbeth Rosas, que apoia a mudança e acredita que a introdução da nova lei no Código Civil vai favorecer “relações mais saudáveis e harmoniosas entre os casais e ajudará a restabelecer o tecido social e a estabilidade das famílias”, que serão poupadas ao “trauma” do divórcio e às despesas inerentes ao processo. O PRD diz que tudo o que pretende é que os cônjuges possam separar-se “sem procedimentos demorados que prejudiquem as famílias”.

Além da assinatura de um contrato temporário, a proposta prevê ainda que, aquando do casamento, os noivos se protejam contra um hipotético cenário de divórcio. Para isso, decidem, desde logo, quem ficará com a guarda dos filhos e quanto é que cada um pagará de pensão de alimentos em caso de separação. Contudo, e mesmo que a lei seja aprovada, a renovação não será obrigatória: os casais podem escolher entre o casamento convencional e o renovável.

Quem não acredita nos benefícios e facilidades do casamento a termo são os deputados mais conservadores da Cidade do México, que já deixaram bem claro que nunca aprovarão a lei, sobretudo por ir contra o conceito tradicional de casamento – uma instituição que se quer para toda a vida. A União de Pais de Família (UPF) e outras associações conservadoras também rejeitam a ideia. “Quando soube, pensei que era uma piada de mau gosto”, disse a presidente da UPF. “Esta ideia cria uma cultura descartável em temas importantes para a sociedade. Se os pais têm problemas devem, primeiro que tudo, procurar outras soluções. Imagine-se o impacto emocional que isto teria para um filho: a angústia de pensar, a cada dois anos, se o pai e a mãe irão, ou não, renovar o contrato”, argumenta a responsável.

O que é certo é que as estatísticas, na cidade do México, são pouco animadoras no que diz respeito ao casamento: cinco em cada dez uniões terminam em divórcio. E desde que em 2008 entrou em vigor o Casamento Expresso – uma lei que veio agilizar o processo do divórcio e que permite o fim do casamento em apenas quatro semanas – já aconteceram 60 mil divórcios. Só na capital mexicana.

Decorre no Instituto Camões o XXIII um Curso de Literaturas em Língua Portuguesa que inclui seis palestras e uma mesa redonda, subordinadas ao tema geral "Literatura e Jornalismo: as fronteiras (in)visíveis da escrita".

Tomas Tranströmer é o primeiro poeta a receber um Nobel no século XXI

O sueco Tomas Tranströmer, de 83 anos, tornou-se ontem o primeiro poeta a ser galardoado com o Nobel da Literatura no século XXI. Desde 1996, quando o prémio foi atribuído à polaca Wislawa Szymborska, que a Academia Sueca não escolhia um poeta. E seria preciso recuar quase quatro décadas para se chegar ao último sueco que merecera esta distinção – ou, em rigor, os últimos suecos, já que Harry Martinson e Eyvind Johnson dividiram o prémio em 1974, decisão que provocou controvérsia, uma vez que ambos integravam o júri.

Texto: **Jornal Público de Lisboa** • Foto: **AFP**

Mas a escolha de Tranströmer não foi uma surpresa. As casas de apostas davam-no como favorito, ao lado do poeta sírio Adonis, e desta vez acertaram. Reconhecido no seu país e fora dele como o mais importante poeta vivo da literatura sueca – está traduzido em mais de 50 idiomas –, este 104.º Nobel da Literatura começou a ser referido como candidato ao prémio nos anos 70, quando já publicara uma parte significativa da sua, aliás bastante breve, obra poética.

O próprio júri destacou, no seu comunicado, o facto de Tranströmer não ser um "poeta próximo", acrescentando, todavia, que "as suas imagens condensadas e translúcidas" nos oferecem "um refrescado acesso à realidade".

Coube a Peter Englund, o secretário permanente da Academia Sueca, dar a notícia à mulher do premiado, já que o poeta tem grandes dificuldades em articular palavras desde que sofreu, em 1990, um acidente vascular cerebral, que também lhe paralisou o lado direito do corpo. Vasco Graça Moura, que traduziu alguns dos seus poe-

mas para a antologia 21 Poetas Suecos (Vega, 1980), refere-se a esta tragédia pessoal do autor sueco no poema pianíssimo, onde, aludindo a versos do próprio Tranströmer, diz supor que este deve ainda "escutar/Haydn interiormente".

A música é justamente um dos tópicos recorrentes de Tranströmer, que, a par da sua profissão de psicoterapeuta, que só abandonou depois de adoecer, é também pianista e organista. Ainda hoje toca piano com a mão esquerda, já que não consegue mover a direita, e, segundo a mulher, Monica Bladh, estava justamente a ouvir música quando Englund telefonou a dar a boa nova.

Já depois de ter sofrido o AVC, Tranströmer publicou vários novos livros de poemas, o último dos quais, Den stora gätan (traduzível por O Grande Enigma) saiu em 2004 e consiste numa singular apropriação da tradição japonesa do haiku. O seu livro de estreia tinha sido publicado exactamente meio século antes, em 1954, com o título 17 dikter (17 Poemas). A sua obra resume-se a uma dúzia de títulos, incluindo um



volume em prosa: a autobiografia Minnena ser mig (As Recordações Vêem-me). Em Portugal, estão apenas traduzidos alguns poemas soltos, mas encontram-se na net (veja-se o site <http://www.triplov.com>) muitos poemas de Tranströmer traduzidos por Luís Costa a partir de versões alemãs.

Vasco Graça Moura, o primeiro a traduzi-lo para português, com o auxílio da autora sueca Marianne Sandels, sublinha "a grande força lírica" e a "preocupação social" de Tranströmer, atribuindo-lhe "uma face-

ta um pouco surrealista".

A generalidade dos críticos salienta ainda o talento de Tranströmer para a justaposição inesperada de imagens, muitas vezes colhidas em detalhes do quotidiano, mas às quais subtilmente confere uma ressonância particular, que tanto pode ser política como mística. Uma técnica a que talvez não seja alheia a lição de Ezra Pound, e que pode mesmo fazer pensar em Emily Dickinson, mas numa linguagem muito mais pacífica e gramaticalmente menos subversiva.



Pandza



Hélder Faife
helder.faife@yahoo.com.br

O Novo Código

A muito custo o tremor da minha mão acertou nos buracos tímidos dos cadeados e depois da fechadura. A porta cedeu, abrindo-se como uma portagem ligando o mundo ao interior da minha casa.

Entrei acelerado pelo excesso de cerveja que me maltratava a bexiga. Com os passos trocados, ora tropeçando nos próprios calcanhares, descalcei e apressei-me para a casa de banho, num excesso de velocidade caricato, pois pisava com a ponta dos pés, para conseguir chegar à cama sem acordar a minha mulher, não ser visto naquele estado e escapar ao bafómetro dela.

Circulando na contramão do corredor, com os sapatos na mão, eu já desaperitava o cinto de segurança das calças e abria o zíper quando deparei com a surpresa: um roadblock! A minha mulher estava acordada e montou-me um roadblock em pleno corredor. Com um gesto decidido arranjou a capulana, pôs as mãos na cintura, marcando território, e fez aquela cara de poucos amigos que elas aprendem nos programas de TV sobre igualdade de género.

Surpreendido, os sapatos escorregaram-me das mãos. Seguindo as calças e o zíper aberto, abrandei a marcha e sorri os músculos cozidos da face, contorcendo-me para conter o aperto na bexiga:

– Amor... Hmm! Estava numa reunião e... um colega fazia anos e estávamos a brindar... E...

Estava com uma cara de insubornável, enquanto eu, aflito, procurava espaço entre as ancas largas e a parede, para ir à casa de banho.

– A partir de hoje entra em vigor um Novo Código aqui em casa – advertiu-me, sem tirar as mãos da cintura.

– Hein?! – Senti os músculos da face contraírem e as pálpebras arregalarem.

– Vai ter de haver respeito pelos horários aqui em casa.

– O quê? – Quis impor-me. Lembrar-lhe que o homem ali era eu. A lobolada era ela e eu não aceitava ordens de uma mulher. Mas era melhor ficar calado.

– Vai haver maior rigor, e muitas penalizações, – prosseguiu – e o álcool vai ter de reduzir. Essa coisa de beber todos os dias não dá.

– Mas...

– Francamente. Hoje é segunda-feira e estás nesse estado!

– ...

– Aqui para esta casa, se queres voltar não bebas, se beberes não voltes. E aí de ti se não voltares. Ntlha!!!

Arranjou desafiadoramente a capulana na cintura, fez inversão de marcha e arrastou o chinelo, abanando imponentemente a retaguarda. As minhas solas chiaram quando corri para a casa de banho. Depois de aliviar a bexiga, eu já só pensava na cama, mas ela obrigou-me a uma banho:

– Na minha cama não dormes com essa sujidade sei lá de onde – resmungou.

Falava com a mesma cara de insubornável de há pouco, enquanto se movimentava pela casa. Resmungando, preparou-me, mais por dever do que amor, um banho, roupa de dormir e uma refeição quente. Manobrámos para o compartimento mais privado da casa, onde o que se passa a dois não se descreve nem se comenta. Eu já tinha os intermitentes ligados pela emergência do sono, mas senti que me devia esforçar, por dever, para fazer aquilo que mais arrefece a zanga das senhoras.

Os lençóis estavam macios. Ela estava zangada. Toquei-lhe. As hormonas esquentaram. As necessidades arrefeceram-lhe aquela cara de insubornável. O zelo do novo código derreteu-se-lhe nas vontades. Todas as fomes estão acima de qualquer legislação.

– Essa rua tem sentido único – advertiu-me, num tom mais frágil e melado do que o de há pouco – Só se vem, não se volta.

Entrei devagar para a rua roncando os motores da respiração. Naquele instante reparei no semáforo aceso. Aquele semáforo que em períodos mensais regula o humor, o amor e a fertilidade das mulheres. Estava vermelho.

– Está vermelho, mas avança – ordenou, com autoridade de agente de trânsito.

Eu avancei, lentamente. Instantes depois parei.

– Acelera então. – Ordenou, mas eu não respondi.

– Estás sem gasolina? Se queres estacionar manobra e mete na garagem. – Abriu os portões da garagem. – Mete – continuei sem responder. Com os intermitentes a piscarem pela emergência do sono, eu já estava adormecido no meio da via, no embalo do asfalto aveludado do colo dela.

– Ntlha! – Irritou-se, e rebocou-me de cima dela para um lado da cama, rebolou para o outro lado e adormeceu.

No dia seguinte fui impiedosamente multado, por estacionar indevidamente e dirigir embriagado.

Afinal, o infecundo era o marido

A inexistência de um filho, depois de tantos anos de matrimónio, continua em pleno século XXI a instigar conflitos desastrosos nas famílias modernas. Na peça "Yerma", um grupo de formandos em teatro da ECA apresenta esse drama de forma desembaraçada.



Texto: **Inocência Albino** • Foto: **Inocência Albino**

Em Yerma, numa miscelânea de acção, drama e tragédia, uma dezena de actores denuncia as "mil e uma" ostracizações que são impostas à mulher 'seca', numa sociedade moderna, porém, preza ao conservadorismo tradicional.

Opostamente à mulher, o que se deve infligir ao homem, caso na relação conjugal for este o infecundo? Deverá ser vilipendiado? Marginalizado? Apedrejado em praça pública? Ou então (pior ainda), simplesmente, morto?

continua Pag. 29 ➔

Três tenores chineses (Dai Yuqiang, Wei Song e Warren Mok) iniciam no dia 21 em Beijing a sua primeira digressão mundial, tentando replicar o sucesso alcançado outrora por Luciano Pavarotti, Plácido Domingo e José Carreras.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

Combater as metamorfoses negativas sociais!

Herdino Polinésio suspeita ter nascido com um vírus, a sorte é que não se trata de HIV, mas de Literatura. No entanto, só há três mil dias – cerca de oito anos – decidiu encarar a realidade. Esparrama-se em todos os cantos em recitais. É um vício do qual não se consegue desprender...

Texto: **Inocêncio Albino** • Foto: **Inocêncio Albino**



Há vezes que, em função do temperamento é rebelde, revolta-se: "Os nossos programa-se televisivos são entupidos de intelectuais/ vivos nas utopias mas, mortos nas vidas reais/ Sopram palavras eloquentes/ Mas donos de actos doentes, incoerentes".

E mais, para si, "Há coisas que já deviam ser ditas/ Sobre os escândalos dessas malditas/ Revoluções criminais do sexo mercantil". Afinal, diz: "É nojento e meramente vil./ Estas atitudes levianas tendentes/ A parir frutos inconsequentes".

Polinésio louva a sociedade quando bem encaminhada, mas não deixa de critica-la quando se entorpece. Neste exercício fá-lo partindo mesmo da célula: a degradação da instituição familiar.

"É vendedeira sem banca na rua./ Produto nato!/ Mamã deu licença a esta venda de facto!/ Cada um vende o que pode!/ Ter filhas é riqueza/ Filhos quebra, trazem pouco pão à mesa!"

Enfim, trata-se de "negativas metamorfoses mentais/ paridas por febres de meticais", como Polinésio recita em saraus culturais da capital Maputo. É sobre estes, e outros, pontos de vista que, muito recentemente travámos uma conversa (amena) com Herdino Polinésio, um artista nato da palavra em acelerado processo de poetização.

Em processo de poetização porque ainda não tem livro publicado – falta-lhe financiamento para o efeito, as editoras moçambicanas ainda são repelentes quando se trata de obras de escritores jovens – mas enquanto isso não acontece, o artista não verga, até porque diante da realidade moçambicana contemporânea a sua missão não deixa de ser nobre: "operar (boas) transformações na sociedade".



É como mais adiante, levando o seu posicionamento ao extremo, afirma: "sou um impulsor de atitudes positivas".

Na verdade, a poesia "infecta-lhe" a partir "desta necessidade contínua e constante em mim, de dizer palavras. De expressar os meus sentimentos, as minhas vontades e os meus pensamentos", recorda-se.

Na altura, há dez anos ou pouco mais, vigorava em Ma-

puto um movimento simplesmente marginalizado, o Rap sobre o qual Polinésio tem o orgulho de dizer que se trata de "Ritmo e Poesia (Rap)" – como de, facto o é.

Portanto, influenciado pelo Rap, Polinésio – à sementeira de tantos outros jovens – teimava em "dizer tudo o que me percorria a mente em jeito de crítica social". O contrário não devia/podia acontecer, muito em particular porque na altura o Rap estava, essencialmente, ligado à crítica social, à necessidade de haver mudanças de comportamento na sociedade, sobretudo na camada juvenil.

Morto antes de nascer

Algum tempo depois, a intenção de mudar a mentalidade social, face aos desafios contemporâneos, viu-se ofuscada. Com a partida do companheiro de arte, Francisco Jorge, às terras lusas – onde, actualmente se encontra, "causou-se alguma nostalgia".

"Mas comecei a estudar o ambiente em que me encontrava, até que compreendi que o Rap era uma forma de expressão musical que não era devidamente adoptada e respeitada. As pessoas que faziam o Rap eram tidas (quase) como marginais".

Consequentemente, "Não persisti em lutar para que o Rap fosse, algum dia, respeitado como o Azagaia e a Iveth (e tantas outras) envolvidas no movimento, o fizeram".

Ora, "a minha postura não foi forçada. Houve circunstâncias que concorreram para o efeito: a minha irmã mais velha, CríliaChihale, era uma pessoa que lia e escrevia bastante. Tanto é que nós trocávamos livros, um dos quais "Soror Saudade" de Florbela Espanca, que é um livro de sonetos muito profundos. Em tal livro, Florbela expressa um amor, uma amizade frustrados".

Surge-me, então, a poesia

Com a morte do Hip Hop – em Polinésio – nascia uma nova expressão artística, a poesia, mas com apenas um inconveniente: "A poesia não era uma expressão artística oficializada, como o Rap. Mas uma atitude (ainda em fase embrionária) impulsionada pela vontade de dizer coisas aos outros", explica.

E mais, recusando-se a seguir um modelo pré-estabelecido, facto é que Polinésio escrevia poesia. Até que se apercebeu de que a sua musa – a escritora Florbela Espanca – explorava o esquema de 14 versos, os sonetos, o que influenciou a estruturar os textos quase da mesma forma.

Uma sorte ímpar

No entanto, além de contar com a influência dos textos da Florbela Espanca – para a formatação da sua poesia, ora em emergência – Polinésio acredita que contrariamente a muitos poetas, "tive muita sorte porque na altura, eu era vizinho da conceituada escritora moçambicana Lília Momplé, que considero a minha mãe literária".

"Sempre que eu a procurasse seja com que tipo de versos e temática, ela dizia-me que tinha que melhorar num e noutra aspecto e, sobretudo, que tinha o bichinho da poesia". Ou seja, "ela foi a impulsor de uma vontade, esta tendência natural que eu tinha. E eu comecei a ganhar pernas – não mais para o Rap, mas para esta manifestação posterior que é a poesia".

Transformar mentalidades

Porque os tempos passam, as realidades e os desafios modificam-se. Que enquadramento dar às actuais tendências poéticas no contexto moçambicano? Polinésio

pensa que as correntes que instam a que a literatura moçambicana tenha que ser como a do Craveirinha podem estar equivocadas.

Craveirinha "escreveu num contexto da temática colonial a favor da liberdade, mas nós não temos um colonialismo, provavelmente temos um neocolonialismo". Como tal, "penso que a nossa poesia, na actualidade, se enquadra na necessidade de mudar as mentalidades, em função dos desafios hodiernos".

Assim, o poeta deixa de ser, necessariamente, um romântico, mas uma pessoa sensível. "E eu sou uma pessoa sensível às questões sociais, às coisas que eu acho negativas. Mas também sou um impulsor de atitudes positivas. Quando escrevemos um texto a falar das mães que madrugam com o bebé nas costas, um balde na cabeça, desloca-se para a machamba ou outro lugar qualquer para produzir, estamos a dizer que estas senhoras são exemplares. Que possuem uma atitude socialmente salutar. Então devem ser estimuladas."

Muitas incoerências à mistura

Para Polinésio, apesar de a imprensa contribuir bastante para o desenvolvimento social, bastas vezes, tem sido falsa em tal processo. Quando assim se comporta, o artista contesta.

"É que a televisão utiliza pessoas intelectuais, como líderes de opinião, ou construtores da opinião pública. Tais pessoas constroem um pensamento, uma atitude – que deve ser seguida pelo povo. No entanto, no seu dia-a-dia, eles não vivem de acordo com tais preceitos. Ou seja, em conformidade com o que dizem. Não implementam o que dizem. São incoerentes."

Então, "a minha reclamação neste poema é mais virada para a necessidade de as pessoas começarem a dizer, mas também a fazer o que dizem. Nós não devemos deixar que a imprensa nos bombardeie, quando (simplesmente) ela só quer construir a nossa maneira de ser e estar – na sociedade – em função dos seus objectivos!"

Melhor ainda: "não devemos ser intelectuais do falar – para mudar a cabeça dos outros – mas, acima de tudo, devemos implementar o que dizemos na realidade". Afinal, "não estudamos simplesmente para dizer o que fizemos."

E assim se perdem as referências

Polinésio volta a atenção não para, mais uma vez, tecer críticas à sua ineficácia nalguns aspectos sociais, como, por exemplo, "quando a televisão bombardeia as pessoas com produtos que não levam a sociedade a um bom porto, em termos de exemplos a seguir".

Uma das lacunas – da imprensa televisiva moçambicana – é que "nós não temos programas de literatura a sério. A televisão não se interessa pela literatura. Aposta, pura e simplesmente, na música".

Como é que as pessoas terão as referências certas? "Terão ídolos – errados para mim – em termos de utilidade. Porque nós estamos a viver somente do agradável, desprovido do útil. O útil – na área televisiva – também seria a inclusão de programas de literatura, de fortes documentários científicos e aí por diante".

A consequência imediata é que a sociedade reclama que os jovens não têm referências. Que gostam somente do Ziquo – por exemplo. Mas "mas como não gostar se é o que mais se difunde para ser apreciado? Não há referências. É preciso que haja referências – em tudo – e que sejam divulgadas ao nível da imprensa, porque elas impulsionam a atitudes positivas".

Um sonho antigo

Quando Polinésio – nascido a 12 de Outubro – decidiu sacrificar a música pela literatura renunciava também um grande sonho: publicar um livro.

O devaneio ganhou consistência. De maneira que "desde sempre tenho-me organizado para o concretizar". Facto, porém, é que durante o percurso, "recebi conselho de pessoas que diziam Polinésio não se precipite! Argumentavam que editar um livro não é grande coisa".

Nos dias que correm, a (sua) pretensão de publicar "as negativas metamorfoses mentais" em livro vem sendo ofuscada devido à falta de financiamento.



"As editoras dizem que não têm fundos, meios para a publicação da obra", queixa-se. O que dito em outras palavras significa que são os escritores que no lugar de produzir obras artísticas, devem também ocupar-se da angariação de financiamentos para a publicação dos livros. "O que para mim, não é correcto".

Ser artista – uma opção arriscada

Fora do glamour, do respeito, bem como a celebridade que os artistas granjeiam na sociedade, o nosso interlocutor chama a atenção dos riscos que a arte pode acarretar para a vida do artista.

Sobretudo quando "o artista não souber gerir a fama, gerir as coisas primordiais da sua vida privada, logicamente, arrastado pelo glamour e pela fama acaba por se confundir. Metendo-se em vícios, em fornicações, adultérios".

E mais: "noto que é fácil ser assediado quando se é artista. Equivocadamente, as pessoas pensam que nós somos as pessoas mais perfeitas do mundo". Então, "nós, os artistas, não devemos permitir que a fama nos suba à cabeça, sob pena de – como temos visto – sermos prejudicados ou, pior ainda, até mortos pela fama".

Uma questão profunda

Ainda que de facto os gostos sejam relativos – pelo menos partindo das pessoas que em espaços culturais como o ICMA apreciam as suas obras – pode-se afirmar que Polinésio escreve uma poesia encantadora. E, por conseguinte, passível de ser laureada em concursos literários.

No entanto, mesmo assim, o artista nunca participou em nenhum concurso literário. "Há uma questão que é profunda em mim. Como, por exemplo, quando se diz que naquele grupo de jovens, nenhum tinha qualidade. Imagina se eu estivesse no meio de tais jovens – penso que seria uma grande desmotivação".

Então, "penso que ganhar é, sim, uma motivação, mas perder é uma grande desmotivação. Por isso, trabalho no sentido de publicar a minha obra, dentro das dificuldades e facilidades do quotidiano", finaliza.



esteja em cima de todos os acontecimentos seguindo-nos em twitter.com/verdademz

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

O grupo de teatro Mahamba participa no festival internacional de teatro de Angra, FITA 2011, que tem lugar no Brasil, de 14 a 30 do mês em curso. No evento, Mahamba irá exhibir a peça “Culpado? Combati um bom Combate”.

...e o MMA esmerou-se!

Depois de na edição de 2010 a DDB ter brindado os amantes da música moçambicana, na gala de premiação do Mozambique Music Awards, com um evento assaz apático – no aspecto da organização – e pouco memorável, eis que, finalmente, este ano provou que, de facto, “querer é poder” e melhorou.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Sérgio Costa



Foi como acontece na vida. Ou seja, há falhas que inspiram alguma aprendizagem, de tal maneira que repeti-las seria pura tolice. Em Maputo, no campo da organização de eventos culturais, exemplo do Mozambique Music Awards (MMA) pode-se afirmar – por analogia – que o adágio se aplica perfeitamente.

À guisa de ilustração, se reconhecermos – que para um evento de gala, como seja a divulgação dos premiados do MMA – a escolha, no ano passado, do Cine Teatro África foi um tremendo erro, estaríamos a reconhecer que a mudança para o Centro Cultural Universitário, ainda em Maputo, não foi (apenas uma mera) mudança de cenário, mas a busca da melhoria, uma correcção.

Em 2010, a DDB, entidade mentora do MMA, não se acautelou muito em relação aos pormenores logísticos. Escolheu o lendário Cine Teatro África, agora em degradação. Do facto, derivou, por exemplo, que nalguns lugares houve situações em que o público teve que contornar cadeiras por estas estarem danificadas, para depois esbarrar-se com uma sujeira na seguinte, também em processo acelerado de degradação. Este ano foi diferente, isto é, o mesmo não aconteceu.

A evolução não se limitou à questão espacial, mas alargou-se à dimensão do tempo. Depois do eterno atraso de uma hora para o arranque do programa, igual cenário não aconteceu este ano.

Alguns comportamentos pessoais de alguns artistas revelaram alguma evolução. Por exemplo, a cantora Miss Zavy – que no ano passado, além de trajar uma indumentária pouco decente – para quem se pretende apresentar em público, em evento de gala e, numa estação televisiva de âmbito nacional, como a TVM, havia proferido discursos pouco imprudentes, acautelou-se (inclusive) no discurso.

Um cenário lendário

Se de facto, passadas décadas e séculos, os acontecimentos contemporâneos tornar-se-ão históricos – como o raciocínio historiográfico arvora, então em relação à história da organização de eventos culturais em Maputo, o cenário do MMA 2011 (algo artístico, que nos recorda uma obra telúrica) tem um lugar cativo.

ano passado.

O cardápio da programação (também) revelou-se uma metáfora do discurso político oficial do governo vigente: “a unidade nacional”. É que pessoas de tenra idade, adultas e idosas, bem como manifestações musicais diferentes como a música clássica, a dança tradicional do xigubo, cenas de humor carregadas de um grande valor educativo, entre outros aspectos, que, tendo sido muito bem mesclados, acabaram por conferir uma melhor dimensão ao MMA.

Uma dimensão segundo a qual se deixou transparecer que a DDB fez um bom trabalho de casa para a gala de premiação. Mesmo para quem assistiu pela televisão, do MMA ficou-se com a impressão de que se tratava de um composto cultural e artístico que pretende contribuir de certa forma para a construção social do país. De qualquer modo, vejamos como ficou a classificação final:

Categoria de Música Tradicional e Africana

Na categoria de Música Tradicional e Africana, em que as canções “mbinheto” – o mesmo que sofrimento – e “Ser segunda”, então consideradas, pelo júri, como as melhores composições da música ligeira moçambicana, valeram ao par Ta Basily e Liloca, respectivamente, o pódio. De qualquer modo, a insígnia da Melhor Música Tradicional Africana coube à Orquestra Djaaka, com o tema “unidade nacional”.

No entanto, ao voltar no tempo – para dentro do século X – contar as “Histórias de 918”, o músico moçambicano Nelson Nhachungue, bem como a cantora Júlia Duarte (que fazendo jus à sua curiosidade chegou a cantar “I just wanna know”) acabaram por convencer o júri para que – com os respectivos temas – lhes concedesse um lugar “bem-aventurado”, respectivamente nas categorias de Melhor Música Fusão/Afro Jazz e Tropical.

Música Urbana

Porque as cidades e zonas urbanas são locais em que as indústrias musicais – e culturais por extensão – gravitam, a DDB a inventou uma categoria para, através do MMA, valorizar os estilos e géneros musicais mais explorados nas urbes: a “Música Urbana”.

É neste campo que o rapper Trez Agah acabou por ver o seu processo de recuperação (do incidente originado pela danificação do computador em que tinha as suas músicas registadas, ditando fim ao sonho de produzir o seu primeiro álbum até 2009 protelado) cada vez mais acelerado. Afinal, com a música “Disco duro”, o artista abocanhou os prémios de “Melhor Música Hip-Pop/Rap” e de “R&B/Soul”.

De uma ou de outra forma, quem se sentiu especial de verdade foi a dupla G2 e Mima, ao convencer o júri de que, em termos de R&B/Soul, possui um conhecimento enciclopédico. Aliás, o facto ficou provado, em 2010, com a “especial”.



“Mas porque” – também pode (não) se perceber com muita facilidade. Facto é que nas cidades as pessoas e as noites são dançantes. E é com esta indagação – uma música para dançar – que Romeu Pascoal se deixou laurear na vertente Dance. Por sua vez, e com ar romântico, o artista Gonzo teve o gozo pessoal de ser considerado o melhor em Pop & Rock com “amores e poemas”, encerrando os temperamentos da categoria.

Categorias técnicas

Mas a produção da música, em si, requer – como é óbvio – a aplicação de técnicas, assim como a execução de determinados instrumentos. Aliás, porque algumas pessoas na cidade de Maputo (e não só) aplicam tais técnicas de forma clandestina e desleal acabam por contribuir para a evolução de um fenómeno nefasto: a proliferação da pirataria.

Agindo em contra-senso, o MMA decidiu, de forma implícita, combater os prevaricadores. Ou seja, os praticantes de tais actividades. Eis que premiou os profissionais que aplicam as técnicas de boas formas – em termos de qualidade de som e de imagem – para engrandecer a música e a cultura moçambicanas.

Assim, “Krazzy Beats” – a entidade produtora da música “caí de quatro” do músico romântico Herminio – sagrou-se vencedora

no campo da Produção. Mas foi a convencida Ivânia – ou simplesmente Dama do Bling – que depois de uma “longa espera” vingou-se com um vídeo, considerado de nobre estirpe. Daí as congratulações neste sentido.

Quis a sorte que G2 não fosse bissexuado e, que sozinho, não fosse uma dupla, sob o risco de monopolizar a “Categoria Top 5”. O autor de “disco duro” foi considerado Melhor Artista Masculino de 2010. O seu primeiro álbum, Momento, também foi considerado o Melhor do Ano, ao mesmo tempo que formou a melhor dupla com Mima na música “especial”. É caso para dizer que o empenho da Dama do Bling, em melhorar a sua visibilidade, valeu a pena. Afinal, esta foi a melhor artista feminina.

No entanto, para quem consegue trilhar seguramente “10 anos” pelos caminhos sinuosos da música, como Neyma tem vindo a fazê-lo, nada melhor do que ter conseguido, em 2010, produzir o álbum

mais vendido. Mas, mais importante ainda – revelou-se ser – agradecer (ainda) em vida, um artista com 60 anos de carreira e 75 de vida, como o Prémio Carreira, como se fez a Xidiminguana.

O povo (também) sabe!

De uma única forma – votando – em relação aos melhores artistas do ano 2010, o povo desempenhou um papel determinante, para que Dama do Bling, Iveth e Mima (em afro), e Gonzo (em anónimas) fossem, respectivamente, catalogados como artista, música e vídeo mais populares.

No radialismo, o locutor afro-chinês da Rádio Índico e o seu programa “Retratos” foram considerados melhor animador e melhor programa musical de rádio. No entretenimento televisivo, o apresentador de televisão Gabriel Júnior e o seu programa “Moçambique em Concerto” impuseram-se como os melhores na área da apresentação, bem como em termos de programa musical televisivo.

No entanto, houve resmungos – por parte de algumas pessoas do público contra o sucesso do apresentador Gabriel – facto porém é que o povo é que elegeu quem faz o (seu) melhor pela cultura moçambicana. Mas, finalmente, diga-se, o MMA esmerou-se ao pormenor.



Goste d'@Verdade todos os dias lendo e comentando as notícias no facebook.com/JornalVerdade

Artista plástico Adelino Luís Machava é o grande vencedor da 11ª Edição da Bienal da TDM ao arrecadar o primeiro prémio no valor de 150 mil meticais, com a obra "Xapuluvundza... Para onde vai o Mundo?".

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação →

Afinal, o infecundo era o marido



O primeiro grupo de formandos em Teatro e Dramaturgia na Escola de Comunicação e Arte (ECA) que, depois de quatro anos de uma militância intelectual intensa, finalmente, este ano, irá abandonar a academia para enfrentar os temperamentos da arte no mercado nacional, propõe-se dar resposta a estas – bem como a tantas outras – indagações que advêm das complicações que a infertilidade feminina ou masculina (esta incapacidade de perpetuar a espécie, através da reprodução) acarreta nas famílias.

Na verdade, trata-se da exibição da peça teatral "Yerma", uma obra secular criada pelo conceituado escritor espanhol Federico Garcia Lorca, que marca a projecção de (mais) um grupo de actores profissionais. A peça será exibida a partir deste fim-de-semana no Centro Cultural Universitário (CCU) em temporada que durará até Novembro.

A obra que discute a questão humana, sociologicamente intrigada pela ineficácia dos "contactos primários" (a sexualidade) de que surge a improdutividade, não aparta o homem, no entanto, revela-se um puro tributo à mulher.

A dois dias para o início da temporada – cuja primeira exibição realiza-se este domingo – @Verdade presenciou o último ensaio dos actores, tendodiscutido sobre alguns aspectos com Mauro Vombe que, em paralelo com a actriz e encenadora Nilza Laice, sob orientação do professor Victor Gonçalves, encenaram a obra.

Yerma, numa questão estratégica

Com um total de 11 actores, dos quais sete são mulheres, nomeadamente Angelina Chavango, Lucrécia Noronha, Kátia Balate, Maria Atália, Quinilda Igreja, Rosa Poeira e Violeta Mbitale, do lado masculino interagem Ambrósio Joa, Horácio Guiamba e Mo-made José.

A abundância de mulheres deve-se o facto de Yerma retratar o tema da mulher, e Moçambique ser um país cuja população feminina é a maioria.

Mas, o facto de a Cooperação Espanhola ter financiado o projecto é o ponto estratégico que determinou a selecção da obra.

Todavia, apesar da força dos factores estratégicos acima mencionados, o que vinga mesmo é a actualidade e intemporalidade da obra, sobretudo porque, ainda que tenha sido escrita por um autor europeu, Garcia Lorca, a protagonista da mesma (Yerma) é uma metáfora da mulher do mundo. Ou seja, não se trata, necessariamente, de uma mulher espanhola.

E mais, o tema da esterilidade – retratada em cena, como que originando uma série de desavenças entre os cônjuges – é um problema da humanidade e não somente da sociedade espanhola, chinesa ou moçambicana.

"Nós, como homens ou mulheres, o que nos faz sentir como tais (depois do casamento) é a possibilidade de procriar, de ter filhos. Todos estes factores contribuíram para que não fosse difícil encontrar ou introduzir aspectos da vida social típicos de Moçambique no texto Yerma", conta Vombe.

Aliás, para o actor, "na nossa sociedade é frequente encontrar-se mulheres que inventam gravidezes, como forma de assegurar que os maridos não lhes abandonem". Por exemplo, muito recentemente, a imprensa reportou o caso de uma mulher com uma gravidez farsante. Portanto, "uma cena teatral da própria vida que foi descoberta".

De facto, a obra de Lorca é intemporal. Foi escrita na Espanha, de acordo com uma realidade local – utilizada no passado, é explorada na actualidade e será exposta no futuro – transvazando os limites espaço-temporais.

Vítimas da educação que se prega

Em Yerman, as mulheres são descritas como que assumindo uma posição de "correia transmissora dos valores herdados, mesmo quando são, desses valores, as principais vítimas".

Sobre o exposto, fazemos do interlocutor um exemplo para melhor compreensão.

"Por exemplo, eu sou jovem," diz Mauro e continua: "Se repararmos para a minha herança cultural, em termos de educação que possuo, percebe-se que herdei de uma mulher, a minha mãe. As mulheres são as principais difusoras da educação e cultura".

Ora, contrariamente a isto, se olharmos para as nossas famílias, perceberemos que os homens têm a tendência de abandonar algumas práticas tradicionais dos antepassados. Mas as mulheres, por seu turno, são mais conservadoras. Teimam em cuidar dos filhos, em ser as donas de casa, por aí em diante. Lutam, portanto, para a manutenção dos valores e práticas. Infelizmente, muitas vezes, acabam por se tornarem vítimas.

Levando esta opinião ao extremo, o actor questiona as tendências do "lobolo" nos dias actuais. É que para si, "enquanto as mulheres lutam para conservá-lo, os homens remam contra a maré". Isto percebe-se a partir do momento em que ultimamente se concebe como uma forma de "os homens se apoderarem da mulher, de comprá-la e fazerem o que quiserem dela".

A corda rebentou do lado mais forte

Em Yerma, sobretudo no seio do casal em que a história gravita, o homem é que é estéril. Mas, não ciente do facto, a mulher é que sofre. Julga-se que é infecunda e é acusada de tal.

E mais, a realidade – a par do exposto na peça – impele-nos a assumir que, na prática, quando a mulher não pode conceber, não raras vezes, é vítima da reprovação da sociedade. É vituperada e desprezada. Há casos inclusive em que a mulher chega a ser abandonada pelo marido porque, pior ainda, a sua família aconselha-o para o efeito.

Outro aspecto a ter em conta é, curiosamente, no caso de ser o homem o infecundo, o facto de a mulher não fazer muito alarido, tão-pouco opções, além de se contentar com a sua sorte. Ela luta pela preservação do lar. "Mas nós, os homens, já não conseguimos fazer o mesmo", critica.

Como tal, sendo que, em Yerma, a figura masculina é que é infecunda, o homem alimenta a falsidade durante toda a vida, o que faz com que a mulher passe longos anos ansiosa perante a indiferença do marido que não lhe diz a verdade.

A consequência – grotesca e grave – é que depois de recor-

rer aos curandeiros e esgotar todas as possibilidades para resolver o problema, a mulher descobre que de facto o marido é que não podia ter filhos. Então, "se ele não podia fazer filhos, tendo a consciência do facto e, mesmo assim, não consegue assumir a situação como realidade, significa que não é bom marido, não tem utilidade". A mulher mata-o.



Perante este desfecho macabro, há quem pensa que o essencial da história não é tanto a solução engendrada pela mulher. Ou seja, matar o marido. Mas sim e, acima de tudo, a lição sobre o que pode advir depois da expectativa (gorada) de uma mulher nas relações conjugais.

Matar o marido, pode ser literal – como o é na cena – mas também pode ser uma metáfora do poder da mulher. Como quem diz, a mulher pode suportar (todas) as vicissitudes de uma situação penosa, como um casamento fracassado. No entanto, no dia em que ela se farta da situação, de facto estará cansada. E ninguém poderá segurá-la.

social conseguem ultrapassá-lo. Recordemos um exemplo da comédia Lisístrata.

Na peça Lisístrata – de Aristófanes, escrita no século V a.C., interpretada pelos estudantes da ECA – as mulheres reuniram-se para fazer greve de sexo para acabar com a guerra. Indo à guerra, os homens levavam os seus filhos,



e voltavam depois de muitos anos, encontrando as suas esposas muito idosas, o que fazia com que as trocassem por outras mulheres mais novas.

Até que as mulheres, para evitarem que tal fenómeno prevalecesse, decidiram fazer uma greve de sexo. E assim aconteceu.

Publicidade

A MELHOR PROGRAMAÇÃO INDIANA NA SUA MÃO

Do melhor de Bollywood à actualidade indiana, só a DStv lhe oferece tantas escolhas nos melhores canais da Ásia. Adira já a este Bouquet a partir de apenas 32 USD mensais. DStv é muito mais.

DStv
indian

PRODUTOS SUJEITOS A ALTERAÇÕES

@Verdade

Não tem preço.

Todos os dias

www.verdade.co.mz

4º PODER

COMENTE POR SMS 821115

Seis dos oito candidatos à presidência dos Estados Unidos da América pelo Partido Republicano anunciaram que não vão participar num debate eleitoral organizado pela Univision, depois de a rede de televisão em espanhol líder nos EUA ter informado recentemente sobre a prisão por porte de drogas de um familiar de um senador, facto que ocorreu em 1987, de acordo com o jornal The Miami Herald.

Daily Mail deu Amanda Knox como culpada e inventou reacções

Os “erros grosseiros” no julgamento de Amanda Knox, uma estudante norte-americana que havia sido acusada pelo assassinio da sua colega de apartamento em 2007, não se limitaram à recolha do material forense. Também aconteceram na cobertura noticiosa da leitura da sentença. Algumas edições online de jornais e televisões precipitaram-se e anunciaram que Amanda era culpada. O Daily Mail foi mais longe: inventou toda uma história alternativa.



Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa

A sentença começou a ser lida no tribunal de recurso de Perugia às 21h50 (hora de Maputo), dois minutos depois de os oito membros do júri regressarem à sala de audiências. Quando o juiz Claudio Pratillo Hellman, que presidiu ao processo, disse “culpada”, alguns editores dos sites noticiosos nem pararam para ouvir o que se seguia – e publicaram a notícia errada.

Assim fez o Guardian, que estava a acompanhar a leitura da sentença ao minuto, e a Sky News. No entanto, Amanda Knox estava a ser condenada a três anos de prisão por caluniar Patrick Lumumba, proprietário de um bar falsamente acusado pela jovem de estar na cena do crime, e não pelo homicídio e a violação da antiga colega de Erasmus, a inglesa Meredith Kercher. A pena de 26 anos de prisão a que Knox tinha sido condenada foi revogada.

A Sky News retirou o título errado. O Guardian reconheceu o erro, explicou-o e pediu desculpa aos leitores. Tudo em poucos minutos. O Daily Mail

fez algo de muito diferente: às mesmas 20h50, o tablóide britânico publicou uma notícia desenvolvida do julgamento, partindo do mesmo equívoco, mas relatando acontecimentos que nunca ocorreram – como a reacção da própria Amanda à confirmação da pena por homicídio.

O Daily Mail é o segundo jornal mais lido online em todo o mundo (de acordo com o relatório de Junho da comScore, tem 17,2 milhões de visitantes únicos mensais). E, na competição ao segundo imposta pela concorrência online, o tablóide publicou um artigo preparado com antecedência, com descrições dramáticas da sala de audiências, declarações dos promotores públicos e reacções das famílias Knox e Kercher.

Nick Pisa, o correspondente do Daily Mail em Itália, não poupou na emotividade do texto, escrito antes de tudo o que relata acontecer: “Amanda Knox ficou aturdida esta noite, após perder de forma dramática o recurso da pena de prisão

por homicídio. Quando Knox se apercebeu da enormidade do que o juiz Hellman estava a dizer, afundou-se na cadeira a soluçar incontrolavelmente, enquanto a sua família e amigos se abraçavam uns aos outros em lágrimas”.

“A poucos metros, a mãe de Meredith (a vítima), Arline, a irmã Stephanie e o irmão Lyle, que voaram de propósito (para Itália) para ouvir o veredicto, permaneceram serenos, a olhar para a frente, voltando-se apenas uma vez para a família perturbada de Knox”, continu-

ava. Nick Pisa citava depois os procuradores públicos: “Fez-se justiça”. Embora sublinhassem que, “do lado humano, é triste ver dois jovens a cumprir anos de prisão”.

Inquérito para avaliar procedimentos

Estas declarações não foram inventadas, de acordo com o próprio Daily Mail. Um porta-voz do jornal disse que “foram obtidas citações de ambas as partes tanto para a eventualidade de um veredicto de culpado como para a de um veredicto

de inocente”.

“A confusão sobre o anúncio do juiz significou que a Sky News e vários outros sites noticiosos, incluindo o Mail Online, informaram incorrectamente, durante um período curto de tempo, que Knox tinha sido considerada culpada. (A notícia) foi corrigida um minuto depois”, acrescenta o porta-voz.

“É comum os jornais prepararem duas versões de um artigo, antecipando o veredicto de um tribunal”, nota a mesma fonte. “Gostaríamos de deixar claro

que Nick Pisa não esteve de modo algum envolvido na decisão de publicar a sua história em caixa.” E continua: “Pedimos desculpa pelo erro e lançamos um inquérito para avaliar os nossos procedimentos”.

O que ficou por explicar é onde foi o jornalista buscar, além das citações, as descrições da sala de audiências ou a frase em que avança que Amanda Knox estava já a ser levada, ainda às 20h50, para a prisão de Capanne. Ai, ficaria sob vigia durante os dias seguintes, para não tentar o suicídio.

Publicidade



Fim da recolha de dados da pesquisa sobre “As 100 Maiores Empresas de Moçambique”

A KPMG Auditores e Consultores, após a celebração, no ano passado, da 12ª edição, **segue a passos largos para o lançamento da publicação da 13ª Edição da pesquisa sobre as “100 Maiores Empresas de Moçambique”**, referente aos dados financeiros de 2010 das empresas participantes.

A KPMG encerrou, em Setembro último a recepção dos questionários das empresas e está agora a finalizar o processo de análise de dados e compilação da publicação **a ser lançada em Dezembro de 2011** no local já habitual, o **Centro de Conferências Joaquim Chissano**.

A pesquisa das “100 Maiores Empresas de Moçambique” do ano 2011 apresentará, para além do ranking geral, análises globais e sectoriais, incluindo análise de activos, capitais próprios e diversos rácios de rentabilidade.

Devemos também recordar que, na 10ª Edição deste trabalho, foi inserida a análise da melhor empresa dos últimos 10 anos da Pesquisa, que passou a ser uma análise permanente na publicação, passando também a ser analisada **anualmente a “melhor empresa do ano”** com base em critérios tais como: Crescimento do volume de negócios relativo; Rentabilidade do volume de negócios; Rentabilidade de capitais próprios, Liquidez geral e Autonomia financeira.

A KPMG reitera as palavras de agradecimento aos participantes da pesquisa e também a todas aquelas empresas que participaram na publicação através da colocação de publicidade que irá colorir as páginas da revista.

Este ponto irá ser encerrado no dia 14 de Outubro, havendo ainda alguns dias para que este tipo de participação em forma de publicidade seja possível.



© 2011 KPMG Auditores e Consultores, SA é uma empresa moçambicana e firma-membro da rede KPMG de firmas independentes afiliadas à KPMG Internacional, uma cooperativa suíça.

Jornal francês France-Soir deve migrar para web

O jornal France-Soir poderá tornar-se no primeiro diário francês a deixar de ter versão em papel, passando a funcionar unicamente online, segundo avançou esta quarta-feira o jornal Le Monde. A medida surge numa tentativa de tornar o jornal financeiramente sustentável.



A edição impressa do France-Soir não chegou hoje (quarta-feira 12) às bancas devido a um protesto dos funcionários que, num comunicado, afirmaram “recusar o cenário de desaparecimento da edição impressa a curto prazo, acompanhado de um grande número de despedimentos”.

O diário francês – que em 2009 foi relançado com capitais de um filho do milionário russo Alexandre Pougatchev – tem vindo a acumular perdas que, actualmente, rondam os dois milhões de euros mensais. Devido aos prejuízos, o diário francês foi colocado sob protecção da justiça até ao fim do

ano. A passagem para o suporte digital está, de momento, à mercê de deliberação do Tribunal do Comércio. Caso a hipótese seja recusada, cabe ao tribunal emitir a ordem de venda do jornal, bem como a escolha do comprador.

Segundo um estudo feito recentemente pela ONU e citado pelo Le Monde, só nos Estados Unidos foram já centenas os jornais diários, sobretudo regionais, que abdicaram da sua edição impressa por questões financeiras. Também o diário económico francês La Tribune – que está também sob protecção do tribunal – suspendeu, em Agosto, a sua edição em papel.

Os Tabanka Djaz, uma das mais influentes e representativas bandas da África lusófona, oriundos da Guiné-Bissau, vão actuar em Maputo nos dias 15 e 16 de Outubro. Os concertos estão marcados para o Hotel Polana e Big Brother, respectivamente.

LAZER

COMENTE POR SMS 821115

HORÓSCOPO - Previsão de 14.10 a 20.10



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças; Questões de ordem financeira não lhe deverão criar grandes problemas; há tendência para serem caracterizadas pela estabilidade. No entanto, recomenda-se alguma prudência nas despesas e evite qualquer aplicação ou investimento.

Sentimental; A sua relação passa por um momento algo turbulento e complicado. Os níveis de confiança entre o casal vão estar por baixo e poderão surgir algumas situações de ciúme que, embora não justificadas, poderão criar algumas contrariedades. Uma boa opção é escolher algo de diferente e relaxante. Servirá para aliviar alguma tensão.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças; Seja extremamente cuidadoso em tudo o que se relacionar com este aspeto. Evite as despesas desnecessárias e os compromissos financeiros que não possa assumir.

Sentimental; Este aspeto poderá caracterizar-se por um vazio muito grande. Seja dialogante e compreensivo. Também neste aspeto não misture trabalho com questões de ordem sentimental. Caso o consiga, tudo se poderá modificar e encontrar junto do seu par o carinho e a compreensão tão necessários.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças; Será uma semana regular no aspeto financeiro. Algumas dificuldades que possam surgir serão ultrapassadas. Para o fim do período, a situação tende a melhorar. É recomendável que seja prudente. De qualquer forma, recomendação e contenção nos gastos.

Sentimental; É uma semana caracterizada por alguma insatisfação no aspeto sentimental. Caso não tenha encontrado, ainda, a sua alma gémea, poderá ter esta semana a tal oportunidade porque tanto espera e deseja.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças; As questões relacionadas com dinheiro começam a revelar tendência para se equilibrarem. Assim, naturalmente começará a encarar o futuro imediato de uma forma muito mais positiva.

Sentimental; É uma sma semana muito agradável em perspetiva. Não se afaste do seu par, divida com ele os seus pensamentos e desejos mais íntimos. Se o fizer, terá um período que não se vai esquecer tão depressa.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças; A área financeira é a sua luta constante. As previsões para a semana não sendo as melhores, também não se podem considerar como catastróficas. Continue a viver e a lutar contra este aspeto com a coragem e a determinação que o caracterizam.

Sentimental; Um relacionamento sentimental muito agradável é o que esta semana lhe reserva. O diálogo, a compreensão e o prazer de estar com quem gosta deverão ser aproveitados da melhor forma. Cuidado com as tentativas de terceiros em perturbarem a relação.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças; É uma semana muito equilibrada em todas as questões que envolvam dinheiro que contribuirá para melhorar os seus níveis de confiança. Poderá fazer algumas compras de produtos que lhe fazem falta.

Sentimental; A sua relação amorosa poderá conhecer nesta semana um pequeno paraíso. Não se furte ao que lhe surge e abra o seu coração com o seu par. O entendimento cria-se, e consolida-se numa base de abertura e diálogo franco e sincero.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças; Este aspeto caracteriza-se por uma situação favorável e uma semana tranquila. Os seus problemas não passam por questões relacionadas com dinheiro. Um bom momento para pequenos e médios investimentos.

Sentimental; A sua relação sentimental poderá ser o centro de todos os seus problemas. Seja realista e não se deixe abater por pensamentos que lhe reduzirão as suas forças e capacidades. Dentro de si poderá aparecer uma pequena luz em relação a um futuro próximo.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças; Não se pode considerar que atravessa um bom momento no que se refere a questões de ordem financeira. É uma situação que lhe poderá tirar a estabilidade que tanto necessita. Tenha uma visão otimista e encontrará motivações que o tranquilizarão.

Sentimental; Este aspeto poderá ser muito agradável. Depende de si e da forma como se relacionar com o seu par. Seja compreensivo e evite atribuir culpas a quem as não tem. Se o conseguir, poderá ter, neste aspeto, uma semana muito positiva e que o aliviará de pressões resultantes das outras áreas astrológicas.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças; As finanças poderão ser motivo de alguma preocupação. Não veja tudo pela negativa e pense que, é um momento menos bom mas, rapidamente se modificará. Tudo depende de si e da forma como reagir às situações que forem surgindo.

Sentimental; Esta semana será muito promissora no aspeto sentimental. A aproximação do casal será grande e os resultados serão verdadeiramente gratificantes. O diálogo, a compreensão e o carinho serão a "receita" para uma boa semana.



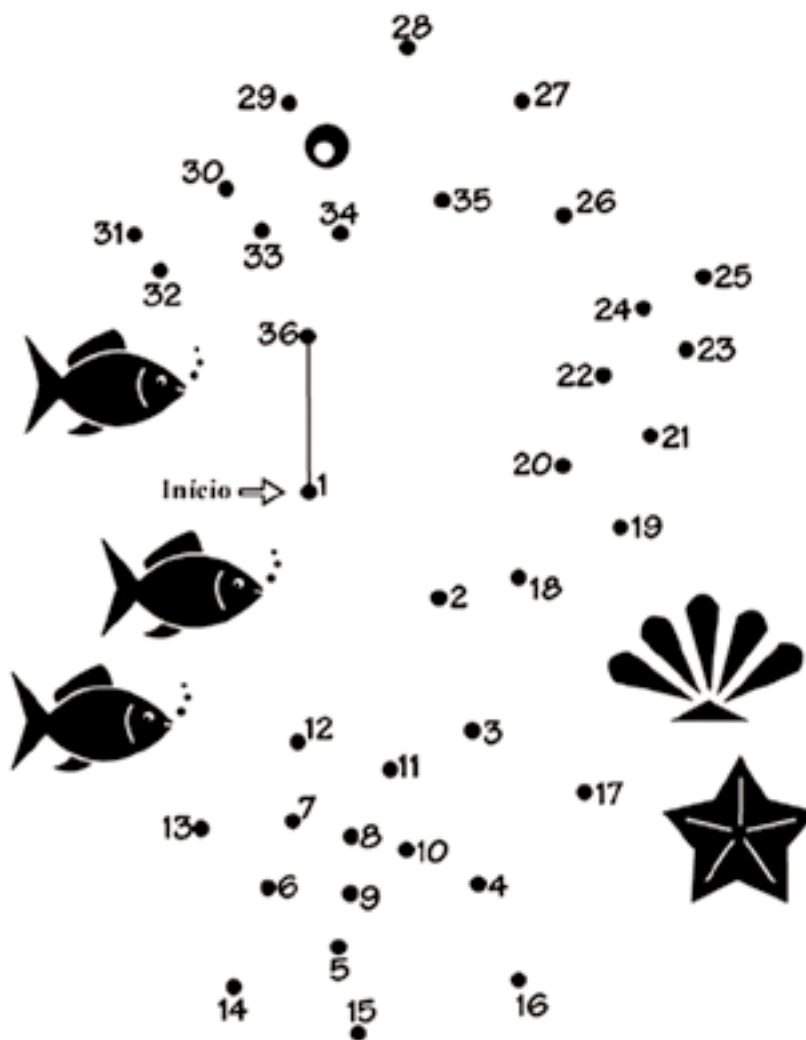
virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças; Tudo o que se relacionar com dinheiro poderá ser motivo de alguma preocupação. Tente fazer uma boa gestão dos seus dinheiros e aguardar que este período de tempo menos positivo termine.

Sentimental; O seu relacionamento amoroso poderá contribuir de uma forma muito positiva para equilibrar outros aspetos. Permita que o seu par se aproxime de si. Além de lhe fazer muito bem, contribuirá para se esquecer das suas preocupações.

LIGA OS PONTOS



SOPA DE LETRAS



SUDOKU

	4	7	5			8	3
	3			7	2	1	
		8		3			
		4	7		9		
		1	2	8	3	5	
			4		5	9	
				2		7	
		9	6	4			8
	8	3			7	4	1

	4		2			9	5
	1		9			3	2
8		2		3			4
	8	6					7
							9
3	7					8	6
2				9		4	5
9	5	1			3		8
	3	4			2		9

MEMÓRIA

Observa atentamente as seguintes figuras durante 40 segundos. Depois tapa-as e responde à pergunta que está em baixo.



Qual é a figura que se repete mais vezes?

ENCONTRE 10 DIFERENÇAS



esteja em cima de todos os acontecimentos seguindo-nos em twitter.com/verdademz

BDF ●●●●●
Beiersdorf

NIVEA
FOR MEN

DESODORIZANTE QUE PROTEGE POR 48H E O MANTÉM SECO

- Fórmula única com minerais activos
- 48h de confiança e proteção anti-transpirante
- Mantém as axilas perfeitamente secas

www.NIVEAFORMEN.com

WHAT MEN WANT

